



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

UBTON JOSÉ ARGOLO NASCIMENTO

**A PRÁTICA EDUCATIVA A SERVIÇO DA FORMAÇÃO DE
TRABALHADORES EM COOPERATIVA, FOCADA NA
SOCIONOMIA: O CASO DOS AGENTES ECOLÓGICOS DE
CANABRAVA.**

Salvador
2005

UBTON JOSÉ ARGOLO NASCIMENTO

**A PRÁTICA EDUCATIVA A SERVIÇO DA FORMAÇÃO DE
TRABALHADORES EM COOPERATIVA, FOCADA NA
SOCIONOMIA: O CASO DOS AGENTES ECOLÓGICOS DE
CANABRAVA.**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação e
Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia
como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em
Educação.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Dias Nascimento

Salvador
2005

Ficha Catalográfica

Nascimento, Ubton José Argolo

N198p A prática educativa a serviço da formação de trabalhadores em cooperativa, focada na socionomia: o caso dos agentes ecológicos de Canabrava / Ubton José Argolo Nascimento. – Salvador, 2005.

000 f.

Orientador: Antônio Dias Nascimento

Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade)–
Faculdade de Educação, Universidade do Estado da Bahia, 2005.

1. Educação – Aspectos econômico. 2. Prática educativa. 3.
Sociedade de massa. 4. Cooperativas. I. Nascimento, Antônio Dias. II.
Universidade do Estado da Bahia. III. Título.

UBTON JOSÉ ARGOLO NASCIMENTO

A PRÁTICA EDUCATIVA A SERVIÇO DA FORMAÇÃO DE TRABALHADORES EM COOPERATIVA, FOCADA NA SOCIONOMIA: O CASO DOS AGENTES ECOLÓGICOS DE CANABRAVA.

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Salvador, 08 de dezembro de 2005

Prof. Dr. Antônio Dias Nascimento
Universidade do Estado da Bahia

Prof^a. Dr^a. Stella Rodrigues dos Santos
Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Cipriano Carlos Luckesi
Universidade Federal da Bahia

A

Terezilde, mulher amada, pelo despertar e apoio em tudo.

Sofia, filha mais que esperada, amada.

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais,

A minha mulher Terezilde (Terê) por ter me despertado para realizar esse mestrado, sinalizando uma disciplina ligada ao que já estava fazendo na prática. Pela compreensão nos momentos de desânimo e desespero, apoio nas noites de sono mal dormidas. Por ser minha confidente fiel.

A Antonio Dias Nascimento, orientador parceiro, que topou orientar-me nessa empreitada, acreditando e colocando-me de frente para a realidade do que eu precisava ver.

Ao Pangea e sua diretoria na pessoa de Antonio Bunchaft, primeiro por ter-me dado a oportunidade de colaborar nesse projeto, e por ter permitido que fizesse dessa experiência o tema da minha pesquisa.

Aos companheiros(as) guerreiros(as) da CAEC (Cooperativa dos Agentes Ecológicos de Canabrava). Gente humilde, sofrida, mas com grande coração acolhedor, que sempre me recebeu com carinho, respeito, entusiasmo, que ficarão na minha vida para sempre.

Ao meu parceiro de batalhas, confidências, discussões, meu irmão e pai sociométrico, Paulo Amado. A quem agradeço, não só por colaborar na realização desse projeto, mas por tudo que vivemos juntos.

A Marília Pessoa, assistente social, pela pessoa maravilhosa que é, pelo carinho e atenção que dedicou a esse projeto. Pela colaboração que me proporcionou com dados importantíssimos.

Aos colegas e professores do Mestrado em Educação e Contemporaneidade da UNEB pelas discussões de alto nível que tivemos ao longo do curso.

Aos meus amigos Rafael Brito, Thelso de Jesus, pela colaboração e apoio afetivo.

Ao meu amigo irmão João Edson Rufino, pela dedicação e amorosidade na árdua tarefa de corrigir o texto.

A minha família: meus pais, meus irmãos, meus sogro e sogra, cunhados, sobrinhos.

Agradeço por compartilharmos essa vida.

*Um homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E a vida é trabalho
E sem o seu trabalho
Um homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata
Não dá pra ser feliz
Não dá pra ser feliz
Não dá pra ser feliz
Não dá pra ser feliz*

(Um homem também chora - Guerreiro Menino: Gonzaguinha, 1983).

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo relatar uma prática educativa para a formação da cooperativa dos agentes ecológicos de Canabrava. Participou dessa pesquisa um público constituído noventa e oito trabalhadores do aterro sanitário de Salvador, que viviam do que retiravam do lixo depositado nesse local. O texto constitui-se de dois capítulos, sendo que no primeiro, buscou desenvolver a compreensão dos processos formativos das sociedades de massa e da sociedade organizada, incluindo a experiência dos badameiros do aterro sanitário de Canabrava, na cidade de Salvador, Bahia e a alternativa para organização do grupo de trabalhadores cooperativamente. A iniciativa dessa organização foi do Pangea – Centro de Estudos Socioambientais, ONG voltada para o resgate do trabalho e renda de grupos excluídos do mercado de trabalho. Os idealizadores do projeto acreditavam que era necessário desenvolver atividades educativas grupais, mas não tinha os meios teóricos para tal. No segundo capítulo, relata a proposta educativa implementada com a finalidade de viabilizar a formação desses trabalhadores para atuação associativa, tendo o coletivo como referência do conhecimento. Utilizando-se da metodologia socionômica para direção de trabalhos grupais, demonstra as atividades desenvolvidas na rotina dos trabalhos pedagógicos por um educador, onde a compreensão das relações cotidianas era o ponto de partida para a pesquisa dos conteúdos e formas de trabalhar os mesmos. Sem descuidar da programação das reuniões de coordenação pedagógicas, demonstra uma forma de configuração e concretização da realidade cotidiana dos trabalhadores com fins pedagógicos, pois, assim sendo, estaria mais próximo da realidade de vida das pessoas e do local. Na fase seguinte dos trabalhos grupais, tratou das relações entre os trabalhadores cooperativados, utilizando-se da socionomia para dar visibilidade e tratamento às temáticas das relações interpessoais, onde os conflitos no novo papel de cooperativado faziam-se presentes. A pesquisa utilizou-se dos relatos dos trabalhadores durante as fases de desenvolvimentos dos trabalhos, os quais indicam as dificuldades básicas do grupo, levando à concretização das mesmas utilizando-se do imaginário e da corporeidade para tal, e as mudanças na percepção dessas pessoas à medida que vão sendo introduzidos os conteúdos necessários aos novos processos de tratamento do material reciclável coletado, assim como a percepção de cada um como cidadão. Ao perceberem-se como trabalhador reconhecido pelos demais membros da sociedade, a auto-estima dessas pessoas sofre alterações, e a diferenciação em relação aos demais elementos

faz-se presente. Os conflitos para a organização da massa de trabalhadores do badame em agentes ecológicos cooperativado foi superada gradativamente a partir dos encontros onde os temas eram tratados coletivamente, com cada participante podendo colocar-se como pessoas diante dos demais. Para finalizar os trabalhos, foram realizadas uma série de entrevistas individuais com os trabalhadores, com a cooperativa funcionando plenamente, mesmo que ainda não em seu local definitivo, com o objetivo de buscar informação pessoais sobre as transformações ocorridas na vida dos sujeitos engajados nesse projeto e a percepção de si mesmo. Aparece repetidamente nas falas, o desejo que outros companheiros do lixão tenham a mesma oportunidade.

Palavras-chave: Prática educativa; Cooperativa; sociedade de massa; socrionomia; papel; corporeidade.

ABSTRACT

This abstract aims at reporting an educative practice for the formation of the cooperative of Canabrava's ecologic agents. This search had the participation of a public made of ninety-eight workers of Salvador's sanitary embankment who made a living out of what they collected there. The text is composed of two chapters. In the first one there is an attempt at developing an understanding of the formative processes of the mass societies and of the organized society, including the experience of the "badameiros" (people who collect materials in the refusal yard) of Canabrava's sanitary embankment's which is in Salvador, Bahia and the alternative for the organization of the group of workers in a cooperative form. The initiative of this organization belongs to Pangea - (Socio-environmental Study Center), a NGO focused on the rescue of work and income of groups excluded from the work market. Those who idealized this work believed that it was necessary to develop group educative activities but did not have the theoretical means for such development. In the second chapter, the text reports the educative proposal which was implemented aiming at making it feasible the formation of these workers to act in an associative way, having the collective scope as a reference of knowledge. By using the socioeconomic methodology to guide the works of the groups, it shows the activities developed in the routine of the pedagogic works by an educator, where the comprehension of the everyday relationships was the starting point for the search of the contents of those activities and the ways to work those contents. Without neglecting the schedule of the pedagogic coordination meetings, it shows a way of configuring and realization of the worker's everyday reality with pedagogic ends, for, being so, it would be closer to this place's and this people's life reality. In the following step of the group works, the text focused on the relationships between those workers members of the cooperative through the use of socioeconomics to visualize and treat the interpersonal relationships' themes, where conflicts in the new role of cooperative members arose. The search used the workers reports during the developing phases of the works which indicate the group's basic difficulties, leading to their realization by using the imaginary and bodily forms, and the modifications of those people's perception as the necessary contents were being introduced to the new treating processes of the collected recyclable material, as well as each one's perception as a citizen. When they perceive themselves as a worker acknowledged by the other members of the society, those people's self-esteem change and some difference

compared to the others arise. The conflicts for the organization of the mass of workers of the refusal yard into a cooperative of ecologic agents were solved gradually in the meetings where the themes were treated in a collective way, with each participant being able to put themselves as a person before the others. To end the works, a series of individual interview with the workers took place with the cooperative running fully, even though not yet in its definitive place, with the objective of collecting personal information about the changes that occurred in the lives of the people involved in this project and how they perceived themselves. It appears repeatedly in the talks the wish that the other fellows of the refusal yard have the same opportunity.

Keywords: Educative practice; Cooperative; Mass societies; Socionomic; Role; Bodily forms.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADS	Agência de Desenvolvimento Solidário.
ANTEAG	Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária.
CAEC	Cooperativa dos Agentes Ecológicos de Canabrava.
CEASA	Centro de Abastecimento de Salvador.
CENBA	Central de Badameiros.
COOPCICLA	Cooperativa de Recicladores.
COSPE	Cooperazione per lo Sviluppo dei Paesi Emergenti.
CUT	Central Única dos Trabalhadores.
DST-AIDS	Doenças Sexualmente Transmissíveis.
EUA	Estados Unidos da América.
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.
HGE	Hospital Geral do Estado.
ITCP	Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas.
LIMPURB	Empresa de Limpeza Urbana de Salvador.
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.
ONG	Organização Não-Governamental.
PEAD	Polietileno de Alta Densidade.
PET	Polietileno Tereftalato.
SECOMP	Secretaria de Combate à Pobreza.
SESP	Secretaria Especial de Serviços Públicos.
UE	União Européia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Lixão de Canabrava	36
Figura 2 - Lixão de Canabrava	37
Figura 3 - Aterro sanitário de Canabrava	39
Figura 4 - Comunidade em torno do antigo Aterro sanitário	44
Figura 5 - Aterro sanitário de Canabrava	85
Figura 6 - Fotografia no galpão de trabalho, na Estrada da Muriçoca	90
Figura 7 - Preparação do papelão para ser prensado	91
Figura 8 - Papelão prensado	91
Figura 9 - Papelão prensado	92

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	COOPERATIVA COMO UM GRUPO SOCIAL AUTO-ORGANIZADO	
2.1	Massa: um agrupamento humano de individualidades paralelas	18
2.2	Massa e modernidade	22
2.3	Alternativas positivas: engajamento radical	27
2.4	Cooperativismo como caminho	29
2.5	Os badameiros em Salvador, Bahia- construção de uma experiência Cooperativa.	35
2.5.1	A experiência dos badameiros	35
2.5.2	Processo de organização de um grupo de badameiros em Salvador	44
2.5.3	Proposta pedagógica	47
2.5.4	Atuação de um educador na formação de trabalhadores cooperativados.	49
3	A FORMAÇÃO DO GRUPO E OS PROCESSOS SOCIOEDUCACIONAIS INTERVENIENTES	
3.1	Metodologia proposta	52
3.1.2	Sociopsicodrama, ou socionomia, ou psicodrama	53
3.2	Atividades de formação na experiência de construção da cooperativa	58
3.3	Construção e desenvolvimento do <i>socius</i>	72
3.3.1	Atividades desenvolvidas na perspectiva da construção do <i>socius</i>	73
3.3.2	Comentários sobre as entrevistas	84
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS	99
	GLOSSÁRIO	103
	APÊNDICES	
	APÊNDICE A - Entrevistas Realizadas com os Cooperativados da CAEC	105
	APÊNDICE B - Entrevista Realizada com a Assistente Social	126
	APÊNDICE C - Entrevista Realizada com o Diretor da ONG Pangea	132

1 INTRODUÇÃO

Por conta da lógica perversa e excludente que o sistema capitalista opera, no mundo contemporâneo, torna-se impossível a absorção de todos os indivíduos nos modos de produção disponíveis na estrutura social. Schaff (1995) sinaliza para o que chama de “Desemprego Estrutural”, proporcionado pela substituição da mão-de-obra humana por autômatos, quando as pessoas que perderam seus postos de trabalho dificilmente retornarão para os mesmos, tendo que desenvolver novas habilidades para sobreviver diante de tal contexto. O aprofundamento dessa lógica de exclusão tem criado novas situações, colocando o trabalhador numa posição de tremenda instabilidade, tanto na garantia do emprego quanto no salário a receber no final do mês.

Foi nesse contexto que surgiu o trabalho realizado pela ONG Pangea – Centro de Estudos Socioambientais, com o intuito de organizar uma massa de trabalhadores desempregados, que ganhavam seu sustento catando material reciclável e alimentos no lixão de Canabrava, Salvador, Bahia. O objetivo do Pangea foi à formação da Cooperativa dos Agentes Ecológicos de Canabrava (CAEC), capacitando pessoas nomeadas “badameiros”¹ para trabalhar associativamente.

Essa dissertação tem por objetivo relatar a experiência de formação dessa cooperativa e o processo didático-pedagógico utilizado pelo autor do presente trabalho para o desenvolvimento do papel de cooperativado, assim como avaliar os resultados obtidos. Deste modo, esse estudo apresenta-se em dois capítulos, sendo que, no primeiro, trabalho a compreensão teórica da saga da sociedade de massa e da sociedade organizada, incluindo aí a experiência dos badameiros na Cidade do Salvador, Bahia; e, no segundo capítulo, relato a experiência educativa realizada a serviço desse processo de formação de trabalhadores para a organização e manutenção de uma cooperativa.

Trabalhou-se com o grupo em dois momentos diferentes: o primeiro como educador do módulo de “habilidades básicas”, onde o foco pedagógico foi mais intenso, até por conta da necessidade de tratar alguns temas essenciais. Um segundo momento em que meu papel era de um mediador de questões grupais diante do desempenho dos novos papéis de cooperativados na vida daqueles trabalhadores. Como instrumento de avaliação de todo esse processo, além dos registros dos encontros grupais, realizei, ao final, uma série de entrevistas

¹ Badameiros: pessoas que tiram o sustento trabalhando nos aterros sanitários, revirando o lixo misturado, como chegam nos caminhões (badame). (Informação verbal).

abertas com um grupo de cooperativados, para recolher informações sobre a história pessoal de cada um e o estado em que se encontram nesse momento da CAEC.

A fundamentação teórica desse estudo tem sua atenção voltada para compreender, de um lado, seres humanos agrupados sob a forma de massa², sem organização e, conseqüentemente, sem poder de atuação e reivindicação; e, por outro lado, a sociedade e os grupos sociais organizados como força de auto-gestão, auto-sustentação e poder reivindicatório.

Essa massa de trabalhadores que vivia do aterro sanitário da cidade de Salvador são pessoas que não viam outro local para retirar os meios materiais básicos para sua sobrevivência e de sua família. Alguns já tiveram histórias de trabalhar em empresas, ou seus pais já foram empregados, mas tiveram que recorrer ao “badame” para conseguir o que comer, por estarem desempregados e sem qualquer amparo social. Famílias inteiras viviam desses rejeitos, onde o pai e a mãe levavam os filhos, ainda pequenos, de cinco ou seis anos, para ajudarem na coleta e seleção do material catado. Essas crianças encararam essa realidade muito cedo, chegando à fase adulta com o sentimento de que não puderam viver uma infância como outras crianças de sua faixa etária, que tiveram o direito de brincar, estudar e viver em melhores condições de saúde.

No aterro sanitário de Salvador, que era localizado no bairro de Canabrava, existiam 1093 (um mil e noventa e três) pessoas trabalhando diretamente com o lixo segundo levantamento da Empresa de Limpeza Urbana de Salvador (LIMPURB) em 1997. Foram feitas várias tentativas de retirar essa “massa” de trabalhadores do lixão de Canabrava, mas nenhuma teve sucesso por muito tempo, tratava-se de projetos apressados, que visavam o mascaramento da situação e que não se sustentavam. Com a nova forma de tratamento do lixo segundo o processo de bioremediação³ tornava-se inviável a presença das pessoas circulando em meio às máquinas responsáveis pelo aterramento. As autoridades municipais não sabiam o que fazer com essa massa que tinha chegado a tal condição de sobrevivência.

Enquanto viviam no lixão, era cada um por si, catando seu material isoladamente e vendendo-o aos balanceiros⁴ nos arredores do aterro. Era necessário vigiar o material catado para que outros catadores não se apossassem dos mesmos, impondo-se pela força física. Era

² Massa como agrupamento de pessoas sem uma organização definida.

³ Bioremediação: tratamento dado ao lixo que consiste em aterrar o lixo em valas, que após algum tempo será revolvida e aterrada mais uma vez. Procedimento que se repete por algumas vezes.

⁴ Balanceiros: pessoas que pesam e compram a produção de material reciclável do dia de trabalho dos badameiros.

uma luta pela sobrevivência, como diz Vilfrides⁵: “No lixão é a lei da sobrevivência, o mais forte ganha do mais fraco”. Com essa frase, ele faz uma alusão às leis que vigoravam no aterro.

O modo solidário de produção que agora experimentam, tem provado ser uma alternativa consistente e inserida nos cânones da “socioecologia”⁶ humana contemporânea, que se caracteriza pelo desenvolvimento de relações igualitárias entre as pessoas que participam do mesmo modo de produção. Não há espaço para a competitividade entre os trabalhadores, tal qual nas empresas tradicionais, mas, sim, a divisão do trabalho com a criação de oportunidade para todos. Isso livra as relações humanas da famigerada corrida individualista pregada pelo modelo que tem a concentração do capital (lucro) como objetivo maior, além de contar com a possibilidade de re-inclusão do cidadão no mundo do trabalho.

“A empresa solidária nega a separação entre trabalho e posse dos meios de produção” (SINGER, 2003, p. 83). O capital dessa empresa é de propriedade dos que nela trabalham, portanto, o poder também se encontra compartilhado. Todas as decisões têm que passar pela anuência dos seus membros, que agora são co-gestores do negócio. Como escapa ao propósito de maximização do lucro sobre o capital investido, os ganhos da empresa são repartidos entre seus membros de forma igualitária, segundo assembleia geral. Sua finalidade básica é a geração de trabalho em quantidade e qualidade. As sobras econômicas que, porventura possam ocorrer ao final de uma jornada, serão encaminhadas segundo as decisões do conjunto dos trabalhadores organizados em cooperativa.

Autores contemporâneos como Paul Singer e Boaventura de Souza Santos, alertam para os perigos aos quais as cooperativas estão submetidas no cenário moderno, como a possibilidade de retornarem ao modo tradicional heterogerido. Nas empresas cooperativadas, ocorre o desenvolvimento de relações democráticas entre os trabalhadores, a participação ativa nos negócios da empresa, o funcionamento dentro dos seus estatutos, e ao mesmo tempo, estão inseridas no mercado competitivo, para que possam cumprir sua missão. Estudos em torno dessa problemática podem contribuir para que o modo de produção associativado encontre os caminhos da longevidade. Boaventura Santos alerta,

[...] Como evitar o ressurgimento de hierarquias e da apatia em organizações cujo êxito depende da participação direta e do compromisso de quem trabalha nela?... Singer sugere que a solução poderá ser encontrada nos processos de educação que acompanham o funcionamento das

⁵ Vilfrides: cooperativado em informação verbal concedida em entrevista.

⁶ Socioecologia: lat. *socius*, 'associado, companheiro, aliado'; Al. Ökologie: gr. *oikos*, 'casa' + gr. *lógos*, 'linguagem'. Neologismo que refere-se às relações entre os elementos da sociedade contemporânea. (www.dicionariohouaiss.com.br/dicionario, em 10/01/2006).

cooperativas para mitigar a divisão entre patrões e empregados. Melo assinala as vantagens de estruturar redes horizontais de apoio mútuo entre organizações econômicas alternativas de todo o tipo que aumentem a possibilidade de estabelecer relações horizontais no interior de cada uma delas. (SANTOS, 2002, p. 70).

O modelo associativado de produção surge como uma alternativa de desenvolvimento local, mas não deve ater-se somente a esta escala, pois acaba ficando isolado, ocupando apenas as brechas deixadas pelo modo capitalista, passando de alternativa de produção para alternativa de sobrevivência. Tudo aquilo que não serve ao capitalismo é renegado para as pessoas que se organizam em cooperativas. Um exemplo claro desse fato está nas empresas solidárias que trabalham com materiais recicláveis, atividade renegada pela maioria dos trabalhadores, mas que tem se mostrado uma fonte de geração de trabalho e renda para muitas pessoas, sem contar com os benefícios que promovem ao meio ambiente, viabilizando o reaproveitamento de materiais altamente poluentes. Essas empresas também trazem benefícios ao racionamento de energia, pois a reciclagem consome menos energia que os processos de transformação da matéria prima bruta.

“A educação dos bancos escolares” não dá conta do desafio de formar pessoas para uma organização autogerida, pois seu projeto pedagógico foi construído para gerar trabalhadores para as fábricas, executantes de programas passados verticalmente, com o intuito de maximização da produção e do lucro, perpetuando o *status quo* do sistema dominante. Tal qual nos bancos escolares, o professor dá aulas para uma platéia de alunos, que na sua maioria, limita-se a copiar o que está sendo passado sem ao menos questionar sua utilização no cotidiano. Algo semelhante acontece nas fábricas, que, como meros executantes, os profissionais limitam a seguir procedimentos em sua carga horária de trabalho, não se interessando pelo que está acontecendo a sua volta.

O ato de produzir no modo capitalista não é capaz de humanizar os trabalhadores em sua plenitude, pois a produção não retorna para eles em sua integralidade, dialeticamente. Tem algo da intersubjetividade originária no trabalho que escapa à reflexividade do trabalhador que produz. Portanto, não é humanizável, nem para os trabalhadores, nem àqueles para os quais serão revertidas partes dessa força, devido não vir como resultado consciente do seu ato criativo e produtivo. (FREIRE, 1970).

Assim sendo, faz-se necessário o desenvolvimento de proposta pedagógica que possa viabilizar o desenvolvimento da percepção de trabalhador livre. Aquele que poderá tomar para si as decisões e os encaminhamentos de suas ações, para uma melhor qualidade de vida. Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido*, traça um perfil existencial do trabalhador oprimido por

aquele que detém os meios de produção e as relações que se desenvolve a partir destas posições. Fala da necessidade de realizarmos uma pedagogia dialógica, onde as palavras dos educandos são o ponto de partida para a inserção do conhecimento, que deve ser contextualizado com as vivências das pessoas para as quais essa educação servirá.

Assim, fazendo parte do processo de formação desses trabalhadores, utilizei uma metodologia didático-pedagógica que acreditava ser capaz de proporcionar os meios necessários ao tratamento das temáticas de interesse dos trabalhadores, sem fugir das metas do projeto. Considerando os ensinamentos de Paulo Freire, introduzi uma abordagem socrônica aos encontros, que tradicionalmente seriam chamados de aulas, mas que na realidade, eram sempre dirigidos pelos educandos nessa trajetória de construção e consolidação do conhecimento.

A socionomia é a ciência que se ocupa da pesquisa e tratamento das relações interpessoais nos grupos, com o intuito de ampliar a percepção das pessoas sobre os fenômenos e questões que os envolvem. É um sistema complexo desenvolvido por Jacob Levi Moreno no início do século XX que utiliza métodos de ação para as pesquisas das relações interpessoais e entre pessoas e coisas. O que me fez experimentar essa metodologia foi a aproximação filosófica entre a proposta da pedagogia da libertação e o modelo moreniano, pois ambos têm como base a abordagem fenomenológica existencial dialógica.

Utilizei os recursos da socionomia, tendo como fim a educação de trabalhadores para uma proposta nova de trabalho, onde a diferenciação e o diálogo seriam fundamentais para o desenvolvimento das relações entre os trabalhadores e as demais áreas da sociedade. Partindo do conhecimento de estudiosos como Boaventura de Souza Santos, Paul Singer, Paulo Freire, no qual se acredita que a pedagogia moderna, calcada nos métodos da educação bancária, não daria conta de tal proposta, creio que a utilização de meios pedagógicos que têm a ação e reflexão como proposta de pesquisa e tratamento das questões das pessoas e coisas envolvidas será de grande valia para outras experiências como a formação de cooperativas.

2 COOPERATIVA COMO UM GRUPO SOCIAL AUTO-ORGANIZADO

2.1 Massa: um ajuntamento humano de individualidades paralelas

As calamidades encontradas na vida pelos humanos, tais como a fome nos países pobres, as guerras por motivos econômicos e religiosos, dentre outras, seriam melhor resolvidas se as pessoas envolvidas na problemática se reunissem em grupos para dialogar sobre o assunto e encontrar encaminhamentos para solucioná-las, pois isso poderia criar meios para a multiplicação das forças individuais e coletivas rumo à melhoria da qualidade de vida para todos. Não podemos mais conceber que aquilo que atinge ao meu vizinho ou outra pessoa do outro lado do mundo não nos afeta como pessoa privada em nosso mundo pessoal e enquanto coletividade nas cidades, nas famílias e nos grupos dos quais fazemos parte.

A perda da condição de cidadão ocasionada pela falta do trabalho coloca os sujeitos diante da dura realidade de ter que recorrer a ações extremas para garantir seu sustento. A alternativa é distanciarem-se cada vez mais das cidades, indo residir nas periferias dos centros urbanos, onde a luta pela sobrevivência se faz a custos menores. Isso vem acontecendo há muitos anos com os que são disponibilizados do mercado de trabalho formal por não terem qualificação necessária para o aproveitamento pelas empresas, formando os bolsões de pessoas sem ocupação.

O “exército de pessoas” que vivem nos lixões das grandes cidades é um grande exemplo do que descrevo: pessoas que nunca tiveram a chance de trabalhar regularmente numa empresa ou que já trabalharam, mas que foram demitidos, pois os trabalhos que realizavam passou a ser realizados por equipamentos automáticos programados por “chips” eletrônicos. Encontramos depoimentos de pessoas com curtas passagens por empregos formais, como José Antônio⁷ que começou a trabalhar no aterro sanitário aos seis anos de idade, levado pela mãe e que hoje se encontra com trinta e três anos de idade cujos pais perderam o posto de trabalho que tinha e viram no lixo uma fonte de garantir a sobrevivência própria e dos familiares.

⁷ José Antônio: cooperativado em informação verbal.

Nessa direção, milhares de indivíduos, em outros centros urbanos, vivem dos rejeitos daqueles que conseguiram se manter inseridos no mercado de trabalho. Exemplo disso é o antigo aterro sanitário de Salvador, localizado no bairro de Canabrava, onde, segundo levantamento da LIMPURB de 1997, existia 1093 (um mil e noventa e três) pessoas sobrevivendo do lixo. Uma verdadeira massa submetida às mais adversas condições para se manter viva, alimentando-se do que eram trazido pelos caminhões da coleta de lixo da cidade. Cenas que chocariam outras pessoas que não tivessem o hábito de conviver nesse lugar, como é o caso da assistente social, na época estagiária da LIMPURB, Marília Pessoa, que em seu depoimento diz: “[...], no primeiro contato, você se assombra. Eu fiquei abalada emocionalmente, tive que subir para a sede porque estava chorando.”⁸(informação verbal). Mas, para os demais trabalhadores que conviviam no aterro, a atividade que realizavam era comum, não havendo estranhamento entre eles.

Segundo Le Bon, em “*A Psicologia das Multidões*”, o comportamento das massas tem por característica a uniformização dos homens, a indiferenciação. Ele foi um dos primeiros pesquisadores a procurar fazer a descrição de uma fenomenologia das massas e seus desdobramentos. Segundo ele:

[...] Seja qual for a espécie de indivíduos que compõem a multidão, por semelhantes ou díspares que possam ser seus modos de vida, suas ocupações, caráter e inteligência, o simples fato de estarem transformado em massa dota-os de uma espécie de alma coletiva, em virtude da qual sentem, pensam e atuam de um modo inteiramente distinto ao que deles, separado dos outros, sentiria, pensaria ou falaria. (LE BON, 1919, apud FREUD, 1921, p. 8).

Le Bon introduz um achado importantíssimo para a psicologia das multidões, que é a possibilidade de comportamentos inusitados capazes de dar um traço característico todo especial aos grupos em dado momento, diferentes dos encontrados quando os indivíduos estão sozinhos. O contágio emocional, a sugestibilidade não estão devidamente explicados pelo autor, aludindo à uma fenomenologia de grupos. A preocupação dele foi descrever o que chamou de “alma das multidões” onde a uniformização dos homens na massa aparecia como característica; o predomínio da personalidade inconsciente; tendência a converter em atos as idéias; passam a ser autômatos destituídos de vontade própria.

Aparece, também, em outro teórico chamado McDougall uma definição de grupos organizados e não-organizados, representando as duas formulações grupais onde, numa é possível dominar os instintos individuais no grupo, e noutra os impulsos violentos estão à

⁸ Marília Pessoa-Assistente Social em informação verbal concedida em entrevista no dia 08/11/2004.

solta. A massa continua apresentando um sentido de malignidade por fugir ao intuito da sociedade de controle, dominação e sua manutenção dentro da ordem. (FREUD, 1921).

A contribuição que a psicologia de profundidade trouxe para compreendermos melhor o que acontece aos sujeitos, quando reunidos em grupos, foi trazida por Freud em seu trabalho “*A psicologia das massas e a análise do ego*”. Neste ensaio, ele procura nos conduzir à explicação de como os homens funcionam nas massas, ao comportamento no coletivo, aludindo ao que acontece com os sujeitos nas neuroses. Aparece a figura do líder ou superior, aquele ao qual o grupo procura seguir como um Ego-Ideal, baseando-se no modelo de identificação transferida para o pai ou o líder real ou imaginário⁹. Tomando como exemplo os grupos “altamente organizados e duradouros”, como as igrejas e o exército, o processo de identificação com um “superior” cria as condições para que os sujeitos se esforcem em seguir aquele modelo como o ideal, “procurando ajustar seu próprio ego à imagem e semelhança do outro”. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978). Dessa forma, todos os membros do grupo encontram-se ligados a um ser “superior”, real ou imaginado, e ao mesmo tempo ligados a todos os demais membros do grupo, sendo todos iguais entre si. Não há distinções entre os integrantes da massa.

Segundo Freud (1921), a psicodinâmica desse processo é movida pelos “apetites sexuais inibidos em seu objeto”. Dessa forma, ele justifica o comportamento ordeiro das pessoas nos grupos altamente organizados, comparando-o com algo que acontece nas neuroses, onde os sujeitos encontram-se presos a formas peculiares de comportamentos, por apresentarem determinadas inibições no tocante aos seus impulsos sexuais. Então, essa coação à qual os sujeitos encontram-se submetidos nos grupos tem o papel de reprimir tais impulsos, induzindo nas pessoas uma forma de postarem-se na vida tal qual o grande líder, porém afastadas do que seriam os anseios individuais. Não havendo tais mecanismos de repressão, toda a violência, agressividade, teria abertura para serem expressas de formas desordenadas. Sendo assim, a massa teria um papel fundamental no convívio social que é a passagem de um egoísmo para um altruísmo, viabilizado pela “sublimação dos impulsos sexuais” e o aparecimento do sentimento social. (HORKHEIMER; ADORNO, 1978). Temos em Freud uma compreensão moderna do homem enquanto indivíduo constituinte de uma massa.

⁹ “Os homens não se fazem massa por simples quantidade, mas sob a ação de condições sociais específica, entre as quais se incluem tanto o comportamento do líder ou de outra figura paterna, como a identificação com o líder, com os símbolos ou com a horda de seus próprios semelhantes, submetidos à mesma dependência.” (HORKHEIMER; ADORNO, 1978, p. 85).

José Ortega y Gasset (1926, p. 34) em “*A rebelião das massas*” traz uma noção de massa como: “Massa é todo aquele que não se valoriza a si mesmo - no bem ou no mal - por razões especiais, mas que se sente ‘como todo o mundo’, e, entretanto, não se angustia, sente-se à vontade ao sentir-se idêntico aos demais”. Esse “se sente como todo mundo” sinaliza para um processo de indiferenciação, de não reconhecimento de si próprio, podendo criar as condições para que os absurdos sejam naturalizados, assim como viabilizar a união das forças para lidar com a situação.

Enquanto todos estiverem fazendo parte de um mesmo contingente de excluídos, degredados da vida, imbuídos do mesmo propósito (que é garantir a sobrevivência daquilo que outra fatia da sociedade tem como escórias de seu consumo), não haverá espaço para angústias, pois, naquela massa, todos vivem nas mesmas condições. Não há melhores ou piores, há, sim, um retorno para um estado primitivo de vida, paradoxal a todos os avanços tecnológicos da era moderna.

O sentimento de angústia surge quando essas pessoas que vivem em condições extremas, como foi o caso dos indivíduos que fizeram parte dessa pesquisa, aparecem diante de outros grupos que não vivem a mesma realidade, ficando estes últimos chocados com a forma como aqueles sobrevivem dos lixões. Isso podia ser através de uma reportagem ou até mesmo quando as pessoas que passavam nos ônibus e viam outras sobre as montanhas de lixo. Isso causou constrangimento aos badameiros, pois era como se vivessem no mundo subterrâneo e não tolerassem o contato com outras pessoas, porque estas não toleravam o contato com eles: “No lixão, quando passava um ônibus, eu me escondia, quando ia à praia, mentia, dizia que morava na Boca do Rio. Na CAEC, eu tenho orgulho de dizer que moro em Canabrava e participo de uma cooperativa”. (informação verbal).¹⁰

Esses mecanismos de compreensão das massas de José Ortega y Gasset em “*A rebelião das massas*” são aceitáveis quando tratamos de um grupo organizado, estruturado, como no caso do exército e da igreja. Não podemos utilizá-lo plenamente quando trabalhamos com um grupo que a única coisa que une as pessoas é a necessidade de sobreviver diante de um contexto socioeconômico tão adverso. O que torna os badameiros uma massa não-organizada é a inviabilidade de trabalhar em outra coisa que não seja o lixão para retirar o sustento para si e seus familiares, sendo, portanto todos iguais entre si, e diferente de todo o restante da sociedade, diante de tal situação. Não há uma liderança, uma coordenação, um chefe. Estão todos reunidos pelo mesmo motivo, individualmente, sem que haja uma

¹⁰ Informação verbal em entrevista com o cooperativado Vilfrides da Conceição Oliveira em 25/10/2004.

referência a um líder que possa sinalizar a direção de um trabalho em grupo, no coletivo. No contexto de uma cooperativa surge o ambiente propício para o desenvolvimento de uma massa organizada, onde o líder ou presidente dirige e é dirigido pelo grupo todo o tempo. Agora não mais um ego-ideal a ser seguido, mas sim a combinação das intersubjetividades dos elementos dessa massa sinalizando os caminhos a serem seguidos pelo coletivo.

2.2 Massa e modernidade

Dentre as formas contemporâneas de avanço tecnológico, destacam-se as descobertas da microeletrônica, da informática, viabilizando o processo de automação industrial voltado para substituir a capacidade intelectual do homem dentro do processo produtivo. Schaff (1995, p. 22) afirma que: “[...] a diferença, porém está em que enquanto a primeira revolução conduziu a diversas facilidades e a um incremento no rendimento do trabalho humano, a segunda, por suas conseqüências, aspira à eliminação total deste (o trabalho)”. No primeiro momento da revolução científica, o objetivo era substituir a força física do trabalhador. Essa revolução visava a substituição do homem por autômatos nos postos de trabalho, equipamentos capazes de comandar aquelas máquinas que substituíram a força humana no primeiro momento, coordenados por processadores de computador mais eficiente para controle de processos produtivos mecânicos, repetitivos. Didaticamente, seria: máquinas inteligentes comandando outras que utilizam o recurso da força.

Num primeiro momento da explosão tecnológica, levas de trabalhadores conseguiram inserir-se em determinadas atividades, fruto do desdobramento da explosão da produção e do enriquecimento no pós-guerra. Existiam intensa produção e condições de manutenção do consumo. Na atual circunstância, os desempregados, frutos dessa segunda explosão tecnológica, não encontrarão meios para a recuperação dos postos de trabalho nas fábricas, pois o que mudou foi a estrutura do sistema produtivo e não medidas para reduzir custos e aumentar a produção, simplesmente. Temos o que Schaff (1995, p. 29) chama de “desemprego estrutural”.

Configura-se um quadro onde o desemprego crescente tem diminuído as possibilidades de consumo, pois poucos podem dispor de dinheiro para comprar os produtos

industrializados. Conseqüentemente, isso gera mais desemprego, que intensifica a situação da diminuição do consumo num circuito de autodestruição do sistema produtivo.

O desemprego é um fato preocupante em qualquer lugar do mundo. Nos países ditos em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, esse fato tem um agravamento, pois não há condições do Estado amparar esses desempregados num programa de assistência social por longos períodos, como acontece nos países ricos, levando essas pessoas a buscarem alternativas na economia informal, no incremento de prestação de serviços autônomos, sem nenhum amparo das leis de proteção ao cidadão trabalhador formal.

Não basta somente os países ricos desenvolverem uma política de assistência ao contingente de desempregados, dando um salário ao final do mês. O aumento da taxaço da classe burguesa em países como a Suécia, detentora dos meios de produção e distribuição, tem sido uma conseqüência inevitável na direção da redistribuição das riquezas nessas sociedades. O Estado retira de quem tem e cria formas para quem não tem receber os benefícios. Isso tem criado outro dinamismo nas economias dessas nações e criado melhor ambiência nas condições de vida para todos. (SCHAFF, 1995). Os trabalhadores desempregados desses países que recebem ajuda do governo são direcionados para atividades que não podem ser desempenhadas por máquinas, atividades que necessitam da interação entre pessoas, num trabalho dito como “social” que tem sido de importância fundamental para a melhoria da qualidade de vida destes cidadãos.

Em países pobres, como o Brasil, onde a concentração de riquezas está com uma pequena parcela da população, a grande maioria encontra-se submetida ao estreitamento dos meios capazes de fornecer as condições mínimas para a sobrevivência, como é o caso dos indivíduos que sobrevivem do aterro sanitário de Canabrava, em Salvador. A configuração do Estado Brasileiro, onde as elites econômicas encontram-se no comando, inviabiliza as propostas de redistribuição da renda de forma mais equânime por sua população. Uma alternativa viabilizada pelo atual governo é a criação de linhas de crédito para população mais pobre constituir cooperativas, podendo gerar renda e trabalho digno de forma sustentável.

Os trabalhadores dos aterros sanitários vivenciam os processos de exclusão impostos pelo contrato social moderno, onde a inclusão de um cidadão implicará, no mínimo, na exclusão de um outro (Santos, 1999). Existem indivíduos que foram retiradas do contrato social por conta da perda da condição de trabalhador, mas na verdade nunca fizeram parte dele. Segundo este autor, o contrato social da modernidade funciona em duas direções: do pós-contratualismo ao pré-contratualismo, e no sentido contrário, sendo estas duas formas definidas como:

[...] A predominância dos processos de exclusão apresenta-se sob duas formas, na aparência, contraditória: o pós-contratualismo e o pré-contratualismo. O pós-contratualismo é o processo pelo qual grupos e interesses sociais até agora incluídos no contrato social são dele excluídos sem qualquer perspectiva de regresso. Os direitos de cidadania, antes considerados inalienáveis, são-lhes confiscados e, sem estes, os excluídos passam da condição de cidadão à condição de servos. O pré-contratualismo consiste no bloqueamento do acesso à cidadania por parte de grupos sociais que anteriormente se consideravam candidatos à cidadania e tinham a expectativa fundada de a ela aceder. (SANTOS, 1999, p.96).

Para Santos (1999, p. 85), “o contrato social é a metáfora fundadora da racionalidade social e política da modernidade ocidental”. Ele delimitará as interações nas esferas política, econômica, social e cultural, tendo como contrapartida a separação radical entre incluídos e excluídos, sendo os últimos considerados “vivos em regime de morte civil”. Estar fora do contrato que rege as relações na sociedade em que vive é estar distante de qualquer racionalidade capaz de compreender a condição de cidadão.

O labor, o trabalho e a ação são as formas básicas através das quais os homens atuam efetivamente na vida. Essas três atividades são as bases para a viabilização da condição humana. Segundo Arendt (2004), o labor, como ramo das atividades humanas, está ligado aos processos biológicos de nascimento, crescimento, envelhecimento, ao metabolismo, e às necessidades vitais inerentes a cada processo da vida humana; o trabalho, que tem como condição humana a mundanidade, a produção de um mundo “artificial” de coisas diferentes do mundo natural, o artefato humano, dá uma característica de permanência à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano, concretizado através das aquisições materiais; a ação é a atividade que confere aos homens a condição humana da pluralidade (não existe, existiu ou existirá alguém igual a outro), pois é a única das três atividades que não requer intermediação de coisas e matéria. A pluralidade é a “*conditio per quam*” de toda a vida política entre os homens.

Na realidade, as três atividades têm importância fundamental para a condição da existência humana. “O sentido da vida ou da existência” não é dado exclusivamente por nenhuma dessas atividades. Reconhecer o papel do trabalho na vida do homem, possibilita sinalizar para a posição que os sujeitos ocupam dentro da “malha” social. A partir desse reconhecimento, os indivíduos terão condições de perceber o sentido de existir¹¹. O trabalho não só viabiliza inserção das pessoas na sociedade de consumo, na qual se vale pelo que se

¹¹ Existir: ter existência real; ser; haver (FERREIRA, 1986)

tem, mas também, como atividade *sine qua non* do papel das pessoas no mundo. Os que estão fora, excluídos, sem oportunidades, perdem o sentido da vida (SCHAFF, 1995).

“O sentido da vida ou da existência” apesar de ter uma nuance filosófica, no nosso contexto tem uma evidência prática muito forte, com dados de realidade indicados pela qualidade de vida que desfrutamos nos dias atuais. Adam Schaff o define como:

[...] O que entendemos por “sentido da vida?” Algo próximo tanto da logoterapia, que se apóia na teoria do “vazio existencial” (esta proximidade me interessa, porque estou convencido de que a perda do sentido da vida pelo homem gera patologias psíquicas), quando daqueles conteúdos que motivam o agir do homem, dando-lhe um sentido de satisfação da tarefa cumprida, se o resultado for positivo (SCHAFF, 1995, p. 116).

Mesmo nos países ricos, que vivem esse mesmo dilema quanto à geração de emprego, onde os jovens desempregados recebem uma ajuda financeira dos governos, esse sentimento de sentido da vida ou da existência encontra-se obnubilado, pois não traz consigo a sensação de autonomia (SCHAFF, 1995). O que o autor chama de logoterapia é um processo de análise existencial da vida do sujeito, com o intuito de reconduzi-lo, por via das ações necessárias ao sentido único de cada existência na coletividade.

A ação é a atividade que confere a condição humana por excelência, pois está vinculada à pluralidade, diferenciação, multiplicidade entre os homens. É a atividade política por si só, uma vez que leva os homens a reconhecerem-se iguais e, ao mesmo tempo, diferentes dos demais. Iguais por serem todos humanos e diferentes por terem histórias únicas. Portanto, os homens são levados a reconhecerem as diferenças, sem que isso represente superioridade, para que a vida entre eles aconteça em condições satisfatórias para todos na cidade.

Somente essas três atividades não são capazes de determinar, em absoluto, a condição humana. Fator relevante nesse processo é a característica humana de “seres condicionados”. Tudo que passa pela vida humana acaba sendo incorporado. Essa vivência torna a vida dos sujeitos única, não sendo possível que duas pessoas sejam condicionadas pelos mesmos fatores, da mesma forma. Isto reforça a pluralidade, a diversidade como característica fundante da condição humana.

O estilo moderno de viver acaba fazendo parte da existência do homem como força estruturante de sua condição humana. Quando a força de trabalho do operário nas fábricas é substituída por autômatos, isso indica a radicalidade à qual o homem está submetido na atualidade, sendo chamado a repensar as atividades que realiza no trabalho, não cabendo mais serem meros repetidores de ações mecânicas. O que é reforçado pelo pensamento de Arendt

(2004), quando define a ação como atividade mais intimamente ligada à condição humana, por estar ligada à criação, ao inédito, ao imprevisto, ao inusitado.

A arrancada rumo ao estilo moderno de viver, tem aspectos positivos como a mudança na forma de utilizar a força do homem e o acesso a produtos de boa qualidade. Acontece que esses produtos só podem ser adquiridos pela minoria que detém a maior parte da riqueza gerada pelo desenvolvimento capitalista das relações de produção. O operário, que é efetivamente quem produz, não tem a oportunidade de adquirir esses bens de excelente qualidade, pois cada vez mais seus salários são achatados, não sobrando excedente para tais aquisições. A prioridade é a garantia das condições mínimas de sobrevivência para sua família, levando-o à uma exacerbação do labor.

A modernidade refere-se, essencialmente, a uma série de transformações ocorridas com a virada do modo de produção artesanal para o modo industrial. Não podemos atribuir essa responsabilidade, pura e simplesmente, ao capitalismo, mas a um misto de contribuições promovidas pelas instituições que viabilizam a manutenção e expansão da dinâmica moderna. Podemos citar os seguintes fatores que aliados ajudaram a criar os meios fecundos para o estabelecimento da modernidade: o capitalismo, como um sistema de mercadorias centrado na relação entre a posse dos meios de produção e a exploração da força de trabalho através do pagamento de salários; o industrialismo, com a utilização das máquinas (tecnologia) e das fontes de energia para produzir bens de consumo; a vigilância, que Giddens (1991, p. 63) diz ser “[...] a supervisão das atividades da população súdita na esfera política”, baseada no controle da informação e no controle dos meios de violência, exercida com o poder militar

A modernidade avançou de forma desordenada no sentido de ter o controle sobre as suas conseqüências sociais. O homem moderno ficou ofuscado pelas facilidades viabilizadas pela modernidade e não pôde perceber os perigos a que estava sendo submetido com o fechamento das oportunidades de emprego para a grande maioria. O que temos hoje, apesar de todo avanço tecnológico, são pessoas vivendo riscos cada vez maiores, desde a falta de condições para suprir as necessidades básicas até os elevados índices de violência urbana, infligida, na maioria das vezes, por aqueles que não têm como buscar o mínimo para sobreviver.

2.3 Alternativas positivas: engajamento radical

Podemos, então, perceber como o avanço tecnológico proporcionado pela constante reflexão do conhecimento na modernidade e as medidas de ajuste do sistema econômico nos têm colocado diante de um quadro adverso para a vida em sociedade. Isso tem conduzido o trabalhador a ter necessidade de criar novas alternativas, para que ele encontre um lugar na sociedade no qual possa ter a oportunidade de concretizar seus objetivos existenciais, no qual possa dar sentido aos seus anseios pessoais, sem ter que lutar, exclusivamente, pela sobrevivência diária.

O cotidiano do proletariado, durante os dois últimos séculos, foi servir ao capital disponibilizando sua força de trabalho em troca de salário. E é nesse processo, que o trabalhador se fez, se faz e se fará, caso não sejam viabilizadas novas experiências noutras formas de estar na vida. O local que ocupa na escala produtiva o distancia do seu real papel em todo o processo, fazendo dessas pessoas máquinas programadas para realizar as mesmas atividades e da mesma forma, sem reconhecer-se em suas ações. Esses trabalhadores compõem a cultura do “seguir ordens”, frutos da proposta pedagógica moderna, onde a professora classista transmite o conhecimento para os seus alunos, que copiam sem contestação (FREIRE, 1970). Quando chegam às empresas para trabalhar como empregados, encontram um patrão que decide tudo por eles.

Apesar desse quadro ao qual o trabalhador está submetido, surgem propostas de trabalho alternativas que devem ser estudadas e defendidas. O mapeamento das condições em que se encontram os excluídos pode possibilitar a concretização de alternativas criativas, tendo o contexto como *locus nascendi*, pois seria impossível chegarmos a determinadas soluções sem que a problemática fosse compreendida. Torna-se fundamental, não apenas analisar e discursar sobre tal temática, mas viabilizar alteração na política vigente. Nesse sentido, tomamos como norteador teórico a postura radical adotada por Antony Giddens, de forma a embasar nossos argumentos rumo à contribuição para alterar o cenário posto à nossa frente.

Em “*As conseqüências da modernidade*”, Giddens (1991), trabalha com o que definiu como “engajamento radical”:

[...] Aqueles que assumem uma postura de engajamento radical alegam que, embora estejamos cercados por graves problemas, podemos e devemos nos

mobilizar para reduzir seu impacto ou para transcendê-los. Esta é uma perspectiva otimista, mas vinculada à ação contestatória ao invés de a uma fé na análise e discussão racional. Seu veículo principal é o movimento social. (GIDDENS, 1991, p. 138).

Quando referimos a necessidade de alterar a política vigente, tratamos da política, na vertente de Schaff (1995), como mapeamento e alteração de todas as relações em que o homem esteja envolvido na vida em sociedade. Não seria uma postura de engajamento radical se houvesse, apenas, a preocupação em retirar aquelas pessoas do lixão e dar-lhes uma bolsa auxílio por um período, ou fazer uma pesquisa das condições de vida dessas pessoas. Ou escrever um artigo científico e não ter uma atitude efetiva para alterar essa situação. O engajamento radical de Giddens alinha-se com a “Condição Humana” de Arendt, colocando a ação, o trabalho e o labor como atividades da condição humana. Fica claro que os badameiros, por si só, não teriam condições de mover sizinhos esta situação, pois estariam ocupados em prover as condições mínimas de sobrevivência, não sobrando espaço e tempo para o engajamento propriamente dito, por isso foi importante a aproximação de instituições e de outras pessoas com o intuito de trabalhar junto.

Giddens (1991, p. 155) ressalta a necessidade de uma teoria crítica que não poderia dar garantias antecipadas, mas que entre outras coisas “[...] deve reconhecer que a política emancipatória tem que estar vinculada à política da vida, ou a uma política de auto-realização”. Essas políticas emancipatórias devem estar voltadas às atitudes de contestação prática, com o propósito de transformação das condições de risco a que estão submetidos aqueles que se encontram em estados de servidão. Se as políticas emancipatórias forem desvinculadas das políticas da vida, teremos uma condição, que não é maléfica, porém que não teria capacidade de reconduzir o homem ao caminho de melhores condições de vida para todos. Seria apenas, o que podemos chamar uma política de redução de danos, com o alívio da situação de risco, mas sem propostas de fazer conexão com os anseios de cada um.

Portanto, a política da vida está relacionada com ações práticas rumo às transformações das condições atuais e locais, sem com isso perder de vista o cenário a que a modernidade nos colocou: o panorama global. As idéias são importantes, mas de nada adiantarão se não forem transformadas em ações concretas. É importante que as políticas para a emancipação estejam contextualizadas com as condições locais e globais, e transitem entre as proposições existenciais e emancipatórias, pois isso viabiliza o reconhecimento do *status*, assim como da condição de cada um diante da situação. A auto-realização proporcionada pela “política da vida” é fundamental para o resgate do reconhecimento próprio, tanto em termos pessoais como coletivos, pois ela requer um fazer junto, um “descobrir se descobrindo”, pois

conforme Merleau-Ponty (1999 p. 114): “Só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo”.

2.4 Cooperativismo como caminho

Concomitantemente aos acontecimentos ocorridos no mundo do trabalho na Inglaterra da primeira revolução industrial, existiu o trabalho realizado por um industrial inglês do ramo de tecelagem chamado Owen (1770,1858) que proclamava: “... o capital investido só deveria ter um dividendo limitado e que todo lucro excedente deveria ser aplicado a favor dos trabalhadores”. (OWEN apud SINGER, 1998, p. 70). A partir dessa comunicação, estabelecia as diretrizes para as cooperativas modernas. Owen foi um dos grandes defensores da causa dos trabalhadores fazendo funcionar sua ideologia em sua própria indústria, provando que, ainda assim, era possível o capital ser bem remunerado sem, necessariamente, usurpar o trabalhador.

No ano de 1817, Owen propôs a idéia das Aldeias Cooperativas, onde procurou formar pequenas cooperativas isoladas do mundo externo com o intuito de acabar com a pobreza trazida com o capitalismo. Os trabalhadores viveriam em comunidade, produzindo em comum, consumindo seus próprios produtos e trocando o excedente com outras Aldeias. Poderiam, ainda, algumas Aldeias serem industriais e outras agrícolas e o Estado seria o responsável por viabilizar recursos financeiros para que as Aldeias se estabelecessem, ao contrário de ter uma atitude assistencialista dando alimentos e todo tipo de suprimento para os mais necessitados. No entanto, essa conduta de Owen causou incômodo em muita gente, principalmente na classe dominante, depois deste aderir definitivamente ao comunismo e de ter atacado todas as igrejas.

Após vários episódios de crise depressiva do capitalismo com a redução da produção e, portanto, do emprego, Owen propôs, a base da teoria clássica do valor-trabalho, em que o trabalhador tinha direito a usufruto de todo seu produto, levando à substituição do dinheiro

por uma moeda referente ao “tempo de trabalho” gasto na produção. Isso foi o embrião da teoria anticapitalista do valor, baseados na doutrina de Ricardo¹², na qual:

[...] os valores relativos das mercadorias eram principalmente determinados pelas quantidades de trabalho humano incorporada direta ou indiretamente nelas, de que, sendo o trabalhador a única fonte de valor, ele deveria ser também o único detentor legítimo do produto. (SINGER, 1998, p. 73).

Também como uma reação ao capitalismo, as cooperativas começam a ganhar forma. A mais antiga delas data de 1760, segundo documentação, e foi uma iniciativa dos trabalhadores do estaleiro de Woolwich e Chatham, que tinham por objetivo fundar um moinho de cereais em base cooperativada para não ter que pagar os altos preços cobrados pelos moleiros que tinham o monopólio local. Moinhos e padarias cooperativas proliferaram pela Inglaterra, sendo a modalidade de cooperativa de produção o modelo mais antigo que se tem notícia. A primeira cooperativa de consumo que temos notificação data de 1769 e foi a da sociedade dos tecelões de Fenwick.

A partir do engajamento entre o sindicalismo e as cooperativas, tendo o owenismo como ideologia que liga as duas formas de luta contra os efeitos do capitalismo, muitas cooperativas de trabalhadores dos mais variados ofícios que podiam ser implantadas sem grandes maquinários foram desenvolvidas, efetivando a proposta de organização associativada. Trabalhadores que eram demitidos ou seus salários reduzidos tinham suas empresas cooperativas patrocinadas por sociedades de ofício ou por entidades beneficentes constituídas por trabalhadores do mesmo ofício. São cooperativas surgidas da luta de classes, sendo chamadas de “operárias” e constituíam um verdadeiro movimento de massa. (SINGER, 1998).

Em 1844, fundou-se em Rochdale, uma cidade industrial perto de Manchester, uma Society of Equitable Pioneers, o que viria ser uma matriz bem elaborada das cooperativas modernas. Diferentes de todas as outras tentativas, essa tinha o amadurecimento das idéias socialistas anteriores que sucumbiram ao poderio capitalista. Formada, inicialmente, por 28 trabalhadores de ofício, em sua maioria tecelões, tinha por objetivos: fundar um armazém para abastecer os sócios; construir casas para os mesmos; dar ocupação aos sócios desocupados ou sem ganhos; um hotel de temperança, tudo dentro de uma proposta auto-sustentada. É perceptível a forma madura com que foram gestadas as propostas, inclusive fiel aos ideais socialistas.

¹² David Ricardo: (Londres, 18 de abril de 1772 — Gatcombe Park, 11 de setembro de 1823) é considerado um dos principais representantes da economia política clássica. (http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo, em 12 de novembro de 2004)

[...] Fica claro que os pioneiros continuavam fiéis ao ideal socialista de vida em comum à base da produção coletiva, compartilhada equitativamente e que o estabelecimento de cooperativas de consumo e de produção era visto como passos sucessivos no caminho ao objetivo final. (SINGER, 1998, p.100).

Os pioneiros organizaram oito regras básicas pelas quais deveria funcionar a sociedade. Nenhuma dessas regras foi originalmente formatada pelos pioneiros, mas já haviam sido utilizadas isoladamente por outros empreendimentos, sendo que a grande inovação era que, pela primeira vez, estavam sendo utilizadas em conjunto. Podemos citar essas regras como sendo: (COLE, 1944, apud SINGER, 1998, p. 100,).

1. A sociedade deveria ser governada democraticamente, sendo que cada sócio teria direito a um voto independente do capital que tivesse investido;
2. Deveria ser aberta a qualquer pessoa que quisesse se associar, desde que integre uma cota mínima igual para todos;
3. O capital investido faria jus a uma taxa fixa de juros, que seria uma forma de dividir o excedente;
4. Após a remuneração do capital, o excedente deveria ser distribuído pelos seus sócios de acordo com o valor de suas compras;
5. Na sociedade só se venderia à vista;
6. A sociedade venderia apenas produtos de boa qualidade;
7. A sétima regra ditava o desenvolvimento da educação dos sócios nos princípios do cooperativismo; (herança do owenismo).
8. A sociedade deveria ser neutra política e religiosamente.

Essas regras procuram garantir autenticidade socialista e viabilidade econômica às cooperativas, uma vez que, em experiências anteriores, a busca por uma via tornava a outra impossível de ser alcançada. O aprofundamento na proposta socialista tirava as alternativas associativadas da realidade das relações cotidianas, num processo que podemos chamar de utópico. Dentre estes estão as aldeias cooperativas de Owen, que pretendiam uma relação exclusiva entre os grupos do projeto, perdendo de vista sua inserção num mundo de relações capitalistas à sua volta. Vários ofícios produziam para consumo interno e o excedente era vendido para fora.

A proposta de Rochdale, assentada nessas oito regras básicas, permitiu o avanço em progressão geométrica das cooperativas que faziam parte da proposta, com novas possibilidades, abrindo-se à medida que iam se tornando necessárias. Os pioneiros, sendo fiéis

à proposta, deram autonomia jurídica às diversas empresas do conglomerado, com o objetivo de evitar que determinada empresa associativada contratasse funcionários dentro dos moldes das capitalistas. Essa medida abriria, ainda mais, as empresas à participação dos que buscavam trabalho em condições dignas, tendo a autogestão do empreendimento como formato de relações democráticas no trabalho.

Nas cooperativas o trabalhador tem o poder de decidir sobre os caminhos que o seu negócio deve seguir. Nela, o grau de alienação do trabalhador é mínimo, tendo este que operar em conjunto com os demais, participando das assembleias e tendo direito a um voto, independente da participação no número de cotas. Na concepção de Singer:

Este relacionamento do trabalhador com a empresa capitalista é alienante num duplo sentido: ele ignora os efeitos do seu trabalho sobre a comunidade de que faz parte; e ele está excluído das discussões e negociações que precedem a tomada de decisões pela administração da empresa, decisões estas que afetam seu trabalho e por extensão, seu destino econômico e familiar. Em contraste, os trabalhadores de uma cooperativa de produção são eles mesmos donos e controladores da “empresa”, compartilhando todas as informações, discussões e negociações que visam a tomada de decisões. (SINGER, 1998, p. 124).

É esse modelo democrático de tomada de decisões que contrasta com o autoritarismo das empresas capitalistas tradicionais. Numa cooperativa de produção, também chamada de operária, esse fenômeno fica bem claro, pois forma uma verdadeira comunidade capaz de autogerir o trabalho, remunerando pelo valor mais próximo ao que produziu. Na cooperativa de consumo, apesar de ter uma forma associativada, as relações entre os trabalhadores diferenciam-se das relações das cooperativas de produção. Existem outras formas de cooperativas, tais como, as de crédito que tomam o dinheiro dos seus associados para emprestá-lo a juros bem menores que os dos bancos privados; cooperativas de habitação, na qual os construtores são associados, e dessa forma podem construir em regime de mutirão e comprar material mais barato, pois conseguem barganhar com os revendedores preços melhores aos do varejo; as de saúde, onde os serviços de saúde ficam mais acessíveis aos associados que pagam preços menores pelos serviços sem ter que remunerar o empresário dos planos de saúde, podendo, também, remunerar melhor os profissionais que prestam os mesmos. Dessa forma, os ganhos, que de outra forma iriam para as mãos de poucos, agora podem ser repartidos por todos.

As cooperativas modernas, diferentemente das idéias sonhadoras das aldeias cooperativas, estão inseridas dentro de um sistema de relações capitalistas, apesar de, internamente, funcionarem no modelo socialista. Elas não podem negar o contexto à sua volta, mas desenvolvem-se nos interstícios deste. Dentre os diversos tipos de cooperativas, as

de consumo e as de produção são as que perduram por mais tempo. Uma das dificuldades encontradas para a longevidade das cooperativas é o fato de que os sucessores daqueles que iniciaram o processo nem sempre têm condições de assegurar sua continuidade, basicamente, por não assimilarem corretamente a filosofia do modelo associativado. São corrompidos pelo sistema de maximização dos lucros, abrindo mão da solidariedade.

Outra grande dificuldade encontrada por elas é a falta de dinheiro para dar início ao novo formato de produção. O que tem acontecido é que os empresários, por não quererem continuar com o empreendimento, passam aos trabalhadores a direção dos negócios em troca de dívidas trabalhistas. Em alguns casos, passam por um processo de co-gestão para depois à autogestão (SINGER, 1998).

As cooperativas de produção, na sua maioria, são oriundas de empresas capitalistas que, por várias razões, transformaram-se em cooperativas. O caminho pelo qual tem surgido a maioria das cooperativas no Brasil é a partir da aquisição da massa falida de fábricas por parte dos trabalhadores que receiam perder seus empregos. Empresas que apresentaram dificuldades financeiras no período da heterogestão, principalmente por má administração, colocando em risco um número muito grande de postos de trabalho. Nos idos da crise vivida pela economia brasileira da década de oitenta, muitas indústrias, inclusive de grande porte, pediram concordata e abriram processo falimentar. Nessa época, desenvolveu-se uma tecnologia para aproveitar as oportunidades oferecidas pela legislação brasileira a fim de arrendar ou adquirir o patrimônio falido dos proprietários dos meios de produção, utilizando-se dos direitos trabalhistas dos operários, agora sem emprego.

Essa tecnologia teve inicialmente o sindicato dos Químicos de São Paulo como locus de partida, com a criação de uma secretaria responsável, com o intuito de conscientizar os trabalhadores, avaliar a sociedade em seu conjunto, assim como os políticos frente aos interesses nacionais e internacionais (NAKANO, 2003). A fábrica de sapatos Makerly, de Franca (SP), foi o grande laboratório utilizado pelos técnicos, de sua maioria do sindicato e de instituições afins, para o desenvolvimento, inédito no Brasil, de uma proposta chamada de “fábrica de trabalhadores”. Outras empresas na mesma situação foram assessoradas pelo sindicato e encamparam a mesma alternativa de manutenção dos postos de trabalho com a criação de cooperativas. Isso permitiu que em 1994 fosse realizado em São Paulo o 1º Encontro Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão, culminando com a criação da Associação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Autogestão e Participação Acionária (ANTEAG). “Essa instituição foi criada com a finalidade de articular pessoas e

instituições, democratizar informações, criar um espaço para o debate e produção de alternativas” (NAKANO, 2003, p. 68).

Outros movimentos e ações concretas têm contribuído para o desenvolvimento da economia solidária no Brasil. Entre eles, temos o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST que tem lutado contra a exclusão dos trabalhadores do campo desde 1989. Para tanto, o MST tem auxiliado esses trabalhadores assentados na terra pelo governo a formarem cooperativas com a assessoria de uma escola de formação de técnicos em cooperativismo. Outro movimento é a iniciativa de pesquisadores de Universidades brasileiras com a formação das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas (ITCP'S), sendo um desdobramento do movimento de Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida. As ITCP'S têm a função de dar apoio administrativo, jurídico e ideológico na formação de cooperativas e difusão da economia solidária.

Algumas outras entidades fomentadoras da economia solidária no Brasil merecem destaque como a Agência de desenvolvimento Solidário (ADS), vinculada à Central Única dos Trabalhadores (CUT), que tem se empenhado particularmente na formação de uma grande rede de crédito solidário com a implementação de cooperativas de crédito locais para dar apoio financeiro aos novos empreendimentos nesse setor. Poderíamos citar outras entidades, mas não se faz necessário nesse trabalho.

Os recursos para a aquisição dos meios de produção têm sido viabilizados pelo aproveitamento do FGTS, que pertence ao trabalhador. Outra forma é a utilizada pelas Organizações Não Governamentais (ONG'S), que têm buscado os meios através do acesso às políticas públicas no Brasil nessa direção e até parcerias com organismos internacionais interessados em financiar empreendimentos para a geração de trabalho e renda nos países pobres, igrejas e sindicatos (SINGER, 2000).

Esses recursos são de fundamental importância na formação dos trabalhadores que necessitam de tempo e treinamento para o acolhimento da economia solidária como uma proposta de produção. Economia solidária como:

[...] um modo de fazer economia que implica comportamentos sociais e pessoais novos, tanto no plano da organização da produção e da empresas, como nos sistemas de destinação de recursos e distribuição dos bens e serviços produzidos, e nos procedimentos e mecanismos de consumo e acumulação (RAZETO, 1999, p. 40).

Para tanto, podemos atribuir o que o autor chama de “comportamentos sociais”, a algo gerado quando da implicação da ação comunal e comunitária, ou seja, contribuir para o bem-estar comum. O grande diferencial das cooperativas é a abertura à participação dos

trabalhadores que agora são sócios nas decisões de questões de interesse coletivo. Elas não criam um novo meio de produção, mas abre a possibilidade da participação democrática dos seus membros. Essa é novidade que encontra dificuldades de concretização no cotidiano, pois é um papel novo que se inaugura na vida dessas pessoas. Mesmo sabendo que se é dono do negócio, é difícil partir para uma práxis, pois a sombra repressora do autoritarismo do capital já faz parte da cultura do trabalhador, da sua história. Por isso, faz-se necessário um período de aquisição de novos conhecimentos, novos conteúdos e novas formas de produzir e relacionar-se com a vida, enfim, uma outra educação que os leve à autonomia.

Singer (1998), diz que o espírito cooperativista ou a consciência socialista não surge espontaneamente, ele precisa ser fomentado. O trabalhador precisa reconhecer que é possível desvincular sua força de trabalho da exploração intensiva do mesmo, sendo necessário um espaço, quase que um laboratório, onde possa experimentar a autonomia aprisionada autoritariamente pelo capital, sem que isso represente aniquilação do trabalhador. Uma das formas possíveis é através de uma educação na qual possa ser incluída, além da informação, do conhecimento, a possibilidade de experienciá-la.

Na hora do fazer participativo, cooperativo, o corpo desses trabalhadores reage desconfiadamente, já profundamente condicionado por séculos de exploração e opressão. Sendo assim, um dos grandes desafios é despertar e educar o trabalhador a participar ativamente nas decisões sobre o seu presente e o seu futuro. Conscientizar, somente, não tem se mostrado suficiente, uma vez que a práxis envolve a corporeidade como possibilidade de libertar-se das amarras castradoras para que se possa concretizar efetivamente o projeto existencial.

2.5 Os badameiros em Salvador, Bahia – construção de uma experiência cooperativa

2.5.1 A experiência dos badameiros

Trataremos de um grupo formado por pessoas cujas condições materiais básicas de sobrevivência foram ameaçadas e que foram obrigados, num dado momento, a recolher o que

comer nos aterros sanitários da cidade de Salvador. Comportamento que, dada a situação, não fosse o caso de ser realizado por uma massa de iguais e degredados na condição de sobrevivência, seria impensável por alguns deles, isoladamente. Crianças, homens, mulheres e idosos, todos aqueles que não tinham de onde sobreviver, compunham os badameiros.

Por várias vezes foram veiculadas fotografias das pessoas trabalhando em meio a muito lixo, ratos, urubus e todo tipo de detrito. Crianças e adultos retiravam seu sustento deste local, como a única via de sobreviver. Essas reportagens causaram um tremendo estardalhaço à imagem do Governo do Estado da Bahia e do Governo Municipal da Cidade de Salvador, que logo trataram de fechar o aterro sanitário de Canabrava em 1997, providenciando, inclusive, que as pessoas não tivessem acesso, em hipótese alguma, ao lixo. As imagens colocaram em pauta a discussão sobre a condição de vida daquelas pessoas.

Muitos materiais perigosos eram misturados com outros que poderiam ser reutilizados, materiais oriundos de hospitais (seringas, agulhas, material contaminado), vidro, metal, plástico vinham junto com os alimentos: verduras, carnes, aves, peixes. Os caminhões das empresas de limpeza urbana despejavam nos lixões e os “badameiros” encarregavam-se de separar o que podia ser aproveitado como alimento, ou que podia ser vendido, tornando possível a aquisição de algum dinheiro para comprar outros alimentos para levar para casa ou qualquer bem necessário.



Figura 1 – Lixão de Canabrava, 24/08/83. Arquivo Agência A Tarde.

Existiam, em torno do lixão, várias pessoas chamadas de “balanceiros”: compradores de materiais recicláveis que possuíam uma balança para pesar o produto e dinheiro para pagar de imediato. Em sua grande maioria, eram ex-badameiros que conseguiram algum dinheiro,

deixando de catar e passando a comprar para revender, ganhando dinheiro sobre o trabalho dos badameiros.

Os “badameiros” tinham uma forma de trabalhar em que ficavam todos juntos, mas cada um trabalhava por si. O objetivo era catar o máximo que puder. Apesar de estarem todos na mesma situação, era a sobrevivência que estava em jogo. Cada um catava seu material isoladamente ou em pequenos grupos ligados por laços familiares ou de amizade. O material era recolhido durante a jornada de trabalho para depois ser vendido ao atravessador, representado pelos balanceiros¹³.



Figura 2 – Lixão de Canabrava, 03/04/87. Fotografia: Antônio Queiroz.

Um dos primeiros materiais passíveis de compra como matéria-prima era o osso e os metais, como o ferro, cobre, alumínio, bronze. Esses materiais eram comprados com o objetivo de serem reciclados, por exemplo: o osso de boi era reciclado, processado e beneficiado para serem transformados em materiais tais como pentes e adornos de cabelo. Outro exemplo é das empresas siderúrgicas que reutilizam a sucata, que nada mais é do que produtos metálicos, que, no lixão não têm mais utilidade, mas que são utilizados para produzir

¹³ Balanceiros: pessoas que foram oriundas do lixão, mas que conseguiram adquirir algum dinheiro, passando a comprar o material catado no lixão e portando balança própria para pesar o material. (Informação verbal).

ação. Com isso é possível reduzir o extrativismo do minério de ferro, necessário para manter o crescimento, gerando economia para o País.

As condições em que essas pessoas trabalham nos lixões fazem com que elas sejam confundidas com o próprio lixo. Exercendo as atividades sem a menor segurança, ficavam descalças, sem luva para proteger as mãos, sem óculos para proteger a visão, sem uma roupa capaz de protegê-los do sol, da chuva, dos detritos contaminados e todo tipo de odores a que ficavam expostos. Vários são os casos relatados de perfurações com pregos e agulhas que até hoje, anos depois, ainda não cicatrizaram, além de casos de tétano com graves conseqüências. Relatam também que quando tinham que sair pelas ruas no trajeto de volta para casa, a rejeição das outras pessoas àquele odor que exalava das roupas, maltrapilhos, impregnados do lixo, eram comum. Isso os isolava ainda mais, fazendo com que se aprofundassem no aterro e não mais quisessem sair de lá.

A trágica confusão com o lixo era marcada com a morte real, não mais somente a morte civil como diz Santos (1999). Outros profissionais que também trabalhavam no aterro como os tratoristas, motoristas de caminhão, invariavelmente não conseguiam distinguir entre o lixo e os badameiros que ali estavam e a morte era uma conseqüência quase que inevitável. Segundo os relatos, era uma rotina no aterro sanitário de Canabrava que as máquinas responsáveis pelo transporte e distribuição do lixo nos aterros triturassem pessoas que eram confundidas com o lixo. Os badameiros quando estavam distraídas trabalhando ou quando estavam descansando em meio ao lixo, eram surpreendidos com as rodas e as esteiras das pesadas máquinas. Neste caso, a morte civil coincide com a morte física.

As crianças começavam muito cedo, aproximadamente, a partir dos seis anos, ajudando os pais a garantir o sustento da família. Hoje, adultas relatam: “a minha infância foi dentro do aterro, não brinquei. Somente aos dezesseis anos pude saber o que era uma festa” (Informação verbal)¹⁴. Famílias inteiras sobreviviam do que tiravam do lixão: “minha família era uma família grande, dezoito irmãos, que não tinha de onde tirar o sustento. O único meio de tirar o sustento era do lixão”¹⁵. Hoje, essa pessoa tem trinta e três anos, dos quais vinte e sete vividos dentro do lixão, pois chegou ao lixão aos seis anos de idade.

¹⁴ Informação verbal dada por José Antônio em entrevista no dia 20/10/2004.

¹⁵ Idem.



Figura 3 – Aterro sanitário de Canabrava, 30/07/89. Fotografia: Carlos Santana.

O lixão não garantia o sustento apenas com a venda de materiais passíveis de serem reciclados, mas também com alimentos. Os caminhões que traziam alimentos já eram conhecidos, como também seus horários. Os que vinham do Centro de Abastecimento de Salvador (CEASA), os que traziam produtos oriundos dos supermercados, dos restaurantes, hotéis. Eles relatam que, na época do lixão, suas casas viviam a fartura, não faltavam alimentos, sempre tinha verduras, carne, leite, iogurte, mesmo com prazo de validade vencido.

TABELA 1-BADAMEIROS - TIPOS DE MATERIAL COLETADO - 1997

BADAME	N° DE INDIVÍDUOS	
	ABSOLUTO	%
FRUTAS	849	77,67
PAPEL	819	74,93
METAL	767	70,17
VERDURAS	643	58,82
ROUPAS	539	49,31
VIDRO	368	33,66
PLÁSTICO	61	5,58

Fonte: GROSSI, 1998.

A tabela 1 mostra a preferência dos “badameiros” quanto à coleta de materiais que chegavam nos caminhões, em dados coletados em 1997 por Grossi¹⁶. Foram entrevistadas 1093 (um mil e noventa e três) pessoas que viviam do lixão de Canabrava. Podemos constatar que a preferência de material a ser catado no lixo pelos badameiros é o alimento, principalmente, as frutas vindas da CEASA, que poderiam ser aproveitadas, complementando a alimentação desses trabalhadores e suas famílias. Frutas que eram consumidas lá mesmo no lixão sem o menor cuidado quanto à higienização. “Limpavam na camisa e comiam ali mesmo” (informação verbal)¹⁷. O segundo material mais catado era o papel e em seguida os metais, pois esses viabilizavam a aquisição de dinheiro imediato, possibilitando a satisfação de outras necessidades dessas pessoas, como a compra de alimentos que não encontravam no lixo, transporte, manutenção dos filhos na escola, construção da casa, e assim por diante. Os plásticos vinham em último lugar, pois acredito que, durante a estada deles no lixão, ainda não tinham conhecimento do valor de revenda dos plásticos como o polietileno, polipropileno, filmes, conhecimento que adquiriram após o processo de formação da cooperativa.

No início da década de noventa, o Governo Estadual, em parceria com a prefeitura, numa tentativa de adequar-se às novas propostas de tratamento do lixo, começou a implantar algumas ações com o intuito de acabar com os lixões nos grandes centros e criar os chamados aterros sanitários. Como programar as inovações no tratamento adequado do lixo, tendo seres humanos vivendo lá? Várias tentativas de organizar os trabalhadores do antigo lixão de Canabrava, por parte da LIMPURB, foram interrompidas por conta das discontinuidades administrativas do Município, como as mudanças na gestão municipal.

Em 1992, com a implantação do Projeto de Bioremediação do aterro sanitário de Canabrava, que previa um sistema integrado de manejo e tratamento do lixo, essa população foi retirada da frente de serviço com a formação da primeira Central de Badameiros (CENBA), a qual trazia uma forma mais humanizada de trabalho, porém com graves conseqüências nos ganhos dos trabalhadores, que agora só teriam acesso a trinta por cento (30 %) do total de lixo depositado no aterro. Os outros setenta por cento (70 %) seriam submetido ao processo de tratamento da Bioremediação. Naquela época, a Prefeitura de Salvador era administrada por Lídice da Mata que vivenciou sérios problemas de retenção de dinheiro por parte de outras instâncias governamentais, levando a escassez de verbas para a continuidade do projeto de tratamento do lixo. As máquinas que auxiliavam os badameiros em revirar o

¹⁶ Gabriele Grossi : sociólogo, mestre em sociologia pela UFBA em 1998, cuja dissertação tem como título “Os badameiros: o luxo do lixo.

¹⁷ Informação verbal em entrevista com a assistente Social Marília Pessoa em 08/11/2004.

lixo tiveram que ser deslocadas para outras atividades, ficando os trabalhadores sem poder catar material no lixão e também, agora, na CENBA. Em 1994, a CENBA foi fechada e os badameiros retornaram às condições primeiras de trabalho.

Em 1996, foi realizado um novo cadastramento para a constituição de uma nova Central de Badameiros, que trazia uma série de inovações como a incorporação dos trabalhadores à COOPCICLA, passando a comercializar seu material diretamente com os compradores, melhorando seu ganho. Mais uma vez, em 2001, a CENBA seria desfeita e muito dos seus trabalhadores incorporados às empresas prestadoras de serviço de limpeza urbana e outros engrossaram a fila dos desempregados.

Com isso, tornava-se impossível para aquelas pessoas retirarem dos lixões o sustento de suas vidas, uma vez que não fora criada nenhuma alternativa de trabalho para eles. Esse era o último refúgio onde essas pessoas encontraram uma via de garantir a sobrevivência. Segundo o depoimento de uma delas, na época, o Governo Federal dispunha de recursos para resolver a questão dos badameiros de forma que não fossem todos condenados à inanição. Mas, segundo ela, que tem uma longa história no lixão, não foi observado nenhuma mudança que sinalizasse a chegada desse dinheiro. Com essa ameaça e sem condições de organizarem-se para reivindicar alguma coisa, corriam o risco de ficarem sem esse trabalho, porque, enquanto massa amorfa, onde a sobrevivência impõe uma concorrência intensa entre iguais, torna-se difícil a emersão de um líder comum, capaz de conduzir o grupo em seus desígnios. A primeira batalha é para ter o que comer.

A impossibilidade de continuar catando material e alimentos do lixão foi uma mudança muito grande na vida daquelas pessoas, pois durante muito tempo sobreviveram do que tiravam do lixo. Relato como: “criei meus filhos do que tirava do lixão”¹⁸, era ouvido quando dos primeiros contatos com o grupo. Para que essas pessoas não ficassem sem rendimento algum, o Estado, através do Município, distribuiu uma bolsa auxílio num valor aproximado ao que era tirado pelos trabalhadores quando ainda viviam no lixão. Mas não manteve durante muito tempo, alegando falta de recursos para tal. Parte desses trabalhadores foi integrar as tentativas de viabilizar uma empresa autogerida para coletar e selecionar materiais recicláveis, organizadas pela LIMPURB, mas sem sucesso.

O recurso das bolsas e dos empregos em empresas de coleta de lixo foi tido como uma forma que os gestores do lixo em Salvador encontraram para retirar esses sujeitos do aterro, mas que alguns meses depois, seriam dispensados das empresas em que estavam trabalhando

¹⁸ Informação verbal fornecida por Joselita durante a fase de capacitação.

sem nenhuma satisfação: “Eles empregaram a gente, mas com 2, 3 meses de trabalho eles nos desempregavam. Aqueles que tinham estudo permaneciam, os que não tinham foram dispensados. Como o nosso cadastro no lixão era riscado, porque quando a gente conseguia emprego não podia mais voltar, então aquele emprego ali só era uma armadilha para a gente ser cortado do lixão.” (Informação verbal)¹⁹

Agora, com o tempo passado, os lixões fechados, não conseguiriam mais catar material para sobreviver. Alguns foram viver pelas ruas, catando qualquer coisa que encontravam e que era passível de venda para comprar alimentos ou até mesmo pedindo comida nas casas.

É possível perceber como uma massa de trabalhadores indiferenciada pode ser utilizada pelos mandatários dos serviços públicos do município como massa de manobra. Várias foram as tentativas de dar um novo sentido ao trabalho que realizavam, redistribuindo e reorganizando o trabalho, mas nenhuma deu certo porque todas foram iniciativas que visavam remediar a imagem do governo neoliberal que comandava o Estado e o Município. Deste modo, alinhavam-se ao Consenso de Washington que estabelecia como uma das prerrogativas, eliminar toda e qualquer iniciativa dos governos endividados do terceiro mundo de investir em projetos que visem o bem estar das camadas mais pobres, que pudessem amenizar ou recuperar os postos de trabalho da grande massa desempregada (ANDERSON, 1995). Aqueles países desenvolvimentistas que desobedecessem as orientações do referido consenso, por estar indo de encontro às deliberações, poderiam ser punidos severamente.

Em 1992, a assistente social Marília Pessoa, por iniciativa da LIMPURB, cadastrou 1093 (um mil e noventa e três) pessoas que tiravam o sustento do lixão de Canabrava, porque era impossível tocar o projeto de Bioremediação do lixo com aquelas pessoas em meio às máquinas compactadoras. Também não era possível aniquilar todos e “resolver o problema”. Em 1997, foi feito outro cadastramento para formar a segunda central, agora após toda essa tensão da experiência da Bioremediação e da criação da primeira central, onde foram encontradas 865 (oitocentos e sessenta e cinco) pessoas vivendo no lixão, das quais, 352 (trezentas e cinquenta e duas) crianças e adolescentes. Essa segunda experiência da CENBA só foi fechada no ano de 2000.

A presença dessas crianças e adolescentes era algo que aparecia constantemente como um incômodo entre os badameiros adultos quando eram perguntados, durante os questionários de cadastramento, sobre o que gostariam que mudassem ali. A grande maioria respondia:

¹⁹ Informação verbal fornecida por José Antônio em entrevista em 03/11/2004.

“gostaria que tirasse a metade desses meninos daqui” (Informação verbal)²⁰. Foi então desenvolvido o projeto *Criança Canabrava*, onde era oferecida educação, alimentação, atividades culturais como esporte, teatro, jogos, e uma bolsa de auxílio razoável para as crianças e os adolescentes, desde que saíssem do lixão. Depois disso, não se viu mais nenhuma criança no lixão. Esse projeto acolheu trezentos e cinquenta e dois jovens que viviam no lixão até o momento daquele cadastramento.

O projeto *Criança Canabrava* foi desenvolvido com o patrocínio da Prefeitura Municipal de Salvador e coordenação da LIMPURB. O requisito básico para que as crianças participassem do projeto era que saíssem do lixão e freqüentassem a escola regularmente. Os menores de 11 anos recebiam uma bolsa auxílio de R\$ 30,00 (trinta reais) e os maiores de até R\$ 90,00 (noventa reais). Caso contrário, não teria como segurá-los no projeto, pois trabalhavam no lixão para ajudar no sustento de casa. Com o avançar do tempo era perceptível a evolução dessas crianças quanto ao bem-estar.

Em 2002, surgiu o projeto para fundar a Cooperativa de Agentes Ecológicos de Canabrava (CAEC, coordenado pela ONG Pangea, em parceria com entidades internacionais.. Cerca de 220 (duzentos e vinte) trabalhadores, que já tinham alguma vinculação com o lixão, foram entrevistados para esse novo projeto. A pesquisa foi realizada nos bairros de Canabrava, Sete de Abril e Pau da Lima, entre os meses de março a abril de 2002. As pessoas recebiam a visita da assistente social do projeto em suas casas e eram orientadas sobre o que se tratava. A localização dos endereços dessas pessoas se deu através de um cadastro da LIMPURB, quando existia uma comunidade de catadores em torno do aterro de Canabrava.

A receptividade dos entrevistados foi muito boa, juntando-se numa única casa um número considerável de pessoas para serem cadastradas. Essa receptividade pode ser atribuída ao fato de que a assistente social Marília Pessoa já tinha desenvolvido trabalhos na comunidade quando contratada pela LIMPURB. Ela esteve à frente dos trabalhos de cunho social, quando foi definida pela Prefeitura Municipal a necessidade da retirada dos badameiros do antigo lixão, as tentativas de organização da CENBA e o projeto *Criança Canabrava*.

²⁰ Informação verbal: Marília Pessoa, em 08/11/2004.

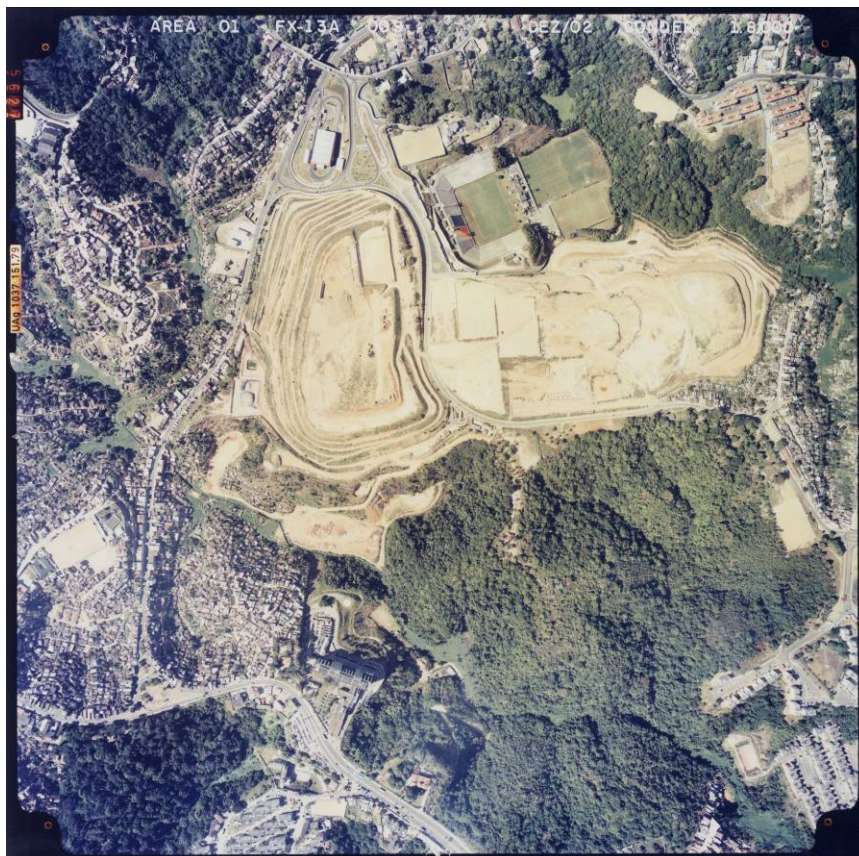


Figura 4 – Comunidade em torno do antigo Aterro sanitário, dez/2002. Foto acervo CONDER.

2.5.2 O processo de organização de um grupo de badameiros em Salvador

O Pangea, Centro de Estudos Socioambientais, é uma ONG voltada para os trabalhos na área de educação ambiental. Formada em 1996 a partir da iniciativa de técnicos que já tinham a formação na área, com pós-graduação em urbanismo e que já prestavam serviços a outras instituições na mesma área, mas que sentiam a necessidade de desenvolver um serviço diferenciado. Segundo seu diretor, Antônio Bunchaft, O Pangea tem por finalidade apoiar o processo de construção de uma sociedade justa, do ponto de vista social, e ambientalmente sustentável. Partia da visão de que os processos produtivos pelos quais a sociedade moderna passou e vem passando, não prevêm uma idéia de sustentação dos meios produtivos, distributivos e ambientais.

O Pangea se organizou em diversos programas, sendo um deles o de geração de trabalho e renda e cooperativismo. A partir daí, passou a dirigir uma experiência com a

problemática dos catadores de rua, como a capacitação e formação de uma associação de catadores de papelão do bairro do Comércio, cujo nome foi *Recicla Comércio*, em parceria com a LIMPURB, que visava viabilizar a geração de trabalho e renda para a parcela da população que se encontra nas piores condições de sobrevivência. Foi então que, tomando conhecimento de que a União Européia (EU) tinha em seus programas de trabalho recursos disponíveis a apoiar projetos que visavam a geração trabalho e renda para projetos desenvolvidos por entidades européias, o Pangea associou-se à ONG italiana Cooperazione per lo Sviluppo dei Paesi Emergenti (COSPE), que passou a ser parceira no projeto, sendo assim possível a liberação da verba da UE. Na realidade, esse processo foi um concurso aberto para todo o mundo, mas desde que fosse coordenado por instituições européias. Teve a participação de trinta mil projetos, mas somente cinco no Brasil foram escolhidos, dentre eles o da Cooperativa dos Agentes Ecológicos de Canabrava (CAEC).

O projeto CAEC é uma proposta experimental cuja estratégia é expandir essa experiência para outros trabalhadores catadores após a sua consolidação. Essa consolidação vem se dando com uma melhor aceitação da proposta cooperativista pelos cooperativados, pela aquisição de bases físicas efetivas como a aquisição do galpão próprio e caminhão, através de um convênio com a Petrobrás. Hoje, o desenvolvimento de relações interpessoais capazes de criar um clima de companheirismo dentro da cooperativa e um melhor treinamento de seus trabalhadores, tem proporcionado o desenvolvimento de outros grupos de catadores que desejam formar cooperativa, principalmente pelo interior do Estado.

Da parceria com a COSPE, viabilizou-se a liberação da verba da UE, que foi utilizada basicamente como apoio à fase de capacitação, a compra de equipamentos, incubação e assessoramento técnico.

Na esfera pública, a LIMPURB fazia a doação do terreno para a construção do galpão e a colocação de coletores voluntários de material reciclável por toda a cidade. A LIMPURB é uma empresa pública criada sob a lei municipal nº 3.034 de 25 de maio de 1979, organizada sob a forma de sociedade anônima. Integra a administração indireta da prefeitura, sendo subordinada à SESP- Secretaria Municipal de Serviços Públicos, sob a lei municipal 5.245/97. Possui regime de gestão mista integrada por três empresas terceirizadas e uma concessionária. Já a Secretaria de Combate à Pobreza (SECOMP) teve o papel de viabilizar o aluguel do galpão provisório enquanto o definitivo não estava pronto.

Das empresas privadas que deram apoio, temos a Bahia PET, empresa localizada no Pólo Petroquímico de Camaçari, que garantiu a compra do PET²¹ pelo melhor preço do mercado e a doação do lanche durante a fase de treinamento, investimento institucional e abertura para outras parcerias, ajudando, assim, a criar um ambiente propício para parte comercial do projeto.

A Bahia PET Reciclagem é uma empresa do grupo Bahia PET que tem por objetivo a produção do PET reciclado, fabricando os *flakes*. Ela tem, dentro dos seus projetos chamados de sociais, o projeto *Empreendedorismo e Cidadania*, apoiando a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis, comprando sua matéria-prima. Esse material vai, em grande parte, compor a fabricação de cordas (multifilamentos), fios de costura (monofilamentos) e cerdas de vassouras e escovas. Com o avanço no desenvolvimento de novas técnicas químicas de reciclagem, têm-se produzido novos recipientes descartáveis para produtos não alimentícios.

Inicialmente, o projeto de formação da CAEC visava a “capacitação” de 80 (oitenta) badameiros de Canabrava com uma carga horária de 480 (quatrocentos e oitenta) horas, distribuídas em 12 (doze) meses, com objetivo de capacitar trabalhadores para o modelo autogerido de produção. Então, era necessário levar a essas pessoas a noção do que é trabalhar associativamente, o que são materiais recicláveis e suas particularidades, qual o tempo de decomposição na natureza, assim como conhecer todos os equipamentos necessários ao trabalho que desempenhariam.

Foram entrevistadas 220 (duzentas e vinte) pessoas. Destas, selecionadas 80 (oitenta), e posteriormente alargado esse número para 100 (cem), por conta do tamanho e orçamento do projeto. As demais pessoas foram orientadas a aguardar o seu ingresso num segundo momento. O critério utilizado para a seleção foi atender àquelas que estavam em condições mais críticas, que apresentassem um vínculo institucional histórico com o aterro sanitário e seus atores, e estivessem interessados em participar de tal programa. O fato de terem feito parte da CENBA, da COOPCICLA, do projeto *Criança Canabrava* e das empresas prestadoras de serviço à LIMPURB serviram de referência para que fossem entrevistados e possivelmente selecionados. Isso porque o projeto visa atender às pessoas que, nas últimas décadas, tiveram o trabalho no aterro como a principal forma de garantir seu sustento e de suas famílias.

²¹ PET: polietileno tereftálico, matéria prima para a fabricação das garrafas de refrigerante de dois litros.

Mas, um dos pontos mais decisivos nas entrevistas foi a postura dos entrevistados quanto à disposição ao empreendimento, ser um trabalhador diferenciado dos demais, não mais empregados com carteira assinada, mas sim, dono do próprio negócio. Aqueles que demonstraram maiores resistências a trabalhar dessa forma, foram deixados para uma segunda fase do projeto, já que nesse momento, eram sabidas as dificuldades que tínhamos para despertar essas pessoas para trabalhar associativamente, sem um patrão ou chefe. Portanto, pessoas com um grau de expectativa do emprego mais intenso poderiam viabilizar o desvirtuamento do projeto original. Outro fator que fez limitar o número de participantes nessa fase foi a possibilidade de ganho financeiro da cooperativa. Caso o grupo tivesse um número maior de pessoas, os ganhos iniciais poderiam ser bem menores aos que foram, isso poderia aumentar a pressão interna no grupo. Portanto, era importante tomar alguns cuidados para a manutenção saudável do grupo piloto.

Essa estratégia, além de dar maior consistência à formação do grupo, auxiliou para que a cooperativa encontrasse inserção na sociedade, participando de vários eventos sociais como festas, feiras, jogos esportivos, onde se fazia a coleta do material reciclável. Devido à qualidade do trabalho realizado, a comunidade aceitou bem o grupo, reforçando, com isso, o papel profissional de cada um dentro da cooperativa.

Esse grupo inicial de ex-badameiros era composto por pessoas distribuídas da seguinte forma: 43,3% de homens e 56,7% de mulheres e com idades variadas. Entre dezoito e vinte e quatro anos (12,6%), de 25 a 34 anos (20,6%), de 35 a 44 anos (29,0%), de 45 a 54 anos (19,2%), de 55 a 65 anos (13,1%) e acima de 65 anos (3,3%). Alguns com experiência de vinte anos de aterro sanitário e outros que nunca trabalharam diretamente. Alguns dos mais novos vieram do Projeto *Criança Canabrava*, que, por conta da idade, não puderam mais fazer parte do mesmo, sendo acolhidas no projeto CAEC.

2.5.3 A proposta pedagógica

Durante as reuniões de coordenação pedagógica para a formação do grupo de trabalho, pude tomar conhecimento das idéias acerca da melhor forma para atingir esse público. Nos escritos que eram discutidos nas reuniões, apareciam às idéias dos mais variados teóricos da

epistemologia da educação. Com isso, falava-se muito das idéias do projeto, mas muito pouco do como poderiam ser concretizadas.

Pedagogicamente, o projeto estava dividido em três módulos de habilidades: “básicas”, “gestão” e “específicas”. O primeiro módulo de “habilidades básicas” continha os temas mais variados, das questões do grupo, das relações interpessoais, das questões da cidadania e suas relações de poder, saúde, dentre outros. Esse módulo viabilizou o processo de conscientização dos trabalhadores enquanto grupo, trabalhando as suas expectativas, sempre tomando o que era trazido por eles como ponto de partida para os trabalhos. Certamente, o grande diferencial foi ultrapassar a idéia de capacitação e trabalhar com uma noção de educação que pudesse dar conta de temas que fossem pertinentes ao grupo, suas histórias, do seu local, tendo seus integrantes como atores principais. Tinha a convicção de que não conseguiria manter aquelas pessoas numa sala de aula de outra forma que não fosse possibilitar que aprendêssemos falando de si próprio, ouvindo o companheiro, pois vinham para os encontros após o trabalho duro do dia, nesta época muitos trabalhavam como catadores nas ruas, diaristas, ajudante de pedreiro, dentre outros.

O segundo módulo, “habilidades de gestão”, foi ministrado pela assistente social e pela pedagoga, continha os temas voltados para a noção de associativismo, cooperativa, as relações de trabalho, autogestão, legislação das cooperativas. Sempre utilizando formas criativas de apresentação dos temas, e o que é mais importante, convidando-os a co-construírem o conhecimento.

O terceiro módulo chamado de “habilidades específicas” foi trabalhado as questões dos materiais recicláveis, a coleta seletiva, o tratamento do material, os equipamentos e sua operação, processos de transformação do material reciclável como matéria-prima para outras indústrias, e assim por diante, que foi ministrado pelos dois técnicos do Pangea. A partir daí, o saco plástico já não era mais um saco pura e simplesmente, era PEAD (Polietileno de alta densidade). O papelão agora se chama “aparas” o qual retornará para o consumo como papel de embrulho. O manejo das máquinas como as prensas auxiliariam no aproveitamento racional do espaço disponível no galpão, o material já ficava empilhado devidamente separado e pesado. Isso facilitava o controle do estoque de material pronto para venda.

2.5.4 Atuação de um educador na formação de trabalhadores

Cooperativados

Eu fui um dos psicólogos indicados a compor a equipe de educadores que foi responsável pela preparação desses trabalhadores para a formação de uma cooperativa de produção. Na equipe de educadores havia sete profissionais: dois psicólogos, uma assistente social, uma pedagoga, dois técnicos especialistas em reciclagem e uma coordenadora pedagógica. Cada módulo seria trabalhado por uma dupla de profissionais, que faria a programação em conjunto com a coordenadora, para que não houvesse divergência entre os conteúdos desenvolvidos. A forma como seriam desenvolvidos os trabalhos ficou a cargo de cada educador, de acordo com suas habilidades.

Fiquei muito empolgado com a proposta, pois se tratava de fazer algo para a melhoria da qualidade de vida de várias famílias, que sempre viveram em situações de muita pobreza e deficiência das condições mínimas para a sobrevivência. Com os encontros entre a coordenação e o grupo de profissionais, pude conhecer um pouco mais sobre o agrupamento de pessoas com que trabalharíamos e sobre a proposta original de trabalho, e compreender que essas pessoas encontravam-se além da condição de badameiros, pois até essa possibilidade de ganhar o sustento da família do que catavam no lixão não existia mais. Alguns viviam da mendicância, da ajuda das pessoas e do que catavam nas ruas, vide depoimento de José Antônio (cooperado CAEC): “Depois que saí da empresa fiquei 4 anos e 6 meses desempregado. É uma coisa de dar dó, dor de cabeça mesmo. Eu fiquei esses tempos só catando lixo no meio da rua, porque não era mais o lixão, era um aterro que trabalhava com entulho. Esse cascalho que sobrava a gente pegava para ver se sustentava.”

Minha inquietação se fez presente desde o primeiro instante, quando tomei conhecimento de que a proposta estava carregada do modelo tradicional de educação, que não daria conta dos processos eminentemente grupais como indica Freire (1970), cujo modelo dialógico na educação leva em consideração aquilo que é trazido do mundo do próprio educando, contextualizado com a sua existência, para então ser concretizado através das palavras. Diante disso, era necessário desenvolver uma pedagogia capaz de possibilitar o resgate dessas pessoas do processo de massificação e degradação em que vivem, trabalhar os conteúdos necessários ao treinamento, e não incorrer na inadequação da pedagogia

tradicional, que visa formar trabalhadores para as fábricas, onde teriam que obedecer ordens, ter um patrão.

Tomando a idéia de Freire (1970), os conteúdos são de suma importância num processo formativo, mas eles não devem ser levados *a priori* tal qual na educação escolar formal, onde o professor deve cumprir uma agenda e seguir a programação feita no início do ano letivo ou engessada há anos. Os conteúdos devem surgir do diálogo entre “educador-educando-educador” numa relação horizontal, porém diferenciada, para que o “educando - educador” possa anunciar o que sabe e o que precisa saber no processo de aprendizagem e possa alcançar, como resultado, a ressignificação de suas existências como pessoa e como cidadão.

A primeira intervenção se deu junto ao grupo de trabalho, formado pelos educadores que desenvolveriam o projeto, demonstrando que através do diálogo e da práxis, poderíamos ousar dirigir os trabalhos de forma aberta, no sentido de ter um caminho para seguir previamente, embora não o tomando como o único. Tinha a consciência de que precisava trabalhar essa questão com meus colegas educadores com muita paciência, mostrando que por um caminho mais livre, menos formatado previamente, poderíamos chegar a resultados satisfatórios para o projeto, e que isso poderia fazer a diferença quando a cooperativa estivesse funcionando. Caso contrário, poderia parecer que eu estava em confronto com o projeto e com os colegas, o que tornaria a situação insustentável.

Dentro da proposta educativa citada por Gutiérrez (1999), no processo de educação socialmente produtiva, os grupos comunitários devem passar por quatro etapas básicas: partir da própria realidade dos grupos, o que chamou de diagnóstico participativo; assentar-se numa visão sociopolítico global, para que não sejam considerados projetos exclusivamente econômicos; buscar transformar a realidade, procurando dar encaminhamento às questões surgidas nesse processo com vistas a melhorar a qualidade de vida das pessoas; levar-se a cabo por meio de estratégias metodológicas adequadas. Esse é o ponto pelo qual esse trabalho pode contribuir decisivamente com outra metodologia para trabalhar temas ligados à educação em contextos comunitários.

Diferentemente do que pensa Gutiérrez (1999), a proposta pedagógica moderna tem a competitividade e o individualismo como características marcantes. Porque, foi dessa forma que o projeto da modernidade impôs uma ideologia do homem de sucesso, aquele que “vence na vida”, apartado de uma postura pautada num trabalho do coletivo. Ele é um, lutando contra todos e a serviço do seu patrão, o dono do negócio, que tem como meta principal enriquecer cada vez mais à custa da compra barata da força de trabalho dos empregados. Dessa forma, o

projeto capitalista de produção se intensifica, gerando mais exclusão, mais concentração de capital, mais contingente de trabalhadores na reserva do mercado de trabalho, mais miséria e mais fome.

O espaço para essa “re-educação” tinha que ser construído na fase de “capacitação” desse projeto. Uma proposta educativa que tenha por finalidade a formação de trabalhadores para um modo de produção e relação diferente do hegemônico deve contemplar um exercício de expressão e afirmação da posição de cada um dos seus elementos dentro e fora do grupo. Os conteúdos são de grande importância, mas se não forem criadas as possibilidades de diferenciação de cada sujeito dentro do grupo, abrindo espaço para a inclusão do diferente, podemos incorrer na mesma formatação da pedagogia classista, onde o professor sabe tudo e o aluno não sabe nada. Nas propostas de aprendizado, tendo o grupo como ponto de partida, o saber coletivo é o grande “professor”. Cabe aos educadores, captar as informações que emanam do processo grupal como o caminho mais seguro a ser perseguido. Na concepção de Freire (1970), as palavras geradoras são as palavras do universo do alfabetizando utilizadas para gerar novas palavras.

Dessa forma, seguem-se por um caminho que fora perdido pelos grandes grupos feitos massas durante o processo de modernização da vida nas civilizações. Esse caminho pode recuperar o “espírito do grupo”, aquilo que os torna grupo, comunidade e não um simples agrupamento de pessoas que estão ali atraídos por uma proposta de trabalho e renda. Vivenciamos a discussão, o conflito e a expressão das mais variadas percepções através de movimento intersubjetivo, onde as diferenças não foram tomadas como adversas aos objetivos do grupo, mas sim como possibilidades, multiplicidades e multiplicação de forças e de idéias. Foi a força grupal que permitiu a coesão do grupo quando as dificuldades começaram a aparecer, vindas principalmente de uma das instituições parceiras, representante da esfera pública.

3 A FORMAÇÃO DO GRUPO E OS PROCESSOS SOCIOPSICOEDUCACIONAIS INTERVENIENTES

3.1 Metodologia proposta

Utilizamos o sociopsicodrama como um método didático pedagógico nesta pesquisa, por se caracterizar como um recurso de ação viável para a efetiva passagem das palavras geradoras (FREIRE, 1970) para sua concretização em cenas, imagens. Ação no sentido de dar visibilidade às questões imaginárias dos indivíduos no grupo, numa proposta de pesquisa através da ação. Esse processo viabiliza a admiração, a visão de uma outra perspectiva por parte do educando, levando-o a ampliação da percepção da problemática.

Paulo Freire em seu livro “*Pedagogia do Oprimido*” nos ensina como deve ser tratada a temática da educação libertadora dialógica: aquela capaz de tomar os próprios educandos como geradores do conhecimento que precisam aprender. Nessa perspectiva, nós, educadores, devemos ser dirigidos por eles, como que guiados pelos caminhos desconhecidos, para que haja o envolvimento do educador com a realidade do educando, sem que isso signifique perder o rumo. Ao educador cabe descobrir esse caminho ou meio, seguindo as “pistas” deixadas pelo educando. Portanto, além de dialógica, a abordagem “freiriana” é fenomenológica em sua raiz: não parte de apriorios, mas sim toma aquilo que é dado.

Nesse sentido, se faz pertinente a utilização da ideologia da pedagogia libertadora com um método de pesquisa e trabalho que inclua a ação em que, simultaneamente ao levantamento das questões, a intervenção se faça concreta. Freire (1970, p. 86) diz:

[...] Esta prática implica, por isso mesmo, que o acercamento às massas populares se faça, não para levar-lhes uma mensagem “salvadora”, em forma de conteúdo a ser depositado, mas, para, em diálogo com eles, conhecer, não só a *objetividade* em que estão, mas a consciência que tenham desta objetividade; mas os vários níveis de percepção de si mesmos e do mundo em que estão.

Essa objetividade que Paulo Freire fala é a realidade em que os educandos estão inseridos, os ambientes a sua volta, o reconhecimento do seu status na sociedade em que vive, como condição *sine qua non* à educação libertadora efetiva. Como fala em relação educando-educador-educando em toda sua obra, podemos dizer que não é algo escondido num

inconsciente, como “in” de indivíduo, aquele que se basta em si mesmo, mas sim o que se revela nessa relação com o outro, de co-inconscientes ou co-conscientes: de inconsciente ou consciente com o outro, o tempo todo. Nesse ponto e em muitos outros, as obras de J. L. Moreno e Paulo Freire se encontram, e assim, abrem-se para o encontro com o povo que necessita de auxílio para libertar-se dos posicionamentos conservados, e até cristalizados²² em que vivem.

3.1.2 Sociopsicodrama, ou socionomia, ou psicodrama

Conhecido no mundo pelo nome de Psicodrama, o projeto de Jacob Levy Moreno tem o nome de **Socionomia**. Teve como *locus nascendi* a cidade de Viena, na Áustria, onde também outras abordagens de tratamento das questões do humano tiveram seu desenvolvimento. Na época dos seus primeiros ensaios, Viena vivia uma fase de muita turbulência, passando por uma devastação sócio-econômico-cultural, fruto da primeira guerra.

Teve em seu criador um romeno de origem judia, nascido em Bucareste, em 1889, sob o nome de Jacob Levy, filho primogênito de Moreno Nissim Levy, comerciante que viajava pela Europa, e Paulina Iancu, uma jovem estudante de colégio interno. Há algumas controvérsias em torno do nascimento de Moreno, contado por ele mesmo, em sua autobiografia, onde diz ter nascido em 1892, a bordo de um navio que viajava pelo Mar Negro. Por isso, ele se dizia cidadão do mundo, sem uma nacionalidade, podendo transitar por todos os países. Mas há registro de nascimento com data e locais bem definidos.

A ação era o traço marcante de sua personalidade. Desse seu ímpeto, nasceu, processualmente, todo o seu projeto. Ele não se contentava em ficar contemplando a vida e filosofando sobre a mesma. Acreditava que só tendo uma ação efetiva sobre existência, poderíamos aprender e nos desenvolvermos. Ao entrar na faculdade, montou, com mais alguns amigos, um grupo que chamou de Religião do Encontro, onde discutiam as mais diversas questões que aconteciam na comunidade. Ainda nessa época, costumava reunir crianças na praça para contar estórias, possibilitando-lhes, uma viagem imaginária fantástica. Formou-se em medicina em 1917, indo trabalhar nos campos de refugiados na guerra. Como médico, gostava de praticar a medicina da família.

²² Cristalização: vide Glossário.

Moreno foi um grande experimentador. Vendo a situação por que passava Viena no pós-guerra, ele convidou a comunidade para um debate no *Komödienhaus* (grande teatro da época) em primeiro de abril de 1922. Lá experimentou algo inédito: diante do dilema por que passa Viena, todos falavam mal dos dirigentes, que não conseguiam tirar a cidade daquele momento difícil. Foi então que colocou uma cadeira de rei e uma coroa e pediu que as pessoas subissem ao palco e vivenciassem o papel de rei. Poucos ousaram, e os que ousaram não foram aprovados pela platéia. Poderíamos ter essa data como a primeira sessão de sociodrama da história.

As experiências com Teatro Espontâneo seguiram contestando os textos prontos do teatro tradicional, no qual o ator não tinha possibilidade de criar livremente o seu próprio texto. Enquanto no teatro tradicional, os textos eram ensaiados exaustivamente pelos atores até a perfeição, no teatro espontâneo de Moreno, os textos já estavam “inscritos” em cada um dos participantes, não cabendo ensaios, pois o que importava eram as histórias em *status nascendi* (tal qual acontecia naquele momento). As histórias surgiam da interação com o público presente ao teatro, das questões do cotidiano e os atores iam, aos poucos, incorporando os papéis. Pôde constatar um efeito catártico (purificação, refazimento) em todos os presentes.

Diferente da catarse aristotélica que se dirigia ao público, a catarse moreniana envolvia a todos: o público, os atores e diretores. Chamou essa experiência de “teatro de improviso ou espontâneo”. Processualmente, evoluiu esse método para o teatro terapêutico, pois percebeu o potencial terapêutico da representação de papéis nas pessoas que atuavam ou viam atuarem no palco, questões existenciais, que, de alguma forma, lhes dizia respeito. Desta forma, Moreno acabara de descobrir um método de tratar o sofrimento das pessoas através da ação: Psicodrama²³.

Precisou migrar para os EUA em 1925, pois, por seu temperamento, o ambiente na Áustria não era favorável ao desenvolvimento de seus experimentos, e por acreditar que na América teria mais chance de dar um cunho científico às suas pesquisas. No novo país, encontrou muita dificuldade de instalar-se. Aí pôde desenvolver outra parte de seu projeto que foi a Sociometria, ciência que tinha como objetivo configurar, qualificar e quantificar as intensidades das relações humanas. Foi convidado a trabalhar numa penitenciária de Nova York, onde as relações entre os internos e a direção dificultavam a vida dentro do presídio.

²³ Psicodrama - psico de psique, alma; drama quer dizer ação em grego.

Mapeou as relações através do teste sociométrico²⁴, classificando os grupos e propondo alterações na configuração existente, o que por correspondência, alterava as relações. Também observou que podia tratar os grupos, fazendo com que as pessoas pudessem escolher como e com quem gostariam de estar em determinados momentos e locais.

Estava desenhado o projeto socionômico de Moreno²⁵. Que é formado por três sistemas: a sociometria, que versa sobre a configuração e medida das relações do homem com o mundo à sua volta; a sociatria, que se responsabilizará pelo tratamento das relações interpessoais, utilizando para isso os métodos psicodramáticos, sociodramático, axiodramático, e a psicoterapia de grupo; a sociodinâmica, que tem como expressão o desempenho de papéis, os chamados *role-play*.

Moreno buscava a espontaneidade total. O ator, tendo que seguir o que estava escrito, não tinha a oportunidade de ser espontâneo, de criar, representando algo escrito por outro (conserva cultural). Isso inviabilizava o surgimento do verdadeiro EU do ator, pois Moreno (1975) diz que o EU surge dos papéis que desempenhamos na vida, e não os nossos papéis na vida que surgem de um Eu pré-existente. Nós (O EU) aparecemos quando atuamos num determinado lugar e numa determinada situação. Transpondo do teatro para o *locus* da vida, o sociopsicodrama traz a possibilidade de apresentar o drama humano no aqui-e-agora, *in status nascendi*, sempre com o olhar para o ser em relação, para o *socius*, pois é aí, nesse cenário, que a vida acontece. Moreno não se preocupou com o intra-subjetivismo, com intelectualizações, com o intrapsíquico, mas sim com inter-relacional, o intersubjetivo.

A socionomia é uma ciência de base fenomenológico-existencial. Etimologicamente, fenomenologia significa o estudo do fenômeno, de tudo o que se mostra em si mesmo e teve em Edmund Husserl (1859-1938) o seu principal pensador. Existência vem de *ek-sistir*, onde *ek* significa estar aberto para o outro, confirmando-o em sua existência, no sentido de dar autenticidade. O existencialismo teve em um dos seus maiores expoentes Kierkegaard (1813-1855). Husserl e Kierkegaard vão se unir em Martin Heidegger (1889-1976) em suas semelhanças, onde a fenomenologia, com status de ciência, aproxima-se do existencialismo, com suas características metas-científicas, tirando o foco dos estudos da consciência e colocando-os sobre a intersubjetividade.

Outros filósofos da época influenciaram Moreno em seu projeto, como o francês Henri-Louis Bergson (1859-1941) e sua noção de liberdade e duração (temporalidade). A

²⁴ Teste sociométrico -instrumento de medição da sociometria.

²⁵ Socionomia: (sócio= *socius*, que em grego quer dizer companheiro; nômico: *nomus*, estudo). É a ciência que estuda o homem em suas relações com os outros e com as coisas.

doutrina hassídica²⁶ com seus filósofos influenciou na noção de espontaneidade em Moreno. Martin Buber com sua filosofia dialógica do EU-TU, dentre outros.

Para Moreno, o homem é espontâneo criador, tendo como espontaneidade a capacidade de agir adequadamente, de forma contextualizada em uma situação nova na vida, ou agir de forma inovadora, criativa, diante de uma situação velha. As conservas culturais, entendidas como norma, forma preestabelecida de perceber o mundo à sua volta, uma forma pronta previamente, ao mesmo tempo em que as mesmas servem como ponto de partida para novas criações.

Moreno fala em “átomo social” como sendo a menor unidade de existência do homem, já que sempre será um sujeito em relação, indo além das concepções do sujeito como indivíduo isolado. Corresponderia ao sujeito e todas as suas relações com outros sujeitos ou coisas. Com isso, a noção de indivíduo deixa de atender às necessidades dos sujeitos e suas relações, uma vez que a “morada dos sentimentos e emoções” deixa de ser o indivíduo e passa a ser esse núcleo de relações nas quais funciona no cotidiano, nos mais variados papéis. Sempre existirá algo na vida dos sujeitos que corresponderá a algo na vida de outros sujeitos ou de objetos.

A metodologia da Socionomia ou sociopsicodrama tem como base a pesquisa-ação: quer dizer, pesquisa através da ação (psicodrama, sociodrama, axiodrama, onirodrama,...). Partindo da configuração sociométrica do fenômeno é possível viver e/ou reviver algo da dimensão simbólica, do imaginário, que tenha realmente acontecido ou que possa vir a acontecer, compreendendo-as e integrando-as. Não há uma preocupação com interpretações e sim com o sentido das coisas. A ação sociopsicodramática permitirá dar visibilidade à relação dialética subjetivo-objetivo através do desempenho dos papéis, com a possibilidade de diferenciá-los.

O papel é a forma através da qual o “homem se relaciona com outros homens e com as coisas na vida”. Papel não é um termo de origem sociológica, como podemos pensar. Ele teve sua origem no teatro da antiga Europa. Segundo Moreno (1961, apud FOX, 2002, p. 112), papel:

[...] pode ser definido como as formas tangíveis e concretas assumidas pelo eu. Assim, podemos entendê-lo como as formas funcionais que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, em que outras pessoas ou objetos estão envolvidos. A representação simbólica dessa forma de funcionamento, percebida pelo indivíduo e pelos outros, é

²⁶Hassidismo: “[...] è um movimento que surgiu no judaísmo no século XVIII e consiste numa forma de secularização da vida religiosa mediante a difusão de sua prática em todos os momentos da existência humana.” NUDEL, 1994. p. 43.

chamada de papel. A forma criada pelas experiências passadas e pelos padrões culturais da sociedade em que o indivíduo vive e pode ser completada pelo caráter específico de sua produtividade. Todo papel é uma fusão de elementos coletivos e privados. Todo papel tem dois lados, um privado e outro coletivo.

Essa possibilidade dupla do papel abre a possibilidade de trabalharmos conteúdos das instâncias privadas, onde os conteúdos da pessoa é o foco do trabalho. Outra possibilidade é trabalhar com os conteúdos que dizem respeito à dimensão coletiva do papel, às contribuições culturais ao papel, aquilo que é passado de gerações em gerações através dos tempos. O contexto e os objetivos do trabalho é que nos dirão qual direção seguir. Caso privilegiemos os conteúdos individuais, privados, estaremos desenvolvendo um trabalho psicodramático, que é mais típico da clínica psicoterápica. Caso privilegiemos os conteúdos públicos, coletivos dos papéis, aquilo que é comum a todos, desenvolveremos um sociodrama.

Para trabalhos da natureza educativa como o que foi realizado nessa pesquisa, o indicado é acompanhar a construção dentro da perspectiva coletiva, mesmo sabendo que não há uma separação rígida dessas instâncias. Sabemos que uma influencia a outra e vice-versa. Trabalhando as questões dos papéis coletivos, os efeitos também poderão ser sentidos nas dimensões pessoais. Acabamos por alterar a configuração da estrutura de “átomo social” que constitui a menor dimensão dos sujeitos.

É através do recurso sociodramático que podemos ter a possibilidade de aproveitarmos pedagogicamente os conteúdos emergentes, como uma proposta de conhecer as condições estruturais em que o pensar e a linguagem do povo, dialeticamente, se constituem. Paulo Freire utilizou-se das palavras escritas e faladas (geradoras) para gerar novas palavras no trabalho de alfabetização das pessoas. Dessa forma, pôde desenvolver uma metodologia capaz de chegar perto do aprendiz, levando-o a se reconhecer enquanto pessoa ao reconhecer seu universo próprio. Somente após esse conhecimento é possível implementar ações políticas coerentes com a realidade do “educando-educador”.

O contexto dramático (dramático no sentido da ação) é o local, a ambiência, capaz de permitir que os sujeitos saiam dos seus esconderijos e se revelem por inteiro, tanto a nível verbal, como psíquico, emocional, afetivo, corporal. Para auxiliar os sujeitos nesse processo de ampliação da consciência, Moreno transcende a palavra falada concretizando-a no aqui-e-agora, tornando a realidade de vida do sujeito viva à frente de todos, utilizando-se de recursos suplementares para auxiliar na ampliação da percepção, como: solilóquio, duplo, espelho,

inversão de papéis²⁷. Recursos capazes de nos colocar no lugar do outro, sentir o que ele sente, de possibilitar o verdadeiro encontro entre dois, de nos levar a lugares jamais imaginados, revolucionando as nossas relações com as pessoas e coisas à nossa volta. A socionomia é uma abordagem complexa do ser humano, não uma mera utilização da técnica. Como diz Moreno: “O objetivo dessas várias técnicas não é transformar os sujeitos em atores, mas sim mobilizá-los para serem, no palco, aquilo que de fato são, mais profunda e explicitamente do que eles parecem ser na vida”.(MORENO, 1983, p. 81-90).

Uma sessão de sociopsicodrama tem três etapas básicas: a fase inicial, que chamamos de aquecimento, momento em que o verbal é privilegiado como preparação para a atuação. Momento da ação, que inclui a configuração do *locus* com todos os seus detalhes: dramatização propriamente dita. Em seguida, o compartilhamento, em que são feitas as apreciações por todos. Isso pode acontecer em sessões grupais, como é mais comum, ou em sessões individuais.

O método sociopsicodramático mostra os cinco instrumentos: o palco, ator ou protagonista (ator e autor coincidem), diretor, egos-auxiliares, platéia²⁸.

Não é intenção, nesse trabalho, entrarmos nos detalhamentos sobre a obra de Moreno, mas cabe aprofundarmos um pouco mais nas técnicas utilizadas nessa pesquisa com intuítos didáticos, a serviço de uma pedagogia voltada para um modelo de produção diferente do tradicional. Nesse estudo, especificamente, foram utilizados o teatro espontâneo e o sociodrama como meios para a pesquisa, tratamento e encaminhamento das questões grupais. Metodologia que viabilizava o tratamento pedagógico dos temas emergentes no grupo, tendo como objetivo a formação de trabalhadores para o associativismo.

3.2 Atividades de formação na experiência de construção da cooperativa

Essa etapa do trabalho foi realizada na fase de capacitação, dentro do módulo de Habilidades Básicas. A equipe acreditava que era necessário que o grupo já tivesse desenvolvido um “espírito grupal” previamente, pois dessa forma poderiam assimilar melhor o conteúdo das disciplinas Habilidades Específicas e de Habilidades de Gestão. Então, nas reuniões com a coordenação pedagógica, traçávamos as estratégias de ação para preparar

²⁷ Solilóquio, Duplo, Espelho, Inversão de papéis: Vide Glossário.

²⁸ Instrumentos do Psicodrama: Vide Glossário.

essas pessoas para a cooperativa. Os coordenadores falavam em muitos epistemólogos da educação: Paulo Freire, Emília Ferrero, Vigotski, dentre outros. Percebia-se que existia um discurso teórico distante da prática, pois, na hora de concretizar essas idéias, o fazer pedagógico assemelhava-se aos das escolas bancárias tradicionais, onde os conteúdos eram levados para os educandos, partindo, exclusivamente, do pensamento do educador. Outro ponto que chamava minha atenção era o discurso sobre vários teóricos da educação, pois isso causaria muita confusão e poderia ser uma grande desculpa para o “não fazer”.

As pessoas que tinham pensado a proposta pedagógica não tinham incluído a complexidade da situação que era a formação de uma cooperativa com um público tão específico como os badameiros de Salvador. Os coordenadores imaginavam que poderiam ter dificuldades quanto às questões grupais, como relacionamentos interpessoais, disposição para o trabalho “co-operativo”: operar com o outro, com o companheiro. Mas, não conheciam como deveriam fazer para implementar um trabalho educativo, tendo o *socius* como espaço gerador de conhecimento e reconhecimento, de discussão, debates, conflitos, de criatividade.

Foi diante desse quadro que procurei conversar com a colega com a qual dividiria a disciplina, para que pudéssemos ter posturas alinhadas, mesmo que o método de execução fosse diferente. Percebíamos que era necessário conhecer melhor qual a real necessidade daquelas pessoas, suas expectativas, como se relacionavam, para que pudéssemos desenvolver a melhor forma de auxiliá-los nesse processo, dentro, das limitações e objetivos do projeto. A colega, também educadora, concordou com a proposta e gostava das notícias trazidas para as reuniões de coordenação: como o grupo se postou, suas implicações, participação, motivação, incluindo o que tínhamos planejado na proposta inicial.

Por falta de espaço para trabalhar com todos numa única sala, fomos forçados a dividir o grupo (noventa pessoas) em três subgrupos, compostos por aproximadamente trinta pessoas escolhidas aleatoriamente. A seguir, citarei, passo a passo, as atividades desenvolvidas com o chamado grupo 1. Os encontros aconteciam duas vezes na semana, com duração de duas horas cada, com a duração de seis meses. Relato alguns encontros que demonstram a metodologia utilizada

As atividades tiveram início no dia 03/06/2002 com o propósito de apresentação e conhecimento das pessoas que compõem o grupo total das noventa pessoas. Este encontro visava promover a percepção inicial que as pessoas tinham do projeto, suas expectativas, seus medos. A socialização desses pontos funcionou como uma abertura para o encontro entre os participantes desse projeto de cooperativa.

Iniciamos o processo de escuta do grupo e de todos que tomavam parte do projeto. Como técnica de apresentação, solicitei que fizessem um crachá com o nome de cada um, tomando um pedaço de papel e um pincel atômico. Nesse momento, os que não tinham condições de escrever pediram ajuda aos que sabiam. Em seguida, solicitei que se movimentassem pela área e fossem olhando para as pessoas, o nome de cada uma, mesmo que já se conhecessem. Risos, piadinhas, brincadeiras; formava-se um clima lúdico para a apresentação. Esse primeiro momento serviu para se olharem. A partir daí, pedi que formassem pequenos grupos, tendo como critério o desejo de trabalharem juntos. É importante esse critério, pois começamos a ver as redes de vinculações afetivas que já era possível se formarem, que podiam ter se formado anteriormente ou naquele momento. Nesses pequenos grupos, puderam conversar sobre as expectativas, os sentimentos de estarem ali.

Após este momento, puderam trazer suas expectativas sob a forma de imagens ou cenas e apresentar para todo o grupo maior, dando visibilidade ao que acontecia nas dimensões emocionais, sentimentais, afetivas e cognitivas, dando forma e movimento aos mesmos, objetivando o subjetivo.

Demoraram a compreender a proposta de poder falar abertamente sobre suas questões, seus sonhos, suas necessidades, pois achavam que teriam aulas convencionais. Surpreenderam-se com a própria capacidade de expressão. Apareceram os comentários sobre as características de alguns membros e o acolhimento que isso teve na etapa final do dia, quando compartilhamos no grupo. Esse compartilhamento é fundamental para que as pessoas possam tomar parte do que o outro vivenciou, para que possamos fazer uma espécie de elaboração do que foi produzido, assim como abre espaço para qualquer aporte do ponto de vista do conteúdo teórico ou qualquer outra intervenção no grupo. Nesse momento, surgem as expectativas do grupo quanto ao sucesso do projeto: “Que, dessa vez, dê certo; que melhore a nossa vida”.²⁹

Ao final desse dia, encerramos as atividades com um momento de integração grupal, cantando o Hino ao Senhor do Bonfim³⁰, o que foi proposto por Genivaldo³¹ e acolhido por todos. Foi emocionante ouvir entoarem o Hino voluntariamente.

²⁹ Informação verbal de Vilfrides em 25/10/2004.

³⁰ O Hino ao Senhor do Bonfim é uma composição musical religiosa e cívica de 1923, dedicada ao Senhor do Bonfim, de autoria de Arthur de Salles e João Antônio Wanderley, e alusivas à Igreja do Senhor do Bonfim, monumento arquitetônica e devocional do estado brasileiro da Bahia, e localizado em sua capital, Salvador. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Hino_ao_Senhor_do_Bonfim, em 12/11/2004)

³¹ Cooperativado e depois eleito vice-presidente da CAEC

Dando seguimento aos trabalhos, no dia seguinte, 04/06/2002, agora com o grupo 1, segui com o objetivo de fazer contato mais profundo com a percepção de si mesmo. Solicitei que fechassem os olhos e fossem visualizando “quem sou eu?”, através de imagens, lembranças, histórias, o que viesse à mente. Isso fez com que eles aquietassem um pouco mais, pois se encontravam agitados com o novo. Depois solicitei que representassem graficamente num papel com um desenho, uma frase, um símbolo e compartilhassem com um parceiro que desejasse nesse momento. Tiveram um tempo para conversar em duplas, lembrar dos fatos da vida. Em seguida, sugeri que apresentassem para todos.

A apresentação de si mesmo (Eu) e conhecimento ou reconhecimento do outro (Tu) levou alguns participantes a fazer contato com sentimentos profundos da realidade de suas vidas, tais como: o duro trabalho no lixão, a forma como buscaram para sustentar a família, a presença dos filhos no aterro, represálias a que foram submetidos por continuarem catando material no lixão, quando a prefeitura já havia proibido. Outros participantes foram às memórias da infância para falar de si. Nessas lembranças, fatos trágicos foram relatados, como os acidentes que aconteciam com pessoas próximas, sempre dentro do lixão de Canabrava, que foi o local onde a grande maioria passou sua infância. As histórias, além de pessoais, eram complementadas pelos demais, sinalizando que eram vivenciadas coletivamente. Fatos engraçados também eram relatados, como o que acontecia quando os carros do lixo que levavam alimentos chegavam no aterro. O dia em que um caminhão despejou fardos de carne de sertão e eles não tinham mais onde empilhar em casa³². As coisas curiosas que encontravam no lixo e as brincadeiras que faziam um com o outro.

Momento de reconhecimento próprio e dos parceiros do grupo (Trabalhar o Eu, o Tu e o Nós). Todos faziam questão de tornar público quem era. Isso é fundamental para vinculação e o reconhecimento enquanto grupo. A complementação das histórias dos membros do grupo por outros membros tira o foco dos temas e vivências pessoais, passando para as vivências coletivas, reforçando os processos de diferenciação que se dão nesse movimento dialético entre o público e o privado.

No dia 05/06/2002, construímos as normas grupais de convivência a partir deles mesmos, tendo como aquecimento o jogo "Siga o Chefe" (YOZO, 1996, p. 32). Após o jogo tivemos um momento para compartilharmos o desenvolvimento do mesmo, falar do que aconteceu. Isso criou abertura para tratarmos do tema que era formular as normas de convivência. Esse tema, na realidade, era uma preocupação dos dirigentes do Pangea e da

³² Essa carne depositada no aterro foi comprada por vários comerciantes de pequenos mercados locais. (Informação verbal)

coordenação pedagógica, que via a possibilidade dos membros do grupo atuar como faziam quando viviam no lixão, onde a violência e a agressividade apareciam de forma muito intensa. Certamente, os diretores do Pangea temiam qualquer ação desse tipo, podendo vir a perder o controle do grupo.

Em seguida ao jogo, foi sugerido que se reunissem em pequenos grupos para discutirem e formularem as normas. Obtivemos o registro geral das normas apresentadas por todos os subgrupos. Passamos à discussão definitiva dos pontos marcantes, tais como: horário, número de faltas, conduta, conversa, dentre outros. A atividade não foi concluída nesse dia, tendo que ser retomada no dia seguinte. Demonstraram como são capazes de falar do que os incomoda e das propostas de melhorias das condições. Apareceram, também, leis rígidas, duras para com os faltantes, o que nos direciona para uma identificação com os gestores duros e cruéis, como mostra Freire (1970), os oprimidos acabam aderindo ao opressor.

No próximo dia de encontro, 10/06/2002, finalizamos a confecção das normas grupais em cada subgrupo separadamente, partindo para trabalhar no segundo horário com o grupo (formado pelos três subgrupos), com o intuito de fazermos uma regra única. Foram confeccionadas em papel metro as normas grupais para que todos tomassem conhecimento. Obtivemos tais normas como uma síntese dos três grupos. Fizemos a leitura de cada uma, sendo que elas se complementavam e se repetiam.

Essa atividade traduzia o medo que as pessoas ainda tinham dos badameiros, que viviam em estado de massa indiferenciada, de degradação humana, de inumanidade. Freud, em *“A Psicologia das Massas”* (1919), traz uma citação de Le Bon, onde afirma que o homem sozinho pode ser um culto, mas que quando faz parte de um grupo, numa multidão, pode ser tomado de violência, pelos instintos e fazer coisas que outrora, isolado, não encontrasse motivações. Acredito que esse movimento de isolamento, onde os homens não são tomados pelos seus instintos, mas que se comportam dentro de uma obediência, de forma ordeira, foi muito bem aproveitado pelas instituições da modernidade, que precisavam de espaço e tempo para se desenvolver. O projeto pedagógico moderno contempla muito bem o formato de escola onde os sujeitos são valorizados pela melhor nota, onde o individualismo e as formas prontas favorecem com que os sujeitos do aprendizado se contentem em reproduzir o que ditam os livros e o que é passado pelo professor.

O interesse das pessoas que coordenavam esse projeto era ter o controle sobre essa “massa”, achando que a realização de um contrato através das normas de convivência daria essa segurança. Quando qualquer um saísse do que havia sido estabelecido nas normas, o

próprio grupo trataria de colocá-lo sob controle, pois poderia ser punido. Isso acaba colocando o grupo como opressor dele próprio. Sem perder de vista que as ONGS são instituições não-governamentais, mas que não fogem à “fôrma” das instituições da modernidade que também se utilizam desses sujeitos ordeiros, que atuam segundo um *script*, e que podem ser encaixados num projeto previsível, sem surpresa, onde podemos calcular o que acontecerá com os sujeitos daqui a algum tempo.

Esse dia foi bastante tumultuado, pois diante da nossa programação de trabalhar com os três subgrupos ao ar livre, a chuva alterou toda a nossa “proposta de trabalho”. Sem contar que uma das salas de trabalho se encontrava trancada e ninguém sabia onde poderia estar a chave, forçando a união antecipada de dois dos três subgrupos. O lanche foi servido na sala por conta da chuva, uma vez que, tradicionalmente, era servido na copa. A condução dos trabalhos foi desgastante, pois tínhamos quase sessenta pessoas numa sala, onde só caberiam trinta, e três educadores diferentes, que se incomodavam com o caos formado. Havia, ainda, a presença de uma quarta pessoa (um Diretor do Pangea) que entrava na direção, incomodado com a “bagunça”, querendo dar ordem àquilo.

O objetivo pedagógico desse dia era publicar a produção deles no tocante à confecção das normas de convivência para que pudéssemos construir um único conjunto de normas para todo o grupo. Mas, como eu fazia parte de uma equipe, existiam coisas que não poderia impor a minha vontade. Os outros técnicos precisavam dessas normas para que pudessem trabalhar em paz, sabendo que ali já havia regras sociais de convivência que regularia qualquer atitude ameaçadora ou que levasse à desordem. Portanto, compreendi a necessidade desse fato, mesmo sabendo que essa proposta iria de encontro à minha convicção de que o grupo não precisava mais dessa forma de homogeneização das diferenças, mas sim da reafirmação da pluralidade, da multiplicidade, como condição humana.

Para condução dos trabalhos de construção das normas, convidei um dos futuros cooperativados para dirigir a apresentação das normas de convivência desenvolvidas por eles próprios. Essa pessoa foi uma mulher que tinha bastante experiência de trabalho nos lixões, mas que também tinha uma liderança diferenciada. Ela assumiu meu papel de educador, sob incentivo dos companheiros e algumas orientações minhas, no sentido de propiciar com que a atividade fosse dirigida por um deles. Foi uma experiência interessante e que não estava na nossa programação, mas que a colocou diante da possibilidade do “treino no papel” (*role-playing*) de diretor dos trabalhos grupais (MORENO, 1975), o que seria necessário para a vivência que teriam na cooperativa. O próprio grupo acolheu a idéia de ter um deles dirigindo o trabalho e passou a participar mais da atividade

Dando seguimento aos trabalhos com o grupo no encontro seguinte, 12/06/2002, procurei levantar os temas que emergiam do grupo, para que fosse possível viabilizar a comunhão com as idéias sugeridas pela ONG que coordenava a formação da cooperativa e a necessidade do grupo de cooperativados. Para tanto, precisava criar meios com que o grupo falasse das suas necessidades sem, necessariamente, ser de uma forma direta. Comecei a utilizar jogos de grupo com o intuito de viabilizar a emergência grupal. Um dos caminhos foi tentar configurar o desenho do que significa o lixo na realidade de vida do grupo. Iniciar com a dinâmica do novelo de linha, com a pergunta: como estou hoje? Apesar da idéia de produzir algo sobre o lixo, a pergunta é aberta, para que o grupo nos diga o caminho que precisa seguir.

Essa dinâmica do novelo assemelha-se aos caminhos percorridos por Teseu dentro dos labirintos do Minotauro³³ na mitologia grega. A pessoa segura o novelo, fala de como está hoje, e passa o novelo para aquela outra que gostaria de ouvir naquele momento ou que se anuncia. E assim sucessivamente. Após todos falarem, forma-se um desenho dos caminhos percorridos pelo grupo como se fosse uma rede por onde a informação corre. Após a visualização da configuração formada, propus nos reunirmos em subgrupos, tomando como critério o que foi ouvido e o que mais chamou a atenção. Em seguida, vem o compartilhamento do grupo, onde pinçamos os temas que aparecem, viabilizando a construção de um diagrama onde apareciam as diversas questões que atravessavam o tema na vida deles.

Foi importante o momento em que viram as configurações da rede de sentimentos do grupo feitas com o fio. Visualizaram, com surpresa, algo que era deles próprios. No segundo momento, o da discussão e apresentação, comecei a observar uma leve soltura de alguns membros no sentido da corporeidade³⁴. Pessoas que se diziam tímidas apresentaram-se de forma desenvoltas. Comentaram: “era assim mesmo que acontecia” (Informação Verbal)³⁵. Isso sinaliza que, quando o tema é trazido por eles como na vida real, emerge a participação espontânea e criativa, e pessoas que não apareciam com frequência no grupo, nesse momento, tomam a iniciativa e mostram quem são realmente, principalmente os mais velhos que não gostavam de falar o que sentem e pensam. Acredito que com a (re) criação de um cenário (re) conhecido e sua carga afetiva e emocional, a informação torne-se mais facilmente acessível,

³³ Monstro nascido da união de Pasífae, mulher de Minos (Rei de Creta), com um touro enviado por Poseidon. Tinha o corpo de homem e a cabeça de touro e chamava-se realmente Astério ou Astérion. Minos confiou sua educação a Dédalo, que o encerrou no labirinto. Esse monstro alimentava-se de carne humana, fornecida particularmente pelo tributo de sete moças e sete rapazes de Atenas. Foi morto pelo herói Teseu. (www.filonet.pro.br/mitologia/minotauro.htm). Acesso em 15 mar. 2005.

³⁴ Corporeidade: corporalidade: s. f. Qualidade de corpóreo ou corporal. (FERREIRA, 1986).

³⁵ Falas de vários deles após essa atividade em alusão ao que foi relatado.

surpreendendo até mesmo os seus autores. Ao mesmo tempo, possibilita o resgate das histórias desse grupo enquanto tal.

Dentre os temas que emergiram da atividade anterior, destacaram-se, a saúde e os cuidados com a mesma, uma vez que os trabalhos nos lixões os deixavam expostos a todo tipo de risco, desde a ingestão de alimentos fora dos padrões sanitários, até acidentes com materiais contaminados de hospitais. Para promover uma aproximação com o tema dos cuidados com o corpo, sugeri que fizéssemos alguns movimentos de alongamento e sensibilização corporal. A partir do contato com o próprio corpo, passou-se a falar da saúde e cuidados pessoais. O objetivo era promover um maior contato com suas sensações, pulsações, para que pudéssemos utilizá-las de uma outra perspectiva, e que o tema saúde, partindo do corpo físico, pudesse emergir.

Foi um dia incomum: faltou energia elétrica e ficamos no escuro por mais de uma hora. Passamos a trabalhar na quadra de esportes, onde foram realizados os trabalhos. Interrompemos quando já não era possível enxergar as pessoas na escuridão. Como proposta, trouxe uma série de exercícios corporais como aquecimento. A participação foi marcada por risos e conversas paralelas por conta do constrangimento quando o assunto é o corpo e movimentos que não fazem durante a rotina diária. Nos comentários, surgiu o sentimento com a morte do pai de uma participante em meio a risos e brincadeiras. Eles não tinham o conhecimento prévio do que estava acontecendo com a companheira. Quando foi dada a oportunidade da mesma falar, o sentimento de solidariedade predominou no grupo. É importante ressaltar que o tema era o corpo e os cuidados com a saúde, e nesse dia morre o pai de um membro do grupo.

Dando continuidade aos trabalhos do dia anterior, mesmo com os imprevistos, nos reaproximamos do tema saúde. No dia 18/06/2002, começamos os trabalhos com alguns exercícios corporais, agora com dois subgrupos juntos. Retomamos o contato com a experimentação do corpo como *locus* de sensações e sentimentos. Nem todos participaram da classe de exercícios nesse dia. Partindo daí para falar de saúde e abrir, desdobrar, debater o tema. O compartilhamento do trabalho do dia anterior trouxe os informes das “dores no pescoço, da necessidade de mexer os ossos,...” (*sic*).

Após os trabalhos corporais, na fase do compartilhar, começamos a falar do tema saúde, tendo como base as experimentações dos exercícios. Apareceram vários itens vinculados à saúde: alimentação, exercícios físicos, “baba” (futebol), fumo, bebida, trabalho como atividade física,... . Surgiram também alguns papéis ligados à saúde: o médico, Deus, o

motorista, o vagabundo, a atendente, o acompanhante, o policial, o ministro da saúde, o trabalhador.

Esses elementos colocaram as bases para saber o que está em torno da saúde dessas pessoas e como a vivenciam no cotidiano. A alimentação, que na maioria das vezes era retirada do lixo, era vista como fundamental para a sobrevivência das pessoas. Tanto sua falta como a presença significava grande risco: a morte, pois aqueles alimentos que eram retirados do lixo, em sua grande maioria, já haviam sido rejeitados pelos supermercados por conta do vencimento dos prazos de validade ou já estavam em estado avançado de deterioração.

A falta de uma atividade física, aliada ao fumo e à bebida, aparecia nos efeitos destas práticas na saúde das pessoas ali presentes com depoimentos tipo: “temos que fazer algum exercício, pro corpo ficar vivo, senão a gente morre” (Informação Verbal)³⁶. Mas, um dos pontos mais interessantes foi o surgimento dos papéis³⁷ que constituem o cotidiano dessas pessoas, no tocante à saúde. Elementos que, em outros locais, têm outra dinâmica, mas cujo funcionamento é diferente na realidade deles. Isso precisava ser pesquisado para além da palavra. A partir desses achados, comecei a buscar o que poderíamos fazer para investigar melhor essas questões. Então, comecei a desenhar a atividade do dia seguinte com uma proposta de atuação nos mais variados papéis.

Partindo do ponto do dia anterior, retomei o tema, citando as questões que tinham sido trazidas por eles, com alguns sentimentos que foram anunciados, algumas situações, como uma forma de colocá-los, outra vez, em contato com aquele tema. Isso os remeteu direto para o ponto anterior, com seus elementos. Trouxeram o contato com a dinâmica cotidiana quando precisam dos serviços de saúde e o que atravessa essa temática. A partir dos papéis que ficaram demarcados no dia anterior, criou-se uma cena e deu-se seguimento aos seus desdobramentos. Fui convidando as pessoas a entrarem no papel, algumas já entravam por iniciativa própria, colocando-se sentados em cadeiras no centro da sala e prosseguindo ao que posso chamar de entrevista no papel. Foi dada voz a cada personagem (ao médico, Deus, paciente, trabalhador, e demais), no sentido de conhecer um pouco mais o que cada um faria. Todos puderam contribuir para o enriquecimento de cada papel com sugestões, formas e sentimentos.

³⁶ Informação verbal: Bem: cooperada.

³⁷ Os Papéis podem ser definidos como as formas tangíveis concretas assumidas pelo eu. Assim, podemos entendê-lo como formas funcionais que o indivíduo assume no momento específico, em que outras pessoas ou objetos estão envolvidos. [...]. Todo papel é uma função de elementos coletivos e privados. (Moreno, 1961 apud Fox, 1987, p. 113).

O aquecimento para desempenhar os papéis na cena já era suficiente: o médico, Deus, paciente, trabalhador, atendente, policial, ministro da saúde, o ladrão, o segurança. Marcado o cenário, a cena correu: houve uma atuação do ladrão que assaltou a paciente quando esta saía para procurar ajuda na madrugada, com a polícia entrando em cena para prendê-lo. Por não ter condição de ser atendida em sua necessidade no posto de saúde do bairro, a paciente precisou ser atendida no Hospital Geral do Estado (HGE), uma vez que o Ministro da Saúde demorou em liberar os medicamentos para abastecê-lo. Deus só observava tudo acontecer.

Na segunda cena, que transcorreu no HGE, o atendimento à paciente se deu sob clima tenso. Apareceram: o segurança do hospital, tratando as pessoas humildes de forma grosseira; o sistema de saúde com os seus mais variados problemas, como a falta de vagas, falta de medicamento, falta de profissionais e todas as outras; a ética médica aparece com o tratamento desumano dado pelos médicos, que quando estão presentes, nem se aproximam das pessoas; o Ministro da Saúde dando suas justificativas pela falta de medicamento; a atendente do hospital que queria encaminhar a paciente para outro lugar, alegando que não tinha vaga; o motorista do ônibus, que mesmo de madrugada, trabalha e leva as pessoas para o lugar que precisam, sendo até generoso. Deus, ao final, participa dando conselhos e conformando as pessoas.

É notável como o tema surgido da sua vivência pode trazer material das mais variadas áreas da vida da sociedade de forma espontânea e criativa, sem um texto escrito previamente. O verdadeiro texto já está inscrito na história de cada um e do grupo como um todo. Todos participaram da atividade, mesmo quem não fosse atuar em algum papel na cena, participavam como platéia, trazendo os seus sentimentos e opiniões durante o desenrolar dinâmico da cena. A atenção de todos durante o desenrolar das suas próprias histórias é algo digno de ressalva, pois costumamos alegar que as pessoas conversam, são desatentas, mas quando o assunto é do interesse, acaba prendendo a atenção de todos, tendo uma maior participação no compartilhamento: o tema está presente em suas vidas, como de fato acontece e é percebido pelo grupo. Isso torna o trabalho altamente atraente para todos. Mas, somente o trabalho no campo do desempenho espontâneo dos papéis não é capaz de promover as alterações e transformações necessárias. É preciso passar para a fase da reflexão, que segundo Gutiérrez (1999) é de suma importância dentro da dialética ação-reflexão da educação.

Dentro dessa metodologia, esse momento é o compartilhar, como forma de elaboração do acontecido e a abertura para que sejam tratadas e encaminhadas as mais diversas questões que emergiram no momento anterior. É agora que as pessoas comentam o quanto foi bom

participar, pois “é assim que ocorre na hora” (Informação verbal) ³⁸. Cada um pôde falar de sua atuação, das impressões, dos sentimentos, das propostas de transformação das coisas. Ficaram mais próximos e espontâneos. A solidariedade esteve presente com a compreensão maior da condição do outro e do grupo.

A partir do que surgiu, pode trabalhar o papel de cidadão no contexto coletivo, a forma como o Estado tem lidado com a questão da saúde, segurança, educação. As temáticas ligadas às questões do exercício do papel de cidadão ficam expostas para serem abordadas, sem que isso cause estranheza nas pessoas, pois estão vendo que tais assuntos estão inseridos em suas vidas e vice-versa. Esse pode ser um momento propício para a introdução dos conteúdos, uma vez que a temática já foi explorada o suficiente e o educador já sabe até onde pode chegar e como deve alcançar o educando.

Portanto, dessa forma é possível “abrir a caixa preta” dos processos grupais para tratamento pedagógico, relacional, afetivo, estratégico e outros mais. Pedagogicamente, pode abordar temas complexos da vida dessas pessoas com suas próprias histórias. Educar, etimologicamente, vem do latim *educare*, e também quer dizer: trazer para fora. Ao promover a visibilidade, o material tornado público pode ser apreciado por todos e viabilizado seus encaminhamentos.

Trazendo os ensinamentos do professor Paulo Freire:

A concretização das palavras configura-se em comportamentos do educando em situações existenciais. Essas configurações se dão em quadros, slides, imagens, cenas. Com isso, o educando pode ganhar distância para ver sua experiência: ad-mirar. (FREIRE, 1970, p. 11).

Essa concretização que, para Paulo Freire, seria realizada por meio da escrita no processo de alfabetização do alfabetizando, foi realizada através da passagem das palavras para a ação propriamente dita, via desempenhos dos papéis que surgiram na cena que trouxeram. As imagens das pessoas sendo encaminhadas para atendimento num posto de saúde do bairro e não podendo ser atendidas, o encaminhamento ao HGE e sendo atendido como foi, nos dá o sentido concreto do que está presente no imaginário e na existência dessas pessoas, tendo agora a corporeidade como mediadora. O distanciamento que a visualização de uma cena pode proporcionar leva os sujeitos a uma vivência crítica da situação existencial, dando mais instrumentos para buscar novas saídas, podendo, também, ouvir as indicações dos companheiros, numa (re) construção e tratamento coletivo da situação, que podemos chamar, nesse caso, de Teatro Espontâneo, com fins pedagógicos.

³⁸ Informação verbal dada por Luciana durante o compartilhamento das atividades do dia.

Essa proposta de dar visibilidade às questões do grupo, às falas e situações por eles vivenciadas é um poderoso recurso metodológico de pesquisa e intervenção, onde o corpo, ou melhor dizendo, a corporeidade tem o poder de nos revelar o que a palavra sozinha não pode alcançar. Dessa forma, a pesquisa sobre determinado tema é feita através da ação dos sujeitos em situação cotidiana.

Como tarefa para o próximo encontro, solicitei que buscassem notícias sobre saúde, fazer uma colagem, trazer uma reportagem, um filme, um pensamento, o que ocorrer. Isso com o intuito de proporcionar mais uma elaboração daqueles conteúdos trabalhados teórico-vivencialmente.

Possibilitando dar seguimento e aprofundamento às questões surgidas, poderíamos trabalhar cada ponto, numa espécie de desdobramento das situações, tomando os papéis que surgiram em seu desempenho e utilizar recursos suplementares³⁹ da técnica para buscar outras informações que não apareceram no transcorrer da cena: entrevistar a “paciente” em seu papel, “o ladrão”, “o médico”; trazer algumas pessoas da platéia para substituir alguns atores em seu desempenho. Após os comentários, poderíamos, também, refazer a cena como acreditamos que deveria ser, como uma possibilidade de proporcionar a essas pessoas uma vivência do vir a ser, caso as relações entre os diversos seguimentos da sociedade tivessem outra disposição política. A experimentação de novas possibilidades amplia a percepção do esquema corporal, da corporeidade.

No dia seguinte, abri as discussões no grupo sobre o tema do exercício do papel de cidadão, tendo o tema “saúde” e seus atravessamentos. Nesse dia, o grupo tinha outra atividade que foi a apresentação de uma palestra sobre DST-AIDS e só tive o grupo para trabalhar das 17:00 h às 18:30 h. Mas, as coisas foram aparecendo e fomos marcando. Para começar, os temas foram surgindo através do depoimento de um dos integrantes sobre os problemas que teve ao nascimento do seu filho. Trouxe o “papel do alimento” no processo de adoecimento. Outra pessoa se vinculou a esse tema e trouxe problemas emocionais que estavam comprometendo a saúde de seu filho. Outra falou dos medicamentos que deixou de tomar e o menino nasceu com icterícia. Outra, das surras que tomava. Outra de uma queda que tomou quando estava grávida.

No encontro do dia 17/07/2002, poderíamos dar continuidade ao tema do dia anterior ou ir à direção que o grupo sinalizasse. Escolheram seguir tratando a saúde. Retomamos às questões levantadas no dia anterior com a marcação dos temas, discussão em grupo e

³⁹ Técnicas de realidade suplementar: vide glossário.

apresentação. Cada subgrupo discutiria um dado tema, e as pessoas se vinculariam de acordo com o que desejassem.

As pessoas foram se vinculando aos tópicos levantados, formando pequenos grupos para discussões. A proposta era discutir os mais variados tópicos, sendo que cada grupo tivesse o seu, e em seguida, eu indicaria que apresentassem de alguma forma. Algumas não se reuniram para o trabalho, mas sempre tinham questões com os temas tratados. Outros grupos apresentaram comentando o que foi debatido. Outros grupos com dramatizações de cena a vida real.

Em alguns grupos, não precisei dar a consigna de que apresentariam. Eles já foram se reunindo e apresentando. Fizemos isso no primeiro horário antes do lanche, ficando o compartilhar para o segundo momento. Nesse segundo momento, surgiu uma fala, comentando a conduta de um dos papéis desenvolvidos, pois uma das pessoas do grupo achou que a personagem não deveria ter agido assim, “complicou a vida da outra pessoa” (*sic*). A cena a que se refere foi a seguinte: uma mulher grávida em casa descansando e o marido no pagode. A amiga dessa grávida vai ao seu encontro e diz que seu marido estava com outra mulher no pagode. A grávida sai de casa e vai até o local. Após discussão, a grávida é agredida pelo marido.

O grupo todo participou dessa discussão no momento do compartilhamento. Tiveram as mais variadas reações emocionais, sentimento de indignação para com o marido, até reações de apoio a este. O aspecto importante é que o grupo pôde tratar de questões como estas sem precisar recorrer a referenciais externos. Nesse momento, o trabalho ganhou uma conotação diferente do dia do Teatro Espontâneo com a cena do hospital, pois o que estava sendo trabalhado era os papéis de marido e mulher diante de uma situação específica de gravidez e traição. Existiam vários valores implicados na cena como traição, fidelidade, cuidados com uma mulher grávida, companheirismo, amizade e que puderam ser trabalhados pelo processo Sociodramático⁴⁰ e axiodramático⁴¹.

Ação que tem por objetivo ampliar a percepção sobre determinado fato, dando-lhe visibilidade, tal qual acontece na vida. Caso contrário, ficaríamos com uma ação pela ação, sem uma reflexão, tirando da práxis a sua possibilidade educadora. Como nos mostra Gutiérrez:

⁴⁰ Sociodrama - o sujeito real do sociodrama é o grupo e não cada um dos indivíduos. O sociodrama trata as relações dos grupos e ideologias coletivas, como por exemplo, os conflitos entre povos ou entre grupos políticos. (MORENO, 1999, p. 117).

⁴¹ Axiodrama-é uma síntese de psicodrama e da ciência de valores (axiologia); dramatiza as aspirações morais do psiquismo individual e coletivo (justiça, verdade, beleza, bondade, complexos, perfeição, eternidade, paz etc.). (Idem, Idem).

‘A educação na práxis é, portanto, uma ação transformadora consciente que supõe dois momentos inseparáveis, o da ação e o da reflexão. O primeiro, como ponto de arranque, na medida em que a ação parte de uma certa forma de consciência e conduz para uma nova forma de consciência, mais esclarecida, mais plena.’

O enfrentamento dialético ação-reflexão é o que dá origem à mudança, tanto no nível de consciência, como da estrutura social. (GUTIÉRREZ, 1984 apud GUTIÉRREZ, 1999, p. 28).

O autor nos fala da necessidade de refletirmos sobre as ações que realizamos no cotidiano, podendo ser reais ou imaginárias. Caso seja real, correremos o risco de trabalharmos sempre atrás da reparação de algo que já ocorreu na realidade e que podemos aprender com o ocorrido. No caso imaginário, seremos capazes de trabalhar sobre algo que não ocorreu necessariamente na vida real, mas que tem possibilidades de vir a acontecer. Com isso, podemos trabalhar com as possibilidades do passado, presente e futuro, antevendo algumas situações que poderão acontecer, preparando as pessoas para respostas espontâneas no momento do acontecimento, com a ampliação da percepção.

Partindo das questões trazidas do trabalho do dia anterior 22/07/2002, muitos pontos ligados à indignação dos acontecimentos da cena fomentaram entrar no tema da cidadania. A proposta das coordenadoras pedagógicas era levantar o que eles tinham acerca da cidadania. Utilizando-se de um trabalho com colagens, puderam dar vazão ao imaginário e construir um conhecimento à medida que iam encontrando figuras nas revistas. Cada um dos três grupos pôde construir seu próprio material com a participação de todos os membros da equipe.

Havia questões extremamente elaboradas e complexas para serem discutidas posteriormente. Foi feito o convite para os três subgrupos (os grupos compostos por trinta pessoas) apresentarem-se juntos no quiosque do lado de fora da sala, com o intuito de intercambiar os saberes entre os grupos. De início, houve certa resistência à proposta, mas a acolheram e fizemos uma Grande Feira da Cidadania. Houve apresentação de músicas, representações dramáticas, apresentação de cartazes, onde todos puderam saber um pouco mais sobre o assunto. Ficou acertado dar seguimento com os possíveis desdobramentos.

Um desses desdobramentos foi a proposta do júri popular com a participação efetiva de todo o grupo. Foi montado o tribunal, e no banco dos réus, estava o prefeito de uma cidade imaginária chamada Lixolândia. Os papéis de juiz, advogados de defesa e acusação e jurado compuseram a cena. Eles, que em sua grande maioria, nunca foram a um tribunal, desempenharam de forma adequada alguns papéis. Adoraram a proposta, ficaram muito excitados e cheio de questões (questionamentos sobre os papéis do poder Judiciário). Desse processo, surgiu a proposta de realizarmos uma caminhada pela paz, pelas ruas do bairro de

Canabrava, mas com um objetivo de divulgar a necessidade de fazer a coleta seletiva de lixo e também divulgar o trabalho que vêm realizando, e a própria cooperativa.

No dia 31/07/2002, tínhamos como proposta de trabalho a utilização dos cartazes da feira da cidadania, mas a direção que o grupo deu foi diferente: era necessário fazer o processamento do júri popular do dia anterior, pois ainda não tinham falado o necessário. Durante o processamento, puderam dizer como percebem cada papel que foi desempenhado. O de juiz foi o primeiro a ser questionado, depois o de advogado. Isso teve um efeito coletivo e privado interessante, uma vez que as pessoas, ao desempenharem o papel público de juiz ou advogado, voltaram-se aos seus papéis pessoais. Aparecia muita dureza nas penalizações, sugerindo que é assim mesmo que acontece com os menos favorecidos e instruídos. Puderam ter a chance de refazer tais papéis da forma como acham que deveriam ser, mas não o fizeram. Isso pode ser um indicativo da inflexibilidade com a qual os juízes e advogados estão presentes no imaginário dessas pessoas, não promovendo abertura para pensar numa outra forma.

Num segundo momento, trabalhamos a estruturação da caminhada pela paz. Desenvolvemos estratégias de reunião e assembléia, seguindo o modelo do 5WH (Quem fará? O quê? Quando? Como? Onde?) , dentro da necessidade de organizar a passeata. Uma das pessoas do grupo dirigiu os trabalhos, com o intuito de treinar o papel de diretor. Ficou encaminhado um encontro com todos os grupos para desenvolver uma proposta única a partir da existente.

Ficou clara a efetividade dessa metodologia do teatro pedagógico, como via para o trabalho sobre os papéis sociais, suas relações na sociedade. As pessoas ficaram tocadas pelos seus desempenhos e puderam dar-se conta de algumas características pessoais, tendo, portanto, um efeito de tratamento de tais papéis na vida real.

3.3 Construção e desenvolvimento do *socius*

Após esta etapa de “capacitação”, na qual os processos pedagógicos e de constituição grupal foram o foco dos procedimentos e vários temas foram trabalhados, fez-se necessário uma nova etapa, na qual o foco era as relações interpessoais e os desdobramentos decorrentes do desempenho do papel de cooperativado. Observações feitas pelo Pangea na figura dos

profissionais que trabalhavam diretamente com os cooperativados identificavam a necessidade de intermediação por uma pessoa que pudesse dar visibilidade e tratar uma série de questões relacionais que colocavam em risco todo o trabalho que já tinha sido realizado. O nível de tensão entre os cooperativados estava elevado assim como entre os mesmos e os membros da equipe técnica do Pangea.

Nesse momento, o que estávamos presenciando algo previsto pela bibliografia, pois agora essas pessoas estariam efetivamente trabalhando cooperativamente. Como se não bastasse enfrentar dificuldades para o pleno funcionamento da cooperativa tendo a LIMPURB e seus gestores como os grandes opositores, pois estes últimos passaram a ter interesse pelos trabalhadores que foram formados pelo Pangea durante o processo de “capacitação”, as novas relações no trabalho faziam-se empecilho para a manutenção da vida da cooperativa.

Os gerentes da LIMPURB cooptaram as pessoas para que fizesse parte da COOPICICLA⁴², utilizando-se para isso do seqüestro do galpão que já estava construído em parceria com essa empresa, levando as pessoas a perceber que o trabalho estava associado à propriedade do estabelecimento. Isso trouxe um clima de insegurança para um bom número de participantes do projeto, que cederam às pressões e saíram do projeto CAEC, indo compor a COOPICICLA. Acredito que o sentimento de coletividade desenvolvido durante o processo de capacitação, junto com o conhecimento da conduta das pessoas que administravam a outra “cooperativa” fez com que grupo que ficou se unisse e aceitasse o desafio, com o sentimento de que precisavam pôr em prática tudo que puderam aprender anteriormente. As brigas entre eles e as cobranças por resultados passaram a fazer parte da rotina diária, tornando o clima difícil.

3.3.1 Algumas atividades desenvolvidas na perspectiva da construção do *socius*

DATA: 09/09/03

LOCAL: CAEC

Em reunião com diretor do PANGAEA responsável pelo projeto, tomei conhecimento das questões mais emergentes que estavam dificultando o andamento dos trabalhos e as

⁴² COOPICICLA: “cooperativa” administrada pela LIMPURB, mas que não se enquadra dentro dos pressupostos associativistas.

relações interpessoais no grupo, sinalizando a necessidade de continuarmos os trabalhos com o grupo.

Os principais pontos apresentados por ele foram:

- a) As dificuldades dos cooperativados em assumir a Cooperativa como “donos” e saírem do papel de “empregados”, aqueles que cumprem horários e recebem pagamento no final do mês;
- b) Não foi assumida pelos cooperativados a noção de investimento a médio e longo prazo. As necessidades destes são urgentes;
- c) A diretoria da cooperativa não assume seu papel de organizar os debates na condução das assembléias;

Inicialmente, a proposta era de trabalhar essas questões com grupo quinzenalmente, às terças feiras, das 17:00h às 18:30h. Logo depois, aconteceriam as assembléias regulares do grupo. Após essa conversa com o diretor, fui direto para o salão onde acontecem as assembléias. Foi feito o primeiro contato nessa nova perspectiva com os cooperativados, a fim de esclarecer qual seria a minha função ali e desde já começar a ouvi-los em suas principais preocupações.

Nesse momento tomavam parte da cooperativa, oitenta trabalhadores, sendo que alguns haviam saído atendendo ao convite da LIMPURB para fazerem parte da COOPICICLA. Outras pessoas resolveram buscar trabalho de outra forma, decepcionados com a possibilidade de mais um projeto frustrado.

Iniciados os trabalhos, esclareci quais as atividades seriam desenvolvidas ali, tendo como foco as questões do próprio grupo. Este seria o espaço para tratarmos das questões referentes às dificuldades relacionais entre os trabalhadores que agora tinha o desafio de serem donos e trabalhadores do próprio negócio. Segue o relato de cinco encontros de trabalhos grupais transcritos.

Pedi que falassem o que estava acontecendo com eles? Seguem suas falas⁴³ tal qual anunciadas:

- “Precisamos de pequenas mudanças”;
- “O grupo não tá mais unido como antes, não tá mais aquele grupo que era”;
- “Quando chegou aqui, tudo desabou, antes era uma união retada. Todo mundo era igual”;

⁴³ Falas dos cooperativados durante o nosso primeiro encontro dessa segunda fase do projeto (falas generalizadas).

- “Tá me incomodando o lucro que a gente ganhou nesses 3 meses”;
- “Pelo que trabalhei aqui, recebi muito e ganhei pouco. Dei muito e recebi pouco”;
- “Não ficou claro qual o trabalho da presidência. Ela fica na sala, não desce para triar”;
- “Não ganhei nada, nem sei quanto vou ganhar, mas a venda foi pouca, precisamos vender mais”;
- “Não fechou contrato com comprador e não era todo mundo que tava com a mão na massa”;

Fica claro, nesses relatos, que as mudanças ocorridas na previsão inicial indicavam para, mais uma vez, a possibilidade dessa experiência dar errado. As intercorrências sinalizavam para a continuação do modo de produção ao qual já conheciam, tendo padrões que dão ordens. Caso a CAEC não desse certo ou o Pangea acolhesse as exigências da LIMPURB, esses trabalhadores seriam forçados a ingressarem na COOPICICLA, e eles já conheciam as histórias de autoritarismo que acontecia lá, ou retornariam ao estado que se encontravam antes do projeto.

Ao final da etapa de capacitação, a parceira LIMPURB quis alterar a rota da cooperativa que estava se formando, impondo que esses trabalhadores, agora formados, fossem compor a COOPICICLA: uma cooperativa administrada pela LIMPURB. Essa cooperativa tem um presidente que não é eleito pelos membros da cooperativa, mas sim indicado pela diretoria da LIMPURB. Os trabalhadores recebem um salário. Não podem procurar informação de como está a cooperativa, senão são retaliados. Segundo depoimento de uma das cooperativadas da CAEC: “Lá, só porque a menina que trabalha nos computadores ficou sabendo de algumas informações, foi deslocada desse serviço para a coleta junto com os outros”⁴⁴ (informação verbal).

Foi um momento muito difícil, segundo o Diretor do Pangea, responsável pela gestão do projeto, pois as ameaças foram constantes e contundentes, vindas de um órgão ligado ao governo municipal (LIMPURB). O grande apoio nesse momento foi a unidade do grupo, que deu o aval para que enfrentassem as ameaças. O cooptação a que são submetidas às empresas solidárias para se transformarem em empresas tradicionais tem sido um ponto pelo qual muitas dessas acabam não suportando a pressão e desviando de rota, tornando-se empresas capitalistas tradicionais (SINGER, 2000).

⁴⁴ Informação verbal concedida em entrevista por Zeneide (cooperativada).

Do ponto de vista burocrático, o caminho mais fácil para o Pangea e a CAEC seria acolher a indicação da LIMPURB, não tê-la como adversária. Mas, ideologicamente, o compromisso com o grupo prevaleceu, não cabendo trair essa massa de trabalhadores mais uma vez, como aconteceu em outras oportunidades de constituição de outras cooperativas de reciclagem. Seria fácil prestar contas aos parceiros internacionais, pois o que importa para eles é, nas palavras do diretor do Pangea, que: “o treinamento foi dado, as máquinas foram compradas, os trabalhadores estão numa cooperativa, está gerando emprego e renda”(Informação verbal)⁴⁵. Por estar longe, a UE não teria como questionar as realizações, pois os seus indicadores não poderiam detectar que a proposta original fora desvirtuada⁴⁶.

O compromisso do Pangea era com a autonomia desses trabalhadores, de forma que pudessem ter seus rendimentos condizentes ao trabalho que realizavam, sem ter que depender dos meios de produção de outrem. Diante disso, a força do coletivo deu a coesão suficiente para o enfrentamento e para a transposição dessas barreiras. Os processos de comunicação, de compartilhamentos, ecoaram dentro do grupo, que já conhecia o autoritarismo que imperava na LIMPURB, desde os tempos em que trabalhavam no lixão. Por enfrentarem esse adversário que representava a figura do Estado, essas pessoas foram taxadas de oposição política, de comunistas, porque privilegiaram a movimento de “libertação do capital”.

Esta era uma situação angustiante, pois não restaram muitas alternativas, foi um momento muito difícil, no qual os cooperativados precisavam persistir radicalmente engajados, para que as mudanças pudessem ter tempo suficiente para acontecer. A necessidade de resultados rápidos e as mudanças que ocorreram do final do curso até a cooperativa operar foram temas levantados nesse primeiro encontro. Guardando as devidas proporções entre uma empresa tradicional e uma cooperativa, já era esperado que nos primeiros meses de trabalho não houvesse “lucro” ou os dividendos desejados.

Nesse momento, era importante não mexer nas temáticas, pois os ânimos já estavam bastante exaltados. Era necessário tomar conhecimento do que estava acontecendo, ouvir as pessoas em suas queixas. Outras falas no final foram registradas⁴⁷:

- “Se uma coisa é dada, como pode ser descontada”?
- “O que adianta falar e ninguém ser a favor de você!”.
- “Tá todo mundo aqui tapado!”

⁴⁵ Informação verbal-Antônio Bunchaft: Diretor do Pangea responsável pelo projeto CAEC, em entrevista no dia 03/11/2004.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Falas dos cooperativados ao final desse encontro.

Encerrando os trabalhos desse dia, tomei essa última frase, “Tá todo mundo aqui tapado”, falada no sentido de que existem muitas coisas para serem ditas pelas pessoas, mas que não encontram formas de expressão. Então, solicitei ao pessoal que pensasse sobre esta frase e se este sentimento era geral. Deixei marcado o próximo encontro para quinze dias depois.

DATA: 23/09/03

LOCAL: CAEC

A atividade do dia 23/09/2003 iniciou-se atrasada, por volta das 17:30h, com os participantes que iam chegando aos poucos. Algumas pessoas do grupo começaram a se manifestar:

“Tá faltando mais união e as pessoas compreenderem o que é o trabalho dentro da cooperativa!”.

“A união tá baixa!”.

“Falta de ânimo, falta de coragem”.

“Eu sou peixe pequeno e fico levando patada!”.

Aproveitei essa última fala e perguntei se peixe grande vive sem peixe pequeno. A resposta do grupo foi: não.

Logo depois veio a fala:

“Nós somos donos realmente, mas tem alguém que toma conta forte”.

Essa frase é bastante significativa da realidade que os cooperativados vivem nesse momento, pois ainda existia a presença da ONG Pangea que cuidava da gestão da cooperativa e ainda decidia muitas coisas sem que os cooperativados fossem consultados. Uma dessas decisões, que gerou muita polêmica, foi a de colocar coordenadores na cooperativa. O trabalho encontrava-se fora de ordem, com muitos cooperativados trabalhando mais que outros. Então, foi determinado e comunicado aos cooperativados que, agora, passariam a ter um coordenador por cada área de trabalho. O serviço foi dividido em sete áreas distintas, mas interligadas, dentro da divisão do trabalho. Ter o coordenador indicado pelo Pangea já foi motivo para vários questionamentos pelos cooperados, principalmente porque cada coordenador teria um ganho adicional de 10% sobre os dividendos de cada mês. Como trata-se de uma cooperativa, essa questão deveria ter sido motivo de consulta e votação dentro da cooperativa, pois levou à conclusão de que as coisas vêm de cima para baixo. Ora, para quem veio de um processo de formação como o citado anteriormente, onde as diferenças individuais e coletivas eram respeitadas e referendadas, essa conduta questionadora era esperada.

Portanto, essa frase de uma cooperativada: “Nós somos donos realmente, mas tem alguém que toma conta forte” é um indicativo da força de quem coordena. Esta é outra temática que ainda precisa ser pesquisada, diz respeito à forma como algumas instituições que coordenam projetos autogeridos não viabilizam, devidamente, os movimentos rumo à autonomia dessas pessoas. Passam a desenvolver uma relação de complementação dos papéis de dependência, muitas vezes sem ter consciência disso: de um lado, os menos favorecidos de recursos, ávidos por alguém que dê uma chance; de outro, as organizações que cuidam segundo o modelo de relação “pai-filho” inadequada, onde os filhos são superprotegidos e não desenvolvem habilidades para lidar com as novas condições da vida. Isso amplia a maior das dificuldades que esses sujeitos encontram que é vivenciar o papel duplo: dono e trabalhador da mesma empresa: “Ele é dono, mas quem manda é outro”⁴⁸. Esse dissenso chocou com a consciência que estes trabalhadores tinham naquele momento, de que não precisavam que lhes dessem ordens. O que estava acontecendo era que o Pangea estava indo de encontro ao que eles tinham aprendido sobre cooperativa, trazendo decisões tomadas na sede da ONG sem a consulta aos cooperativados.

Dando seguimento aos trabalhos desse dia, tivemos um acontecimento inusitado: Joselita (cooperativada e presidente da CAEC) apareceu durante o encontro para avisar que a cooperativa ganhou um automóvel⁴⁹ para aperfeiçoar os trabalhos da CAEC. O grupo reagiu, vibrando bastante. Um representante do PANGEA estava com Joselita e disse que aquela Kombi era uma conquista deles, do trabalho do grupo e não um presente. Após a comemoração pela ótima notícia trazida por Joselita, a discussão foi retomada e girou em torno do papel de vice-presidente⁵⁰ e o não cumprimento de suas orientações.

Foi então que Genivaldo tomou a palavra e passou a contar sua versão da história. Convidei mais uma pessoa do grupo para compor a história e fazer par com o vice-presidente (montagem da cena). Sugerí que não só contasse a história, mas que passasse a demonstrar como realmente aconteceu na vida real. Genivaldo representaria o papel do vice-presidente da cooperativa e a outra pessoa representaria os cooperativados, que não respeitam suas falas. A interação se desenvolveu e os demais puderam participar como platéia, havendo o envolvimento emocional, com risos e indignações diante da cena. Em dado momento, propus que os dois invertessem os papéis: quem era o cooperativado agora seria o vice-presidente e vice-versa. Depois dessa experiência, partimos para os comentários no grupo, reconhecendo

⁴⁸ Informação verbal: Zenaide.

⁴⁹ Kombi –carro da marca Volkswagen.

⁵⁰ Genivaldo: vice-presidente e cooperativado.

que foram eles mesmos que elegeram a direção, mas que isso não significa que eles tenham que cumprir suas ordens da forma como são dadas.

Nesses comentários, os cooperativados puderam compreender melhor como agem quando um vice-presidente dá alguns comandos, assim como Genivaldo (vice-presidente) pôde se admirar nos outros papéis desempenhados na cooperativa. As pessoas puderam dar conselhos e sugestões de como ele deveria falar na hora de dar uma orientação e ele pôde dizer como se sente quando os cooperativados não compreendem a necessidade do que ele está falando.

Algumas falas se sucederam:

“Se ele (Genivaldo) não der ordem, vai virar lama!”

“A gente não tem direito de falar. Pra que vou dar minha opinião?!”

Oportunidade ímpar de tratar de diversos temas simultaneamente referentes aos papéis que cada um desempenhava dentro da cooperativa. Esses papéis são as formas pelas quais as pessoas se apresentam no cotidiano do trabalho e nas relações para a produção. Então, dentro da proposta cooperativada, cabe à pessoa (coordenador, vice-presidente, diretor...) orientar os trabalhos sem que isso signifique um chefe hierarquicamente superior, aquele que dá as ordens, que ganha mais que os outros. O vice-presidente era um cooperativado que estava em outra perspectiva e podia perceber algumas necessidades no trabalho que os demais teriam dificuldades, por conta da função.

Acontece que aquele que orientava, algumas vezes, apresentava-se como um chefe autoritário, pois foi dessa forma que aprendeu a cumprir as ordens dos seus chefes, superiores, pelos lugares por onde passou (aqui, aparece a aderência do oprimido-opressor anunciado por Freire (1970)). Sendo assim, acreditava que era dessa forma que devia mandar as pessoas realizarem algumas atividades, criando tensões nas relações entre as pessoas no trabalho. Ouvir o que o outro estava trazendo em público, no grupo, criava as condições dialógicas para tratar essas questões no coletivo.

DATA: 07/05/04

LOCAL: CAEC

Nesse dia, tivemos o primeiro encontro com os coordenadores, já que estes passaram a ser hostilizados por alguns cooperativados, sem contar que era um papel novo na vida da maioria deles. Dentro da cooperativa, formou-se uma hierarquia entre os coordenadores e os cooperativados, mas quando saíam ou encontravam-se no bairro onde moram, eram todos amigos, vizinhos. Alguns já não se relacionavam antes por algumas questões. Com essas

mudanças, passaram a fazer parte do mesmo grupo, mas em papéis diferentes. Participaram desse encontro Cícero, Mercês, Edson, Joselita, José Antônio, Vilfrides e Adenilton (todos coordenadores).

Sentamos ao redor de uma mesa e começamos a conversar. A primeira pessoa a falar foi Mercês. Ela coloca sua posição de coordenadora da cozinha e serviços gerais e vigilância: “tem uma figurinha que vem criticar meu papel, mas se ela falar mais uma vez eu vou passar a coordenação para ela por três dias e quero ver como ela se sai” (Informação verbal). Traz o fato de ter feito a comida, colocado na mesa, todos terem comido, e uma pessoa ter dito que não ia comer porque não tinha para ela. Logo depois veio outra pessoa, comeu a mesma comida, e saiu falando que “era assim que não tinha comida?”. “A ‘figura’ comprou carne, cozinhou e comeu.”(sic) disse Mercês ficou indignada.

O próximo a falar foi José Antônio, coordenador da seleção de material. Trouxe o fato dele ter pedido a um cooperativado que fizesse algo e este dizer não. José Antônio o ameaçou e, mesmo assim, ele disse que não faria e não se importava com o que acontecesse. José Antônio encaminhou uma advertência para esse cooperativado. Aconselhado pelos colegas, retirou a advertência e colocou para a pessoa nunca mais fazer isso. Mas ficou sentindo-se muito mal: “pra que coordenador?” (Informação verbal). Edson (coordenador geral) alia-se a José Antônio e disse que, por ele, daria a advertência. Edson, como coordenador geral, tinha uma conduta de “pegar junto” com os outros cooperados. Na sua compreensão, não teria nem que se dirigir diretamente aos cooperativados, mas o fez, pois, segundo ele, como coordenador geral, teria que se dirigir aos coordenadores de área. Foi possível deduzir a confusão para essas pessoas quanto ao papel de cooperativado e coordenador, pois não era o mesmo que ser coordenador ou chefe em uma empresa tradicional. Eles estavam lidando e coordenando os próprios donos do negócio.

Cícero era coordenador de eventos, mas ainda não tinha atuado como tal. Fazia parte da equipe de Geane, coordenadora da entrada de materiais, onde tudo corria bem. Cícero citou como chamou atenção de Mala (cooperativado) pelo fato de estar com a roupa rasgada ao sair para fazer coleta de rua. Mala não gostou de ser chamado atenção. Cícero o chamou outra vez, agora de forma mais contundente, inclusive comunicando ao seu coordenador direto. Mala reconheceu que estava errado, pois usava roupas rasgadas, alegando que suas roupas novas estavam molhadas. Vilfrides saiu em acusação à forma como Cícero se dirigia às pessoas. Disse que não gostou, uma vez que fora chamado por este. Quando Vilfrides disse que não gostou da forma e falou dos seus sentimentos, abriu a possibilidade de contribuir com outras formas pelas quais Cícero podia relacionar-se com seus companheiros. Todos que estavam

nesse momento tiveram sua forma de atuação revista, tendo o companheiro como referência. O que foi tratado nesse encontro foi o papel de coordenador e não um coordenador especificamente. Mais uma vez, ficou evidente a tensão gerada pela designação dos coordenadores e a forma autoritária de tratarem os outros cooperativados.

Vilfrides era o coordenador da coleta nos condomínios. Segundo ele, não tinha problemas com seus coordenados. Ele já havia dito que não sabia coordenar, mas que conseguia um bom diálogo com os seus coordenados. Não permitia que os mesmos fizessem amizades com os condôminos para não conversar demais e atrapalhar o serviço, mas tinha uma forma própria de conduzir a coordenação, uma mistura de lúdico e seriedade.

Adenilton era o coordenador da triagem. Em sua equipe tinha uma pessoa que não se relacionava com ele. Então, tudo que ele solicitava deste cooperativado, não conseguia. Segundo ele, “uma questão mal resolvida” (sic), conseqüência do pedido de punição para uma determinada cooperada. Essa pessoa não concordou com a solicitação desta punição e deixou de falar com ele.

As punições eram um tema interessante nessa cooperativa. Todos aqueles que saíam da “linha”, de alguma forma, eram punidos com advertência por escrito, verbal, suspensão e até exclusão da cooperativa. Existiam casos onde a advertência era a intervenção mais adequada. Entretanto, passou a ser usada de forma indiscriminada para qualquer caso de desalinhamento. Isso nos remete à velha escola onde todos deveriam ter comportamento igual, sendo o diferente punido por isso. Era mais uma forma autoritária de contenção da massa através da repressão e não do tratamento das questões no coletivo. O próprio grupo já sinalizava para que as questões disciplinares pudessem ser tratadas de outra forma no grupo. Conseguiram encaminhar uma questão sem necessidade de punição, quando um dos cooperativados teve uma conduta indevida diante de uma moradora que selecionava material reciclável para coleta seletiva. O grupo percebeu a dificuldade do companheiro e resolveu encaminhar a questão sem punição, mas sim com uma conversa aberta no coletivo. O resultado foi um clima menos tenso dentro do grupo. Um indicativo de que podem melhorar determinadas condutas pessoais através do tratamento do papel profissional.

Joselita era a presidente da cooperativa, eleita pelos cooperativados. Fala em desunião, falta de solidariedade, de forma muito resignada. Ela acreditava que as pessoas deveriam ser amigas, ordeiras, agradecidas e não expressar sentimentos fortes, como raiva, agressividade e desagrado. Preferia o clima ameno, sem tantas turbulências e conflitos.

DATA: 14/05/04

LOCAL: CAEC

Novo encontro com os coordenadores com a participação de Mercês, Edson, Genivaldo, Adenilton, Cícero, Vilfrides. Para início dos trabalhos, informamos a Genivaldo sobre o que ocorreu no encontro anterior. Vilfrides tinha pressa em falar, pois estava “abafado”. Tinha pedido para sair da coordenação, pois “não estava agüentando mais”. Existiam dois condomínios onde eles faziam a coleta seletiva. Quando ele estava em um deles, sua equipe tinha problemas no outro: “foi a mulher que nos atendeu mal” (*sic*); “não tinha material” (*sic*). Com isso, ele ficava sobrecarregado, pois tinha que estar em dois lugares simultaneamente. Quando solicitava pessoal de outras coordenações, não era atendido. Irritava-se e fazia tudo sozinho. Ainda existiam pessoas que, na coleta seletiva, “fazem de conta que trabalham” (*sic*), e quando ele ia checar, o serviço de coleta não tinha sido feito. As pessoas alegavam que tinham vergonha de bater à porta dos moradores para pedir o material da coleta seletiva. Tinham medo de receberem um não. Vilfrides, enquanto coordenador, não percebia que as pessoas poderiam ficar constrangidas e não tocarem as sirenes das casas, pois, desde a época dos lixões, não pediam nada a ninguém; não percebia que não podia ficar em dois lugares diferentes ao mesmo tempo e que, por isso, ficava sobrecarregado.

Um outro ponto trazido por ele é que quando Edson (coordenador geral) não está no salão do trabalho, as pessoas não fazem o que tem que ser feito. Ficam sem trabalhar. Dessa colocação surgiu a discussão: por que o pessoal fica esperando que alguém mande fazer as coisas? Porque é preguiçoso, porque está acostumado a ser mandado ou porque Edson manda de forma enérgica? Essas foram perguntas para as quais não tivemos respostas.

Adenilton trouxe uma possibilidade de quando Vilfrides precisasse de pessoal, ele e sua equipe poderiam compor a equipe da coleta seletiva, sendo, inclusive, coordenada pelo pessoal de Vilfrides. Com isso, começaram a aparecer as possibilidades de encaminhamentos das dificuldades encontradas no cotidiano. Todos acharam a idéia de Adenilton fantástica e viável de ser colocada em prática, abrindo caminho para a circulação do papel de coordenador, uma vez que a coordenação que recebesse o pessoal de apoio se encarregaria de dirigir os trabalhos, pois eram os que mais conheciam. Com isso, o grupo passou a encaminhar coletivamente suas questões, discutindo e encaminhando as resoluções. Foi o grupo tratando o grupo.

DATA: 17/05/04

LOCAL: CAEC

Participaram do encontro Joselita, Mercês, José Antônio, Geane, Edson, Vilfrides, Adenilton, Cícero. O tema da circulação da função de coordenador apareceu como um dos grandes encaminhamentos. Vilfrides trouxe notícias de como estava viabilizando em seu

grupo os treinamentos referentes às sirenes das casas, como falar com a dona de casa. Falou também da forma como tratar as pessoas que o criticavam. Mercês também propôs inverter os papéis, promovendo outras pessoas à função de coordenadores. Pairou um sentimento de revanchismo: “aí eu quero ver!” (*sic*). Geane trouxe notícias de que em sua coordenação estava tendo problemas com duas pessoas que não respondiam bem aos seus comandos, resmungavam, mas faziam, porque ela separava bem as coisas.

Ao final, reapareceu um tema e que agora foi trazido por Edson: “tenho uma coisa muito séria pra falar. Fomos para reunião de diretoria no Pangea. A maioria dos diretores também são coordenadores. O trabalho não foi feito. Ninguém fez nada na minha ausência. Só fazem quando estou”. Ficou indignado, alegando que isso não podia acontecer. Outros coordenadores, que não eram diretores, ficaram no salão, mandaram as pessoas fazerem, mas ninguém fazia. Edson era um coordenador bastante enérgico. Sua forma de mandar e participar sugeria uma forte liderança.

Esse foi um fenômeno que intrigava a todos: “... se não for mandado, ninguém faz nada.”⁵¹ Uma das propostas de intervenção que dirigi nos trabalhos com a assistente social do projeto foi a de não fazer o trabalho por pelos cooperativados, não levar as soluções prontas como se toda decisão estivesse nas mãos dela. Sugeri que nas reuniões de assembléia passasse a deixar que as decisões viessem deles. Ficasse ali apenas para coordenar a reunião, encaminhar as questões de pauta, mas não tomar a decisão sozinha. Com isso, esperava que eles passassem a tomar as “rédeas” das próprias questões no grupo, viabilizando a autonomia que precisariam ter. Acontece que a instituição que cuidava da CAEC ainda tinha uma postura paternalista, de superproteção, dando a entender que cuidaria das coisas para sempre. Isso era uma repetição do modelo heterogerido das empresas capitalistas tradicionais, na qual a única coisa que o trabalhador tem que fazer é trabalhar. As outras demandas são por conta dos cuidados do patrão. Sendo assim, não só os cooperativados, mas também as pessoas que cuidavam do Projeto reforçavam as relações para que ficassem como sempre foram.

O relato acima nos leva à sinalização de que as questões não envolvem apenas os cooperativados enquanto novos trabalhadores, mas também os técnicos que serviam como consultores, assim como a instituição que cuidava dessa consultoria. A intervenção se fazia necessária em todas as direções que os relatos do grupo sinalizavam.

⁵¹ Informação Verbal de Edson: cooperativado e coordenador geral das equipes de trabalho na cooperativa.

3.3.2 Comentários sobre as entrevistas

Como etapa avaliativa do trabalho, realizei uma série de entrevistas com alguns membros do projeto, envolvendo cooperativados, diretor do Pangea e Assistente Social responsável pelo projeto. Essas entrevistas foram realizadas no período de outubro a novembro de 2004, momento em que a cooperativa já estava funcionando plenamente, apesar de estarem, ainda, em galpão alugado. O objetivo de realizá-las foi abrir uma via de expressão através da qual os cooperativados pudessem fazer uma avaliação do programa que participaram, até aquele momento. Optei por realizar entrevistas não estruturadas, onde os entrevistados falariam livremente sobre o projeto, sendo que o caminho seguido pelos primeiros entrevistados deu a direção pela qual as entrevistas seguintes seguiriam. Procurei ouvir um número de pessoas que fosse condizente com o número total de participantes do projeto sendo estes convidados a falar, seguindo a disponibilidade do momento da rotina de trabalho diário destes.

Foram entrevistados cinco cooperativados, tendo como critério de escolha aqueles que se dispusesse a falar e tivessem oportunidade diante da demanda de trabalho. Também foram entrevistados dois técnicos que tinham ligação direta e decisiva com os cooperativados pelos papéis que desempenhavam. Foi a Assistente Social Marília Pessoa, por ter sido decisiva na fase de entrevistas aos trabalhadores do lixão, por já ter trabalhado com eles na época do lixão e pela liderança que exercia diante dos trabalhadores e da ONG. O outro entrevistado foi o Diretor do Pangea Antônio Bunchaft por ser a pessoa responsável direto pelo projeto.

Nessas entrevistas pude perceber como algumas questões eram comuns a todos, tais como: a forma e a fase da vida em que chegaram ao lixão, a percepção que têm do lixo, o papel do lixo na vida deles, a gratidão que têm por ter recebido ajuda da ONG para sair dessa posição, o sentimento de solidariedade com os que ficaram fora desse projeto, nesse momento. Devo ressaltar que as entrevistas foram feitas individualmente, como mais uma fonte de informação fora do coletivo, utilizando um gravador de voz para realizá-la e posterior transcrição.

É preciso ressaltar a história de persistência e bravura desse povo que viveu dos lixões: aqueles, para os quais a única fonte de sobrevivência era retirar alimentos e dinheiro daquilo que não servia mais para outras pessoas na sociedade em que vivemos. Como apresentados nos relatos da Assistente Social, Marília Pessoa, que ainda estagiária em 1992, chocou-se com

o que viu: “[...] A indignação continuou. Na hora em que você observa e conversa com as pessoas, começa a perceber que, para eles, tudo que acontece ali tem um sentido, elas comem do lixo, mas sabendo por que estão comendo do lixo”.⁵² Sabem por que, o próprio lixo é testemunha do que outros grupos da sociedade têm direito, enquanto eles comem o que para aqueles já é lixo. Também sabem que não há alternativas em curto prazo que possa garantir a sua sobrevivência e de sua família. Como podemos observar na figura abaixo:



Figura 5 - Aterro sanitário de Canabrava, 04/04/1991. Foto: Wilson Besnosik.

Esse casal demonstra muito bem o que estamos falando quanto ao consumo de alimentos encontrados no lixão. Podemos perceber que comem uma fruta (jaca) em meio a todo tipo de detrito, garrafas, ave morta (que possivelmente se transformará em uma refeição). Para eles, fazer a refeição no local onde trabalhavam e viviam a maior parte do tempo de suas vidas era algo normal em seu cotidiano. Mas, essa imagem choca quem não tem a vivência que essas pessoas têm, imagine para uma jovem profissional ingressa na faculdade, em sua primeira experiência profissional.

Um ponto comum nas entrevistas realizadas é quanto ao motivo e a fase da vida que chegaram ao lixão. Viveram no lixão por exclusiva falta de oportunidade de sobreviver de outra forma. Seria insensato pensar que viveria no lixão por escolha. Chegam a dizer que: “[...] O lixo tem uma coisa: quando você começa, não pára. Não tinha jeito de sair do lixão. O único jeito foi destruir o lixo mesmo”⁵³. Destruir, desde que não seja da forma que a LIMPURB e a Prefeitura queriam, sem criar uma alternativa que garantisse o sustento dessas pessoas, independente de ações assistencialistas.

⁵² Informação verbal dada por Marília Pessoa em 08/11/2004.

⁵³ Informação verbal de José Antônio em 20/10/2004.

Esses trabalhadores, em sua grande maioria, foram levados ao lixão pelos pais, que desempregados ou sem condições de prover a família com o que ganhavam orientavam os filhos pequenos, de seis ou sete anos de idade, a guardarem o material catado, mas com o passar do tempo, estes começavam a catar seu próprio material: “Comecei a trabalhar no aterro de Canabrava aos 14 anos com minha mãe e meu pai e a gente tirava o sustento dali, minha mãe tem 11 filhos, todos criados do lixão, a gente catava os materiais, vendia e no final de semana a gente pegava a verba e ela sustentava todo mundo”.⁵⁴ Famílias com dezoito pessoas (como a família de José Antônio) vivendo do que tiravam do lixo, exclusivamente. Esses menores que passaram sua infância no lixão, trabalhando nessas condições desde muito cedo, não puderam experimentar as brincadeiras e educação comuns à maioria das crianças de sua idade, vindo a saber que existe uma vida do lado de fora do lixo aos dezesseis anos: “Minha infância foi mesmo dentro do lixo, não podia sair para brincar, só mesmo trabalhando. Quando eu completei 10 anos, comecei a pegar a manha de pongo em carro, pegava material, eu subia na garupa, pegava o lixo escondido e saía correndo”.⁵⁵

Ficou claro nos depoimentos de Marília a necessidade de retirar os “badameiros” do antigo lixão de Canabrava por conta dos processos de Bioremediação do lixo. Segundos os consultores que prestavam serviço à LIMPURB, não seria possível compactar o lixo e aterrál-lo tendo pessoas circulando pelo local, o que provocaria muitos acidentes fatais. Mas, na LIMPURB nenhum dos técnicos tinha interesse em desenvolver trabalho junto às pessoas que viviam no lixão, por ser um lugar inóspito, de odor desagradável e por ter medo das pessoas que ali viviam⁵⁶. Dessa forma, os programas de remoção eram realizados dentro dos gabinetes da empresa, sem que, ao menos, os técnicos e engenheiros fossem a campo para conhecer a realidade daquelas pessoas e do local. Assim sendo, as propostas de ajuda àquelas pessoas eram pensadas dentro de um imediatismo e oportunismo, com o único intuito de retirar os trabalhadores do local do aterro, sem preocupação com a sustentabilidade dessa ação.

Os catadores, por sua vez, submetidos a tais ações por parte da LIMPURB, não acreditavam na boa vontade dos seus gestores, sendo qualquer iniciativa destes últimos, colocadas sob suspeitas. Foi preciso uma pessoa com postura forte para barrar as ações idealizadas pelo gestor da Empresa de Limpeza Urbana de Salvador, para que um tratamento humanizado pudesse ser implementado:

⁵⁴ Informação verbal de Sonildes em 25/10/2004.

⁵⁵ Informação verbal de Vilfrides em 25/10/2004

⁵⁶ Informação verbal de Marília Pessoa em 08/11/2004.

[...]. E se pensou em dar continuidade ao trabalho de remediação, só que para mim ficou muito claro logo de início a relação que o Jalon⁵⁷ queria estabelecer com o pessoal, queria continuar com a remediação, mas não queria a figura do catador. Ele fez uma reunião com os técnicos e disse que queria tirar os catadores de Canabrava e queria saber de como cada um ali poderia contribuir, ele não tinha jeito a dar, tinha de fazer a bioremediação. Eu disse que, como assistente social, não tinha como contribuir com ele, que não aprendi a tirar as pessoas de suas atividades. Saí da sala e achei que estaria fora. Ele conversou com João, achou que tinha jeito e voltou atrás, solicitou que fizéssemos um projeto e desenvolvesse ali. Então, fiz um novo levantamento em 1992 e levantei 1.150 pessoas no lixão. (Informação verbal: MARÍLIA, 08/11/2004).

A partir desse momento, verdadeiros trabalhos visando a melhoria da condição de catador de materiais recicláveis passaram a ocorrer. Com o cadastramento, tomou-se conhecimento do número de pessoas que vivem no lixão e propostas melhores puderam ser pensadas e executadas. Vieram as experiências com as CENBA'S, que mesmo não sendo alternativas definitivas, não promoviam o corte imediato com os trabalhos no lixão. Os catadores revoltaram-se, pois quando o lixão era aberto, não passavam fome e sempre tinham “um dinheirinho no bolso”. Agora, com a CENBA, só tendo acesso a 30% de todo lixo que chegava ao aterro, os ganhos também diminuíram significativamente. Essa ação de Marília foi o primeiro grande passo para que os “badameiros” pudessem ter algum projeto que os beneficiasse.

Gratidão aos que ajudam e os tratam como pessoas aparecem nas entrevistas, quando agradecem ao Pangea por tê-los ajudados a saírem da condição de badameiro para “agentes ecológicos”, viabilizando a organização desses trabalhadores numa cooperativa, numa comunidade de catadores. Mas, caso eles não tivessem confiança nas ações de Marília, que já havia desenvolvido trabalhos com essa população na época do aterro sanitário, dificilmente eles se engajariam em mais um projeto para organização do grupo, pois já haviam participado de outras experiências frustrantes e desanimadoras. A assistente social Marília foi fundamental para a inserção do projeto do Pangea junto a esses trabalhadores. Declarações como as de Vilfrides: “Ela me deu uma chance, entrei na CAEC e hoje em dia é tudo para mim. Eu pensava que cooperativa, pela experiência da outra, era tudo igual. Já tive um privilégio porque a pessoa que estava ajudando a gente é direita e de bem, sabe trabalhar com as pessoas”.⁵⁸

⁵⁷ Jalon Oliveira – Diretor da LIMPURB.

⁵⁸ Informação verbal de Vilfrides em 25/10/2004, referindo-se a Marília.

O sentimento de que estavam abandonados pela sociedade foi comum nos depoimentos desses trabalhadores: “Não tinha ninguém por nós”⁵⁹; “Falei para mim mesmo que se dependesse de mim, não ia decepcionar Marília nem ninguém que me deu essa chance”⁶⁰; “Eu vi como uma tábua de salvação para todos nós aqui”⁶¹. É possível imaginarmos a intensidade do desespero e desesperança que abatia essas pessoas, sem ter mais onde buscar o sustento básico para a sobrevivência, assim como a percepção da solidariedade das pessoas e instituições que os ajudaram. Esse sentimento, tais trabalhadores que tiveram essa chance desejam estender para os demais companheiros de “batalha” do lixão, que no primeiro momento do projeto, ficaram de fora por questões estratégicas e administrativas já citadas. Em todas as entrevistas aparece o desejo que os companheiros possam ter a mesma oportunidade que os cooperativados da CAEC tiveram: “Do fundo meu coração, ter conhecido o Pangea que acreditou em mim, me ajudou bastante. Eu sou muito grata, muito agradecida mesmo, e que eles venham a fazer com outras pessoas que estão precisando o que eles fizeram comigo.”⁶²; “Mas o que eu quero é que o CAEC cresça, que essa experiência minha e de muitos aqui se multiplique com muitos que estão lá fora, que CAEC tenha 400, 500 associados, esse é o meu ponto de vista, porque aí a gente vai estar ajudando outras pessoas e mostrando para o mundo, para a sociedade que nós catadores, temos capacidade de superar os nossos limites.”⁶³; “No futuro e no presente, a coisa boa é procurar sempre ajudar ao próximo. Se a gente procura ajudar é porque já ganhou um pouco. Então é isso o futuro: é a gente tirar a miséria do meio da rua, é procurar ajudar ao próximo, se não a gente não está procurando o futuro, está procurando ficar na mesma coisa.”⁶⁴. Esse era o desejo dos cooperativados anunciados nas entrevistas, a solidariedade aos companheiros. Podemos perceber uma marca intensa da consciência da vivência do lixão e o quanto era difícil viver naquelas condições, vindo a piorar com a proibição ao acesso a este.

Quando perguntado a condição deles hoje, obtivemos as seguintes respostas:

“Agora eu tenho essa nova profissão que é de catador, mas é muito boa hoje eu não baixo a cabeça para ninguém. Antes, eu tinha vergonha, as pessoas me viam todo sujo na rua. Hoje olho pra frente e digo: eu sou um catador, e isso é uma vitória muito grande. Antes andava sujo, fedendo a lixo. Hoje as pessoas me chamam para saber como é o nosso trabalho, isso

⁵⁹ Informação verbal de Sonildes, em 25/10/2005.

⁶⁰ Idem 5.

⁶¹ Informação verbal de Joselita em 20/10/2004.

⁶² Informação verbal de Sonildes, em 25/10/2005.

⁶³ Idem 9.

⁶⁴ Informação verbal de José Antônio em 20/10/2004.

é um valor muito grande, é uma coisa forte, porque está valorizando nosso trabalho e cria mais vontade de trabalhar também”.⁶⁵

“Mas, para mim a cooperativa foi muito boa, ela me deu a cidadania e a esperança de que no fim do mês eu tenho o dinheiro para pagar minha luz. Porque, todo catador também tem uma casa, um botijão de gás, um contador de água e luz na porta, tem seu lazer, ir à praia tomar uma cerveja, só uma, porque é o que o dinheiro dá, e agora nós pretendemos ter um INSS para que mais tarde meu filho não venha sofrer”.⁶⁶

“Melhorou financeiramente. A pessoa já está com a cabeça mais fria de chegar o fim do mês e ter aquela renda. Não é uma renda ideal, mas é o suporte suficiente para ajudar bastante, você pode pagar suas contas, ter uma alimentação melhor, coisa que antes não dava. Melhorou a auto-estima, as pessoas não se sentem mais constrangidas em chegar e dizer: eu sou catadora”.⁶⁷

“Agora sou reconhecida pela sociedade (risos!), é uma alegria muito grande chegar nos lugares e alguém dizer: ‘aquela menina é lá da CAEC, da cooperativa’. Não é só dinheiro. [...]. Aqui, a gente não tem patrão. Não somos empregados. É tudo de acordo. Ninguém manda em ninguém, nem é dono de ninguém”.⁶⁸

O reconhecimento da sociedade, a diferenciação em relação ao lixo (agora, não são mais confundidos com o lixo, nem pelo visual, nem pelo cheiro), a afirmação do novo papel que desempenham (catador de materiais recicláveis) e a percepção dos demais membros da sociedade têm complementado esse novo papel, seja com curiosidades sobre o trabalho deles, seja com mudanças no tratamento dispensado. Aliado a isso tem o fato de que agora podem ter a tranquilidade de honrar os compromissos financeiros naturais para qualquer cidadão ao final do mês.

Arendt (2004) trata desses pontos com muita precisão, quando afirma que o Trabalho e o Labor são duas atividades da condição humana, a primeira ligada à artificialidade da vida (mundanidade: contas a pagar, aquisição de bens) e a segunda ligada aos processos biológicos básicos (nascimento, crescimento, metabolismo, morte física). Mas, que a atividade da condição humana por excelência é a Ação (a pluralidade, a diferença entre os homens, a

⁶⁵ Informação verbal de José Antônio em 20/10/2004.

⁶⁶ Informação verbal de Lomanto em 25/10/2004.

⁶⁷ Informação verbal de Joselita em 20/10/2004.

⁶⁸ Informação verbal de Sonildes em 25/10/2004.

diferenciação de cada um a cada momento da vida). Ser diferenciado do lixo, reconhecido pelas outras pessoas como pertencente à sociedade através de um papel inserido nos processos sociais, ter o orgulho de dizer “Eu sou um catador”, “não baixo a cabeça pra ninguém”, consolida efetivamente a condição humana em cada uma dessas pessoas.

É importante ressaltar a presença do “Eu sou” e do “Ninguém” quando se referem à profissão e à relação com o outro. Agora são alguma “coisa” nesse emaranhado de papéis que a vida em sociedade solicita. A organização daquela massa de trabalhadores que vivia no lixão cada um por si mesmo, passa pelo reconhecimento da posição que cada um tem na comunidade viabilizada pelo surgimento do papel de catador de materiais recicláveis no formato cooperativo. No lixão, devido às condições como as atividades eram desenvolvidas, lixo e pessoas se misturavam, confundindo-se, impedindo-os da vivência das relações sociais cotidianas, como, por exemplo, tomar um transporte coletivo, ir à uma instituição bancária ou, até mesmo, andar pela rua, pois eram tidos como lixo, cheiravam à lixo, vestiam-se com roupas de lixo, tal qual relatadas em suas entrevistas.



Figura 6 - Fotografia no galpão de trabalho, na Estrada da Muriçoca, em 15/06/2004. Foto: Upton Nascimento.

Podemos ver essa organização registrada em fotografia como acima, onde temos o grupo de cooperativados em um momento da sua rotina de trabalho.

O material chega ao galpão através de doações de empresas, de condomínios, convênios com empresários de música, que concedem que façam a limpeza do espaço dos shows, no estádio Otávio Mangabeira, após jogos de futebol.



Figura 7 - Preparação do papelão para ser prensado. Galpão, em 15/06/2004. Foto: Ubton Nascimento.

Quando esse material chega ao galpão ele é selecionado de acordo com o tipo: papelão, plásticos, metais, filmes, pet, papel, vidro. Após a seleção, o material é prensado.



Figura 8 - Papelão prensado. Galpão, em 15/06/2004. Foto: Ubton Nascimento.

Após essa etapa, o material prensado será pesado e cadastrado para que possa fazer parte do depósito.



Figura 9 - Papelão prensado. Galpão, em 15/06/2004. Foto: Ubton Nascimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi visto ao longo desse trabalho, fica evidente a necessidade de repensarmos as propostas pedagógicas com vistas à formação de trabalhadores para atividades associativadas. Primeiro que não serão submetidos às mesmas relações que os trabalhadores das fábricas tradicionais; segundo, porque a sustentabilidade do modo autogerido de produção requer participação efetiva dos “proprietários-empregados” do empreendimento. Iniciativas como as tomadas pela ONG Pangea precisam ser anunciadas e desdobradas para outros grupos que estejam sob condições de massificação possibilitando acesso a auxílio capaz de viabilizar a organização coletiva para a gestão do trabalho na contemporaneidade.

As próprias ONG’S e outras instituições que se dispõem a realizar tal tarefa esbarram numa espécie de “abismo”, onde necessitam promover uma formação diferenciada para trabalhadores que atuarão num movimento de “contramão” dos *habitus* produtivo, mas não procuram dar-se conta do quão estão inseridas nessa cultura. Este fato ficou claro em vários momentos nos quais as ordens para gestão da cooperativa CAEC vinham diretamente da ONG, não tendo sido discutidas com os cooperativados no local de trabalho, pois era onde as questões estavam sendo vivenciadas. Isso fica evidenciado nas falas dos cooperativados: “Nós somos donos realmente, mas tem alguém que toma conta forte” (Informação verbal)⁶⁹, numa alusão ao paradoxo existente entre eles serem donos da cooperativa, mas existiam deliberações que vinham de outro lugar.

Há uma distância entre o desejo de fazer uma pedagogia diferenciadora, libertadora, e a efetivação do mesmo. O que chamo de “abismo” é essa lacuna entre o que as ONG’S desejam fazer e suas reais condições para isto, por que são frutos do mesmo sistema formador, onde há uma homogeneização das diferenças individuais dos sujeitos, viabilizado pela proposta pedagógica moderna. Essas instituições são compostas por pessoas que, cognitivamente, têm conhecimento da necessidade de práticas libertadoras, mas que desempenham práxis contraditórias e conservadoras. O homem crítico a que esta proposta diz formar não consegue expressar devidamente sua criticidade diante das injustiças a que é acometido. Mostra-se um sujeito bem comportado e adaptado diante dos desafios que lhes são impostos, aquele sujeito que ficou sentado num banco escolar absorvendo o que os professores traziam para ensinar-lhes.

⁶⁹ Informação verbal anunciada durante a fase do desenvolvimento do socius por um dos cooperativados.

A forma como alguns assuntos eram tratados dentro da CAEC pela instituição gestora e pelos administradores temporários da cooperativa era um sinal evidente dessa domesticação de corpos, quando, por exemplo, foi imposto que todos aqueles que saíssem das regras, fossem punidos com advertências orais, escritas, suspensão e até casos de exclusão do grupo. Essa postura coincidiu com as idéias dos trabalhadores, pois no momento em que foi dada a oportunidade de realizarem uma experiência de definir as regras grupais de funcionamento ou uma experiência de júri popular (na fase de capacitação), os cooperativados foram os primeiros a indicar punições aos seus iguais, parecidas, ou até mesmo mais duras, que as formuladas e defendidas pelos gestores.

Mesmo em propostas dessa natureza, que têm como objetivo a construção de um espaço onde as pessoas possam vivenciar relações diferentes das encontradas em nossa cultura, onde relações mais humanizadas poderão fazer-se rotina, os sujeitos encontram-se impregnados das formas autoritárias cristalizadas. Repetir o modelo opressor acaba sendo a forma pela qual percebem o mundo a sua volta, tanto pelos oprimidos como pelos opressores. Eles o fazem, não propositadamente, mas sim, porque acreditam que essa seja a forma comum, o natural das relações humanas. Neste momento do trabalho, ainda na fase de capacitação, os futuros cooperativados encontravam-se indiferenciados, vivendo um duplo papel: o de “oprimidos” por toda uma história de degradação das condições de vida, e o de “opressor” que se encontra aderido como se fosse seu, mas que na realidade, ele só é “hospedeiro” deste. (FREIRE, 1970).

O reconhecimento como hospedeiro é o ponto de partida para sua libertação. Freire (1970) reconhece o trabalho árduo e paciente que precisa ser feito para que o “oprimido” participe da pedagogia da sua libertação. Essa poderá se fazer dupla, pois quando o “oprimido” se liberta, também o faz pelo “opressor”, nessa relação de papéis complementares⁷⁰. Essa participação pode ocorrer via a concretização de suas palavras em ação tal como acontece em sua realidade. Através das construções das imagens, cenas, intensificações dos sentimentos, podem trazer para observação e reflexão de todos, suas próprias histórias, com o intuito de repeti-las, podendo diferenciá-las. Através desse encontro consigo mesmo, descobrir novas formas e saídas possíveis, descolar da aderência ao opressor.

A ousadia dessa proposta de trabalho foi fazer das palavras dos trabalhadores em treinamento, não só palavras geradoras de outras palavras, mas também, geradoras de situações existenciais capazes de viabilizar um novo sentido para os seus sujeitos. Passar da

⁷⁰ Papéis complementares: “toda pessoa, da mesma forma que é foco de numerosas atrações e repulsas, também aparece como foco de numerosos papéis, relacionados a papéis de outras pessoas”.(MORENO, 1983, p. 23).

palavra para ação envolve uma perspectiva que possibilita o envolvimento da corporeidade como via de pesquisa-ação e ampliação da percepção. Imagens, cenas, configurações grupais são utilizadas, onde os mais variados papéis que compõem a situação são jogados como se fosse o cotidiano real ou imaginário: a vida imitando a arte.

Nesse momento, os “atores” que também são “autores”, tomam suas histórias e as reapresentam para um público formado por pessoas que viveram as mesmas situações, mas que podem ver nisso a oportunidade de libertar-se das questões existenciais atormentadoras. Ao contrário de esquecidas, essas histórias podem ajudá-los a encontrar, coletivamente, alternativas radicais rumo às transformações do quadro.

Esse processo leva algum tempo dentro da formatação que teve o projeto, pois requer que façamos um trabalho paciente e cuidadoso de construção de um clima propício para a emergência dos conteúdos e formas para serem tratados pelos mais diversos caminhos. Atentos ao contexto em que os trabalhos são realizados podemos acolher as questões emocionais, afetivas, relacionais, ou nos atermos aos pontos que abrirão caminho para os conteúdos com possibilidades de trabalho pedagógico. Tendo esses pontos como próprios das suas vivências, os educandos podem investir sua atenção ao que está sendo tratado, pois percebem a possibilidade de utilização em seu cotidiano. Percebem aquela história como sua.

Os conteúdos teóricos são assim inseridos no processo pedagógico dentro de uma medida apropriada para os aprendizes e para o educador. Quando realizamos a concretização das histórias de suas vidas, como por exemplo, o tratamento que recebem no momento que necessitam dos serviços da saúde, eles dizem: “É assim mesmo que acontece na hora”.(Informação verbal)⁷¹. Esse reconhecimento marca o encontro de cada participante com o tema, passo fundamental para a realização de uma pedagogia libertadora, comprometido com a existência de cada sujeito e de seu grupo.

Esse entrelaçamento dos sujeitos-grupo-sujeitos, viabilizado pelo tratamento do que é privado no público e os efeitos do que é tratado publicamente no privado, pode ser visto como o catalisador dos processos de resgate de uma massa indiferenciada. A massa não existe previamente, indiscriminadamente, mas se faz a depender do contexto. Podemos ter uma massa indiferenciada para determinados assuntos, e essa mesma não sê-la para outro. O que faz o homem não se sentir massa é a possibilidade de diferenciar-se dos outros homens por qualquer critério e, ao mesmo tempo, sentir-se iguais aos mesmos.

⁷¹ Informação verbal: Luciana no dia da realização dessa vivência, no momento do compartilhamento.

Pudemos observar esse processo de diferenciação ao longo de todo o percurso, desde a fase de capacitação até o momento do desenvolvimento do *socius*, tanto no desempenho das atividades grupais, quanto nos relatos obtidos dos compartilhamentos e entrevistas. Co-construir os diversos papéis na cena do atendimento no hospital, coloca em jogo duas posições conflitantes da vida real: as pessoas necessitadas de cuidados hospitalares e os responsáveis por essa atribuição. Esses últimos podem ser o médico, o Ministro da Saúde, a enfermeira, que por conta de sua distinção profissional, colocam distanciamento muito grande quando o atendimento é para os pobres, sem instrução superior, sem educação escolar. Esses profissionais não chegam perto, não tocam, nem olham na cara. Mas o que dizer quando tratamento semelhante de menosprezo é dirigido por um segurança do hospital, que na maioria das vezes, até mora no mesmo lugar que os que precisam de atendimento?

Um fato fundamental foi observado em praticamente todas as entrevistas: a consciência que apresentam em torno da condição atual de trabalhador e das conseqüências em suas vidas. Depois de iniciada a fase de produção, os cooperativados não se dizem mais catadores, muito menos badameiros, agora se reconhecem como agentes ecológicos, que trabalham com materiais recicláveis. Quando badameiros, não eram reconhecidos enquanto pessoa, pois chegavam em alguns lugares e eram destratados pelos vigilantes de banco, motoristas de ônibus e demais membros da sociedade. Agora, passam na rua e as pessoas os cumprimentam, sabem que são trabalhadores, os reconhecem como profissionais da reciclagem.

Relatam que o fato de trabalharem na CAEC trouxe dignidade e auto-estima, a ponto de serem convidados para dar palestras em escolas, entrevistas em jornais, aulas em faculdade e, até, de interpelar uma professora de Direito de uma faculdade em Salvador, quando esta quis insinuar que a ONG Pangea estava “roubando-os”. Vilfrides tomou a palavra, pois o outro professor responderia, e respondeu com uma pergunta: “A senhora acha que se eu estivesse no lixão eu estaria aqui agora?” (informação verbal)⁷². Com isso, fica claro também que, o fato de agora trabalharem em condições condignamente humanas, com equipamentos necessários, jornada condizente, vendo que o fruto de sua força de trabalho é revertido em ganhos em sua plenitude, os coloca em posição diferenciada diante da vivência enquanto badameiro, em relação aos demais membros da sociedade.

Outro fator importante é o reconhecimento e agradecimento que têm ao Pangea por ter dado uma chance para que pudessem sair daquela posição. Em vários relatos aparecem

⁷² Informação verbal: Vilfrides em entrevista a um grupo de alunos e professores universitários.

louvoures à instituição que promoveu a organização e os encaminhou para o mercado produtivo outra vez, depois de anos fora deste. Pessoas que já nasceram numa cultura onde seus pais ganhavam o sustento no lixão, mas que agora terão a chance de sustentar a si próprio e a sua família, trabalhando com materiais que, apesar de não serem novos, não mais são chamados de lixo como antes.

O papel desempenhado pelo Pangea (enquanto ONG) nesse projeto foi o de arregimentar pessoal técnico capaz de organizar uma massa de trabalhadores em torno de um projeto comum. Mas, ressalto as marcas da cultura moderna em muitas das suas ações (encaminhar deliberações prontas para a cooperativa, mantê-los em processo de incubação até os dias atuais, fomentar uma cultura do competitivo), como pontos que precisam ser tratados por esta organização, pois de forma sorrateira, acaba repetindo condutas condizentes com organizações heterogeridas para a formação de trabalhadores em autogestão.

Outro nome que é lembrado veementemente nos trabalhos é o da assistente social, que trabalhava para o Pangea na época do cadastramento, Marília Pessoa. Os cooperativados são muito gratos à sua coragem e paciência de ir à casa de cada um deles, a fim de fazer o cadastramento para o projeto. Devemos ressaltar a importância de uma pessoa com esse poder de acesso aos que precisam de auxílio, pois muitos aparecem oferecendo ajuda e, mas na maioria das vezes, não tem uma proposta real de ajuda. São pessoas que querem tirar proveito da situação de desfavorecimento destes e explorar um pouco mais a miséria. Marília era vista como uma pessoa de confiança, capaz de reagrupá-los para um novo projeto de cooperativa sem que eles sentissem medo de serem enganados.

As ONG'S precisam melhorar suas posturas diante de um público específico, como os trabalhadores para compor uma cooperativa. Trabalhar solidariamente é algo novo para a grande maioria das pessoas nas sociedades modernas, pois vivemos inseridos em relações de intensa competitividade. Não é diferente para esse público excluído da condição de cidadão, sem as mínimas condições para a sobrevivência. O que essa proposta pedagógica demonstra é a possibilidade de educar pessoas fora do ambiente escolar, utilizando-se das temáticas de suas próprias vidas, sem que represente distanciamento dos conteúdos.

Não é possível repetir as mesmas propostas educacionais para formar trabalhadores para uma empresa tradicional, onde existem gerentes e proprietários que não coincidem com os trabalhadores. Nessas empresas, por um longo período, os profissionais não eram solicitados a recorrerem às ações criativas para resoluções de problemas. Os programas já vêm prontos de uma matriz que esta em outra localidade, sendo necessário, apenas operacionalizá-los. Por conta disso, a educação formal escolar não atende ao projeto de

formação de trabalhadores associativados, pois não privilegia os atos espontâneos e criativos dos seres humanos, não tem a multiplicidade como condição humana, por si mesma.

Tanto na direção pedagógica quanto na direção de trabalhos com as questões e conflitos grupais, o fato de concretizar e dar visibilidade aos fenômenos da existência desses trabalhadores possibilita o tratamento do papel de cooperativado. A socionomia é um método capaz de viabilizar a passagem das palavras ditas para a ação efetiva no “como se fosse” ou no “como é”. Dessa forma, podem aparecer outras dimensões dos papéis de trabalhador como a afetiva, relacional, psicossomática, cognitiva, que através da utilização das técnicas possibilitam ir para além da realidade dada, ampliar a percepção sobre tais papéis e situações, abrindo caminho para o novo, criativo.

Fato comum em todas as entrevistas realizadas é o desejo que os cooperativados da CAEC têm de acolher outros companheiros de batalha no lixão que ficaram de fora desse projeto. São unânimes em reconhecer a posição que ocupam atualmente, a qualidade da vida que têm levado, e o quanto isso seria importante se pudessem expandir para outras pessoas com a mesma experiência deles. Já existe a proposta de uma rede de catadores no Estado da Bahia, que visa integrar esses trabalhadores com a formação de outras cooperativas no interior do Estado, a qual teria ligação com o movimento nacional de catadores de materiais recicláveis. Esse encontro com outros catadores de todo o país, espalhando-se em “rede horizontais de apoio mútuo” pode, também, favorecer o desenvolvimento de relações horizontais entre essas instituições, tão necessárias para a sobrevivência das mesmas.

Acredito que possamos aprofundar os debates e estudos sobre o tema central dessa dissertação, a educação, para novas formas de relações produtivas, associativismo, para que, diante do contexto contemporâneo sobre a questão do trabalho e seus desdobramentos na vida das pessoas, a academia possa contribuir, ainda mais, para a melhoria do que está posto.

REFERÊNCIAS

A lenda do Minotauro. Disponível em:>www.filonet.pro.br/mitologia/minotauro.htm<. Acesso em: 15 de mar de 2005.

ALMEIDA, Wilson Castelo de. *Psicoterapia aberta: formas do encontro*. São Paulo: Agora, 1988.

ANDERSON, Perry. *Balanço do neoliberalismo*. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (Org.). *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 9-23.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

Biografia de David Ricardo. Disponível em:>http://pt.wikipedia.org/wiki/David_Ricardo<. Acesso em 12/11/2004.

CUKIER, Rosa. *Palavras de Jacob Levi Moreno: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria*. São Paulo: Agora, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOX, Jonathan. *O essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade*. São Paulo: Agora, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREUD, Sigmund. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Texto integral da edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago 1969-80. v. XVIII.

FRIGOTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GADOTTI, Moacir; GUTIÉRREZ, Francisco. (Org.). *Educação comunitária e economia popular*. 2. ed. Coleção questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 1999.

GENTILI, Pablo; FRIGOTO, Gaudêncio (Org.). *A cidadania negada: política de exclusão na educação e no trabalho*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GROSSI, Gabriele. *Os badameiros: o luxo do lixo*.1998. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia)- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

GUTIÉRREZ, Francisco. Educação comunitária e desenvolvimento sócio-político. In: GADOTTI, Moacir; GUTIÉRREZ, Francisco. (Org.). *Educação comunitária e economia popular*. 2. ed. Coleção questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 1999. p. 23 – 33.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Temas básicos da sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1978.

KUENZER, Acácia Z. *Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARINEAU, René F. *Jacob Levi Moreno 1889-1974: pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo*. São Paulo: Agora, 1992.

MARTINS, José de Souza. *Caminhando no chão da noite: emancipação política e libertação nos movimentos sociais no campo*. São Paulo: Hucitec, 1989.

_____. *Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político*. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

MARX, Karl. *O capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Coleção a obra-prima de cada autor. São Paulo: Martins Claret, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORENO, J. L. *Fundamentos de la sociometria*. Buenos Aires: Paidós, 1972.

_____. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. *Fundamentos do psicodrama*. São Paulo: Summus, 1983.

_____. *As palavras do pai*. São Paulo: Editorial Psi, 1992.

MORENO, J. L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*. São Paulo: Livro Pleno, 1999.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.

NAFFAH NETO, Alfredo. *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. São Paulo: Plexus, 1979.

NAKANO, Marilena. *Anteag: a autogestão como marca*. In: SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de (Org.). *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 65- 80.

NUDEL, Benjamin Waintrob. *Moreno e o hassidismo: princípios fundamentais do pensamento filosófico do criador do psicodrama*. São Paulo: Agora, 1994.

O Hino ao Senhor do Bonfim. Disponível em: <http://Hino_ao_Senhor_do_Bonfim>. Acesso em 12/11/2004.

ORTEGA y GASSET, José. *A rebelião das massas*. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores. Disponível em: <<http://hpculturabrasileira\olivros\html\rebeliaodasmassas.htm#nt4#nt4>>. Acesso em 20 jan. 2005.

PERRENOUD, Philippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p.11-16.

RAZETO, Luis. *Economia de solidariedade e organização popular*. In: GADOTTI, Moacir; GUITIÉRREZ, Francisco. (Org.). *Educação comunitária e economia popular*. 2. ed. Coleção questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 1999.

ROMAÑA, Maria Alicia. *Psicodrama pedagógico*. São Paulo: Papirus, 1985.

_____. *Do psicodrama pedagógico à pedagogia do drama*. São Paulo: Papirus, 1996.

SANTOS, Boaventura de Souza. Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo. In: OLIVEIRA, Francisco de; PAOLI, Maria Célia (Org.). *Os sentidos da democracia: políticas do dissenso e hegemonia global*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 83-129.

SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). *Produzir pra viver: os caminhos da produção não-capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 2.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHAFF, Adam. *A Sociedade Informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SINGER, Paul. *Uma utopia militante: repensando o socialismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SINGER, Paul. A crise das relações de trabalho. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA de Porto Alegre (Org.). *O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo*. Porto Alegre: APPOA: Artes e Ofícios, 2000.

SINGER, Paul; SOUZA, André Ricardo de. (Org.). *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2003.

Socioecologia (neologismo). Disponível em: >www.dicionariohouaiss.com.br/dicionario<. Acesso em 10/01/2006.

VELHO, Otavio Guilherme. *Capitalismo autoritário e campesinato: um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento*. São Paulo: Difel, 1979.

YOZO, Ronaldo Yudi K. *100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas*. 10. ed. São Paulo: Agora, 1996.

GLOSSÁRIO

Átomo Social: representação ou configuração de todas as relações significativas na vida de uma pessoa. Pode ser representado graficamente e/ou em termos de intensidade ou distância.

Axiodrama: dramatização baseada na exploração de valores ético-sociais elaboradas por Moreno, como uma maneira de desfazer-se de conservas culturais.

Compartilhamento: terceira parte da sessão de psicodrama ou sociodrama onde todos são convidados a compartilhar sua experiência da recém-terminada dramatização.

Conserva Cultural: produto acabado de um esforço criativo. Tida como barreira para a criatividade, pois inviabiliza formas espontâneas de comportamento.

Diretor: líder ou terapeuta, responsável pela condução dos trabalhos de acordo com regras e técnicas do sociopsicodrama.

Duplo: pessoa que representa o papel do duble do protagonista, que desempenhe por ele.

Ego Auxiliar: uma pessoa do grupo, co-terapeuta ou participante, que desempenha o papel no psicodrama de alguém.

Espelho: técnica que possibilita que o protagonista tome distância e se veja representado por um ego auxiliar.

Espontaneidade: capacidade de o indivíduo de dar uma resposta adequada a situações novas ou uma resposta nova a situações velhas. Funciona como catalisador do ato criativo.

Inversão de Papéis: troca de papéis entre o protagonista e um ego auxiliar num psicodrama ou sociodrama para adquirir perspectiva e olhar para a situação do ponto de vista do outro.

Onirodrama: forma dramática de trabalhar com os sonhos desenvolvida por Moreno.

Protagonista: aquele que agoniza primeiro. Aquele que terá sua questão representada no palco. No psicodrama, selecionado durante a fase de aquecimento.

Psicodrama: método terapêutico elaborado por Moreno que visa a busca da “verdade” através da ação.

Realidade Suplementar: realidade modificada, amplificada ou atenuada pela imaginação de alguém, que encontra possibilidade de concretização no ambiente terapêutico do sociopsicodrama.

Sociodrama: método de tratamento dos problemas do grupo. O grupo é o protagonista, ao contrário do psicodrama que privilegia o mundo privado dos sujeitos.

Solilóquio: recurso técnico que viabiliza a expressão de sentimentos e pensamentos do protagonista, que normalmente guardaria em seu íntimo.

Status Nascendi: aquilo que nasce naquele momento, naquele local, tal qual surgiu.

Tele: comunicação imediata isenta de ruídos e/ou interferência da transferência. Laços (co) inconscientes de natureza recíproca.

APÊNDICE A - Entrevistas Realizadas com os Cooperativados da CAEC

Entrevista 1 : com Vilfrides em 25/10/04.

Ubton: Vou começar a entrevista com Vilfrides. Pois não, Vilfrides me diga quem você é, de onde veio...

Vilfrides: Sou Vilfrides da Conceição Oliveira, nasci no Rio Vermelho, mas com 1 ano passei a morar em Canabrava. Aos 5 anos comecei a ir para o lixo, tomava conta do material de minha irmã, ficava prestando atenção. Então, foi a partir de uns 7 anos que eu comecei a trabalhar, a catar lata pelos locais que não passava nem carro nem trator, e despejava no badame de minha irmã. Às vezes, ela me batia para eu não sair dali e só ficar tomando conta das coisas dela. Mas, criança é assim. Minha infância foi mesmo dentro do lixo, não podia sair para brincar, só mesmo trabalhando. Quando eu completei 10 anos, comecei a pegar a “manha” de pongar em carro, pegava material, eu subia na garupa, pegava o lixo escondido e saía correndo. Então, minha vida foi dessa forma, com treze anos eu comecei a trabalhar mesmo.

Ubton: Quantos anos você tem hoje?

Vilfrides: Hoje tenho 29 anos, com treze anos comecei a trabalhar mesmo, trabalhava o dia inteiro, mas era em vão. Quando chegava na hora de vender, os outros tomavam meu material. Já tomei tapa, “cascudo” e perdia tudo para o pessoal que era mais experiente, mas tem um ditado que diz: “No lixo é a lei da sobrevivência, o mais forte ganha do mais fraco”. Então, minha convivência começou assim dessa forma. Aos 15 anos, eu comecei a combater isso, batia nos caras, metia garrafa para não pegarem meu material. Gostava de trabalhar mais à noite, trabalhava só de calça, meião e sapato, sem camisa, a noite toda, podia chover ou não. Na hora de descansar, botava o papel no meio do lixo e aí deitava. Ficava olhando para o céu imaginando: quando é que esse sofrimento vai acabar? Tive oportunidade de trabalhar em

outros lugares, mas como experiência, comecei a fazer o plano como meu pai sempre falou para mim: “trabalhe, mas tire seus documentos, corra atrás de uma coisa melhor para você”.

Eu sempre trabalhava uma semana no lixo outra era correndo atrás de trabalho, nunca achava, gastava dinheiro de transporte. Ajudava minha mãe, ela sempre trabalhou na LIMPURB. Agora é aposentada. Mesmo quando ela trabalhava na LIMPURB eu sempre gostei de trabalhar para ajudar, ajudava no que eu podia. Quando ela tava cheia de dívida, me “picava” para o lixo, trabalhava dia e noite escondido, uma semana, dobrando dia e noite, dia e noite sem descansar para ver se conseguia liquidar mais as dívidas de minha mãe. Por ironia do destino, teve um dia que minha mãe estava bem argolada de dívida e aí saí para chamar meus irmãos no lixo, o trator passou, quando eu olhei para o chão vi um bolo de dinheiro. Eu parti, não olhei nem para trás. Meu irmão: “o que foi?” Eu disse, “achei um bolo de dinheiro”, ele começou a gritar: “ficamos ricos!” Eu disse: “cala a boca rapaz, depois os caras vem querendo tomar.” A sorte foi que esse dinheiro deu para liquidar as dívidas de minha mãe, o dinheiro era de um gari e eu não sabia. Com um mês depois fui para o lixo, fui pegar uma panela de pressão na “carucha⁷³” tropecei, ela me pegou até o meio, no peito. Ninguém viu. Eu sozinho, só respirava e pedia a Deus para a máquina não vim empurrar o lixo, foi que eu consegui me sair. Já tomei até tombo de carro: aconteceu de eu estar trabalhando, o carro me pegar por trás e eu voar. Fazia tanta arte, subia no lixo. O que eu nunca consigo esquecer foi no dia 20/01/98. Estava eu e um camarada conversando, aí veio um carro do Iguatemi, ele disse vou lá, eu disse não rapaz quando vier um “garujo⁷⁴” melhor a gente vai lá. Ele disse não, eu vou lá ver se pego alguma coisa. Quando ele foi pongar, escorregou, o carro passou por cima da cabeça dele. Eu de costas, só ouvi o baque. Não tive mais condições de trabalhar, fui para casa, já perdi muitos camaradas assim. Foi aí que eu comecei a correr, mais ainda, atrás de trabalho. Aí tive o privilégio de trabalhar numa firma de jardinagem que chama LM, que ainda saiu me devendo, mas eu também nem corri atrás, fui atrás de outro emprego. Consegui trabalhar em outro, na COOPCICLA, vinculada à LIMPURB. Fiquei trabalhando, mas pensei que lá era cooperativa mesmo, porque quando eu via as pessoas falando na televisão em cooperativa de costureira, etc, era totalmente diferente da que eu trabalhava. Lá a gente não dava opinião em nada, era assim: eu trabalhava o mês todo, recebia R\$ 80,00 por quinzena, depois foi aumentando. Às vezes, eu recebia às vezes não. Se fossem questionar, eles diziam que a gente podia ir embora, aí foi que eu saí e fui procurar coisa melhor para mim. Um rapaz me chamou para trabalhar na construção civil em Caixa Prego. Foi quando D.

⁷³ Carucha: o lixo revirado pelo trator que o espalhava após o despejo do caminhão.

⁷⁴ Garujo: material.

Marília selecionou catadores para participar da cooperativa. Minha mãe me falou. Quando eu vim, ela ainda estava inscrevendo, então me inscrevi. Fiquei trabalhando em Caixa Prego não tive o prazer de participar do treinamento, mas de lá mandei uma carta para Dona Marília, pedindo uma chance para agarrar de unhas e dentes. Ela me deu uma chance, entrei na CAEC e hoje em dia é tudo para mim. Eu pensava que cooperativa, pela experiência da outra, era tudo igual. Já tive um privilégio porque a pessoa que estava ajudando a gente é direita e de bem, sabe trabalhar com as pessoas. Falei para mim mesmo que se dependesse de mim, não ia decepcionar Marília nem ninguém que me deu essa chance. Estudei bastante na hora da seleção fui um dos aprovados. Fico um pouco chateado porque os outros ainda não tiveram o privilégio de estar com a gente, mas com fé em Deus eles vão conseguir sair da rua.

Ubton: Abrindo um parêntese, quem foi da sua família que primeiro trabalhou com lixo, sua mãe, sua irmã?

Vilfrides: Primeiro foi minha irmã, porque minha mãe já trabalhava na LIMPURB, mas sempre quando era dia de folga dela ia para o lixo, minha irmã mais velha e a outra que sempre trabalharam no lixo, aí depois veio eu e meu irmão.

Ubton: E por que o lixo, por que lá no aterro sanitário e não outros tipos de serviço?

Vilfrides: A pessoa com estudo baixo tem maior dificuldade de ingressar no mercado de trabalho. Minha irmã mesmo, Sandra, já fez cursos. Agora, graças a Deus ela conseguiu trabalhar nessa empresa de lixo urbano JG. Meu irmão já está fazendo o 3º grau. Ele é fera em desenho. Ainda não conseguiu trabalho. Minha outra irmã ia para o lixo trabalhar para conseguir levar alguma coisa para casa. Então, a pessoa que tem o nível de escolaridade baixa sempre teve dificuldade. Até para o pessoal que tem estudo hoje está difícil, então a única forma de reduzir essa falta de emprego é mais cooperativa, é o governo se associar mais ao cooperativismo.

Ubton: Como é que foi para você receber essa oportunidade de Marília, se empenhar em não decepcionar as pessoas? Retome aquele ponto (...). Como é que foi a sua chegada, seu ingresso no grupo, como disse antes a cooperativa é tudo para você, o que é tudo?

Vilfrides: Quando eu cheguei de viagem, fiquei acanhado de ser o único novato do grupo, me senti como no primeiro dia de aula sem amigos, no canto, até retomar a amizade que eu já tinha. Me perdi um pouco por causa da viagem. Então, eu tive que ter jogo de cintura, buscar informações sobre o que já tinha passado para estudar, pensei: já que me deram essa chance não posso decepcionar.

Ubton: A cooperativa ser tudo para você significa o quê?

Vilfrides: Tudo é assim, é como se fosse minha família. É o meu local de trabalho e a minha família e eu não posso deixar a minha família cair, eu tenho que juntar forças para minha família crescer. Se tiver desunião vou procurar a melhor forma de acabar. Vou trabalhar com todo gás para a cooperativa crescer mais e mais.

Ubton: Como é que foi para você a passagem do curso para cooperativa? Vocês saíram do curso e foram selecionados para cooperativa?

Vilfrides: Muitas pessoas disseram para mim: você é doido rapaz. Vai ficar nesse curso, não paga nada, só por causa de merenda? Se eu fosse pela cabeça dos outros, eu também desistia. O pessoal dizia que não ia para frente porque já tinha a da LIMPURB, quando souberam que a LIMPURB ia doar o galpão muita gente se empolgou, mas depois desistiram (sic). Eles usaram até de má fé mandou escolher, porque tinham pessoas que ainda recebiam pela COOPCICLA. Fizeram uma proposta de que se voltasse para COOPCICLA ia continuar recebendo, ia trabalhar. Então, o pessoal foi para lá e disse que a cooperativa que Marília estava cuidando não ia para frente. Eu disse: vou para CAEC. Se Marília fez o curso é porque está acreditando na gente e a gente tem que acreditar nela. Muita gente me chamou de maluco.

O primeiro dia que eu botei o pé nesse galpão, me benzi e fiz uma jura que eu ia ter o prazer de passar para um galpão próprio, e triste daqueles que desistiram. Ficamos três meses sem receber nada, quando saiu foi R\$ 60,00 para cada. Foram três meses de muita dificuldade, mas acreditando no projeto. Conseguimos depois desses meses só lucro. Aprendi a me expressar, me comunicar com as pessoas. A primeira vez que fui para um debate fiquei acanhado, mas depois aprendi a utilidade de cada material, aprendi tudo sobre plástico, vidro, e quero aprender mais ainda. Eu procurei saber mais e já mandaram até eu pesquisar na Internet.

Ubton: O que mudou na sua vida depois de você estar aqui na CAEC, depois que começou a entrar o dinheiro?

Vilfrides: O que aconteceu foi uma coisa maravilhosa que eu nunca pensei que ia acontecer, foi eu ter dignidade e auto-estima, porque no lixão a gente sempre foi discriminado, chamado de badameiro e na CAEC eu sou agente ecológico, sou preservador da natureza, agente ambiental. Então, quando as pessoas me vêem na rua dizem: “poxa! Esse rapaz aí é da CAEC eu vi ele na televisão”, já me enxergam com outros olhos, já recebi convites de ir para colégios dar aula, tive o prazer de ir para Belo Horizonte, tinha advogado, professor me dizendo que eu podia ganhar dinheiro dando aulas, porque muita gente não conhece sobre o material que eu estava falando. Quando eu fui num debate com um colega,

mudou totalmente a minha vida. Tinha só professor, já bem...Professores de advocacia. Aí no fim do debate, entrou uma professora e começou a falar que: “se não tivesse no lixo a gente estava melhor. Será que essa ONG, o Pangea, que está coordenando, não está roubando vocês?” Fez essa crítica, o professor ia responder eu pedi para responder, dei boa noite para ela falei meu nome completo, quando eu falei isso todo mundo me aplaudiu. Disse para ela que no lixão a gente trabalhava de uma forma diferente, totalmente desumana. Vou responder sua pergunta com outra: a senhora acha que se eu estivesse no lixão estaria hoje aqui? No lixão, quando passava um ônibus, eu me escondia. Quando ia à praia mentia, dizia que morava na Boca do Rio. Na CAEC, eu tenho orgulho de dizer que moro em Canabrava e participo de uma cooperativa.

Ubton: O que você acha que vai acontecer com sua vida daqui para frente, com essas mudanças, esse sentimento de dignidade que você traz?

Vilfrides: Minha vida, de agora em diante, a tendência é só crescer junto com a CAEC. Fazer mais filial, ir para lugares mais longes, nacional, internacional. Nós recebemos até um convite para participar de um fórum lá na Argentina.

Entrevista 2 – Sonildes em 25/10/2004.

Ubton: Vamos falar agora com Sonildes.

Sonildes: Meu nome é Sonildes de Jesus Vinhas, tenho 35 anos e sou mãe de 5 filhos. Comecei a trabalhar no aterro de Canabrava aos 14 anos com minha mãe e meu pai e a gente tirava o sustento dali, minha mãe tem 11 filhos todos criados do lixão, a gente catava os materiais, vendia e no final de semana a gente pegava a verba e ela sustentava todo mundo.

Ubton: Como seus pais foram parar no aterro, como é que começou essa história?

Sonildes: Eles não achavam trabalho, não tinham como conseguir recurso nenhum para sustentar meus irmãos. Então, minha mãe caiu no lixão, meu pai também, e foi levando meus irmãos maiozinhos para trabalhar com eles, para a gente adquirir uma renda melhor.

Ubton: Os meninos têm falado das experiências anteriores, de outras tentativas de organizar cooperativas. Os catadores viviam no lixão isoladamente, cada um por si. Você passou por isso, essas experiências anteriores, como é que foi essa história?

Sonildes: Era uma história muito triste lá no lixo. A gente não tinha ninguém pela gente, não tinha o equipamento adequado para trabalhar, chegava a pegar alimentos que

vinham junto com animais mortos para comer porque os atravessadores não tinham dinheiro para dar a gente. Aí ficava naquela situação, comendo aqueles alimentos que achava lá.

Ubton: Me diga como você participou desses outros tipos de experiência como o CENBA, que tentaram organizar, você viveu isso?

Sonildes: Cheguei a viver, mas ficava só no papel, a gente não tinha quem incentivasse, organizasse. Aí, a prefeitura chegava e dizia que não tinha como armar uma cooperativa. A gente não tinha espaço, então a gente tinha que ficar dependendo dos atravessadores o tempo todo. Aí foi que Jesus ajudou que a gente conheceu a assistente social D. Marília que trabalhou muito tempo dentro da CENBA, dentro do lixo e que teve essa idéia maravilhosa de capacitar o grupo, durante três meses. Depois veio a surgir a cooperativa CAEC.

Ubton: Como é que foi essa experiência durante três meses? Tinha um grupo de professores? Como é que foi isso para você?

Sonildes: Para mim foi maravilhosa. A gente sabia que existia, mas não sabia que tinha direitos e deveres. A gente era tratada como se fosse lixo. Depois dessa capacitação, passamos a ser tratado como cidadão. A gente pode armar a nossa própria cooperativa, ter um grupo unido para poder vencer na vida. Então, foi muito boa essa experiência. Formamos um grupo muito unido e, hoje, graças a Deus, nós mesmos estamos dirigindo a nossa cooperativa. Para mim, está sendo maravilhoso. Posso pagar uma banca para minha filha não ficar a tarde toda na rua. Posso ajudar meu pai e minha mãe que não teve a mesma oportunidade que eu (sic). Pago creche para meus filhos que antes eu tinha que deixar em casa o dia todo. Saio na rua e sou reconhecida pelo pessoal. Entro nos órgãos, sou muito bem recebida (risos!).

Ubton: Qual a sensação que isso dá?

Sonildes: É uma sensação maravilhosa. Tenho até dia de artista. O reconhecimento é muito bom mesmo. Antigamente, a gente não sabia o que era isso. Agora a gente tem esse valor.

Ubton: Antigamente era como?

Sonildes: A gente chegava nos lugares. Se agente fosse entrar num banco mesmo, os seguranças ficavam só olhando para gente, as pessoas não cumprimentavam. A gente dava um bom dia, ninguém respondia. Se a gente pedisse uma água tinham que procurar um copo descartável para depois que a gente bebesse jogarem o copo fora, só porque a gente era catador. Agora não, a gente toma até champanhe em taça. Agora recebo até convite para ir aos lugares, falar um pouquinho do que é a CAEC, como é a experiência de ser dona do seu

próprio negócio, desse grupo maravilhoso que é o Pangea que apoiou a gente, se dedicou a gente. Jesus vai apoiar para que eles façam por outras pessoas que precisam também.

Ubton: Como é a experiência de ser dona do seu próprio negócio. Se você tivesse falando para as pessoas, o que diria hoje?

Sonildes: Que vá em frente, acredite, que é verdade. A gente é capaz (sic). Se esforçando e com força de vontade a gente consegue as coisas. Jesus ajudando que apareça um grupo igual ao Pangea, eles vão conseguir o que a gente conseguiu.

Ubton:Qual é a diferença em ser dono do seu próprio negócio?

Sonildes: Trabalhando no negócio que não era meu, você tem que receber o que os outros vão lhe dar e aqui você recebe de acordo com o seu trabalho, vê quanto deu e repartir com o grupo.

Ubton: O que mudou em sua qualidade de vida, em termos de você enquanto pessoa?

Sonildes: Agora sou reconhecida pela sociedade (risos!), é uma alegria muito grande chegar nos lugares e alguém dizer: “aquela menina é lá da CAEC, da cooperativa”, não é só dinheiro. Dinheiro não compra essa alegria, essa felicidade, é poder falar do trabalho em grupo, cada dia acontece um fato para gente, é maravilhoso. Aqui, a gente não tem patrão. Não somos empregados. É tudo de acordo. Ninguém manda em ninguém nem é dono de ninguém.

Ubton: O que você gostaria de acrescentar, coisas que eu não perguntei e você gostaria de falar?

Sonildes: Que eu sinto? Do fundo meu coração, ter conhecido o Pangea que acreditou em mim, me ajudou bastante. Eu sou muito grata, muito agradecida mesmo, e que eles venham a fazer com outras pessoas que estão precisando o que eles fizeram comigo.

Entrevista 3 – Joselita Cardoso em 20/10/2004.

Lita: Eu sou Joselita Cardoso, tenho 44 anos, 5 filhos e duas netas, trabalho na cooperativa no setor administrativo, sou presidente e trabalhei no lixão, mas antes do lixão tive um pouco de estudo. Morava com meus pais. Quando meu pai faleceu, tive que largar os estudos, construí família e aí tive filhos. Não deu para conciliar trabalho e tomar conta dos filhos. Como eu já tinha uma história com o lixão, meu pai foi tratorista do lixão. Foi uma opção minha trabalhar no lixão. Era um lugar que eu tinha opção de horário, essa

flexibilidade. Trabalhava de dia, de noite e tirava o sustento da minha família, as coisas básicas. Tinha essa opção de completar a renda. Nessa época, eu já morava com meu marido. Ele trabalhava para sustentar a casa. Passou o tempo, as dificuldades foram aumentando e ele caiu no alcoolismo. A gente teve que se separar e eu tive que tocar o barco sozinha. Basicamente eu criei meus 5 filhos no lixão mesmo.

Ubton: Como é essa história de seu pai ter trabalhado como tratorista, fale um pouquinho disso.

Lita: Porque eu conheci o lixão na época que ele trabalhava lá. Eu era jovem e ia ao lixão, via os materiais e conhecia o lixo. Sempre houve o pessoal catando e vendendo o lixo. E aí, às vezes, eu ia levar o almoço dele e ficava observando as pessoas catando, ensacando e sabia que aquilo ali valia dinheiro e chegou ao ponto que eu trabalhava e comprava materiais.

Ubton: Quando você fala que já existiam as pessoas catando é mais ou menos em que época?

Lita: Em 1975/1976 mais ou menos é o que eu me lembro. Inicialmente eu ia, catava vasos para botar plantas, brinquedos, mas depois eu fui amadurecendo e via que aquilo dava para ganhar dinheiro. Como há muito tempo a gente já tem essa dificuldade de trabalho, foi uma opção.

Ubton: E essa história do estudo, como é que é?

Lita: Estudei até o 1º ano básico, até 1978, 1979. Nunca parei de estudar. Aí, foi quando eu construí família, tive que parar, mas sempre tive aquela cultura de ler, tudo que eu achava eu lia, revista, gibi, jornal e aí fui criando meus filhos assim. Todo mundo lá em casa tem o hábito de ler e é bom porque a gente aprende muita coisa. Então, é como se eu continuasse meus estudos através da leitura.

Ubton: De onde vem sua família, seus pais, como é a história deles?

Lita: Meu pai era pernambucano e minha mãe baiana, mas pelo que eu me lembro, ele disse que morou muitos anos no Rio de Janeiro. Eu não cheguei a participar dessa parte. Na época de 1964 ele era militante, trabalhava no meio da política, era expedicionário de guerra e foi um dos exilados do Brasil. Mas só que ele, por esperteza, não sei, não saiu do país, veio para o Nordeste e ficou por aqui de galho em galho. Nessa época, eu tinha 4 anos e ele foi levando a vida. Tinha a profissão de mecânico, era motorista, e aí foi parar no aterro em 72, 73 pelo que eu me lembro.

Ele trabalhava com um senhor daqui, um grande fazendeiro, e aí foi quando a gente morou um tempo pelo interior, Ibotirama, Chapada Diamantina. Quando a gente veio para Salvador, eu ficava na casa de uma tia minha, porque eu estudava. Foi quando ele se

estabilizou aqui no aterro. Depois, por problema de saúde, doença respiratória, ele se aposentou. Mas como a gente tinha vida de cigano, vivia pra lá e pra cá, meu irmão conheceu uma moça lá em Pernambuco, se casou e ficou por lá. Perdemos o contato com esse. Agora em 2000, através do Eric, a gente se encontrou de novo.

Meu irmão hoje faz catação, trabalhou um tempo de serviços gerais, auxiliar de escritório, não chegou à faculdade, mas tem um pouco de estudo também. Mas, devido às dificuldades que vivemos na família, já tinha uma história aqui com o lixão. Lá ele também foi para o lixão, apesar do lixão de Recife ser distante, tem os catadores de rua e ele nunca deixou de reciclar. Em 2000, se fortaleceu e hoje faz parte de uma cooperativa lá.

Ubton: Teve uma época no lixão que tivemos algumas tentativas de formar grupos de cooperativas, experiências como a CENBA, entre outras. Como é que foi essa época?

Lita: A CENBA realmente não foi uma experiência de cooperativa. Foi um lugar cercado que fizeram e colocaram os badameiros para trabalhar. Tiraram do lixão aberto. Lá era asfaltado e tinham uns boxes para a pessoa trabalhar, foi melhor, mas não era uma cooperativa. Na segunda tentativa foi frustrante, porque não era cooperativa, cada um trabalhava individual, eu mesmo tive uma experiência lá de 15 dias. Quando eu fui vender meu material, acostumada a trabalhar individual, pegar o meu grupo, aí tinha que ter desconto disso, daquilo, aí eu não aceitei. O desconto era muito, achei que aquilo foi uma humilhação para mim. Tinha um dirigente na cooperativa, tipo um gerente que não era catador, ele era um funcionário da LIMPURB, me aborreci com isso e saí da cooperativa. Agora, sei histórias de companheiros que sofreram muito lá, de ter um determinado valor de material e receber a metade, roubaram muito, exploraram muito as pessoas lá dentro, isso aí é tudo ao contrário de uma cooperativa, aquilo era como uma firma terceirizada, uma “gata” mesmo.

Ubton: De quem foi essa idéia?

Lita: Da LIMPURB

Ubton: E a própria CENBA também foi idéia da LIMPURB? Você sabe a partir de que a LIMPURB quis cercar e separar os badameiros do aterro?

Lita: Foi idéia da LIMPURB, tomaram essa iniciativa por causa da pressão do governo federal. Há muitos anos vem essa história de que não podia mais ter lixão a céu aberto. Teria que construir o aterro sanitário, isso não é de agora. Acho que teve uma época, não sei se 1996 ou 1998, eu mesmo li essa matéria, que o governo estava disponibilizando uma verba para os lixões e essa verba nunca chegou ao lixão de Salvador, nunca teve benefício. Incluído nessa verba tinha um benefício para os catadores também. E você sabe que esses homens viajam o mundo todo, viram a experiência na Europa, EUA e viram que aquilo

ali era um filão de ouro e podiam lucrar muito com aquele lixo? Passaram a investir, mas não pensando nas pessoas, nos catadores, eles passaram a investir no lixo pensando no próprio bolso deles. Eles privatizaram o lixão, porque chegou uma época que o companheiro, lá na CENBA, não podia sair com material nenhum, a segurança revistava para ver quem tava saindo com algum tipo de material, era uma empresa. Eles não gostam que a gente comente isso, eu comento porque não tenho medo, não devo nada a eles.

Quando chegou em 1998, teve essa história fechar o lixão, formar a cooperativa. Foi quando se formou a COPPCICLA e foi quando Marília estava participando. Mas foi uma experiência que não deu certo, eu não participei, mas sei das histórias dos colegas que não estavam satisfeitos, porque são toneladas de materiais que entram e a renda desse povo nunca melhora e ninguém tem direito de perguntar. É aquela história mesmo de massacrar o povo.

Ubton: Como é que vocês viram a época em que o Pangea começa a organizar alguma coisa?

Lita: Eu vi como uma tábua de salvação para todos nós aqui. A maioria não sabia fazer outra coisa a não ser catar material. Com essa experiência do Pangea, melhorou bastante. Não está o ideal. Agora, o fundamental, o que melhorou, o ponto crucial do CAEC é a valorização profissional como catador, porque através do trabalho do Pangea, a abertura, a divulgação, a sociedade, como um todo, já ver o catador como um profissional.

Ubton: Agora me diga uma coisa: como foi o 1º contato que Marília fez com vocês, como é que ela chegou. Como foi esse processo?

Lita: O processo com Marília não foi muito difícil porque ela já tinha aquela história de ter trabalhado com a gente lá no lixão a céu aberto. Ela ia de casa em casa chamando todo mundo, ela explicava a proposta. Uns acreditavam, outros questionavam se ia dar certo, se a LIMPURB estava no meio. Eu mesmo fiquei um pouco constrangida. Já vinha de outras experiências, mas enfim, a proposta era um curso, é mais um aprendizado. Disse: eu vou fazer esse curso, aí foi quando a gente começou.

Ubton: Ela fez a entrevista com mais ou menos 200 pessoas, ela teve que dar um corte. Como é que ficou essa separação, esse corte para você?

Lita: Eu falo até por ela, pelo que eu conheço Marília. Foi muito difícil fazer essa separação, porque ela tinha uma relação boa com todo mundo.

Ubton: E como é que você viu isso nas falas das pessoas que não foram classificadas?

Lita: Há! Um sentimento de angústia, mas agora depois do trabalho do Pangea, da CEAC, as pessoas já falam com esperança de um dia poder participar, fazer parte, e ficam

cobrando quando: ‘e quando vai inscrever? Eu trabalhei no lixão, também tenho direito. Todo mundo com muita expectativa.’

Ubton: Como é que foi para você quando a seleção foi feita? Como foi aquela etapa da capacitação?

Lita: Para mim, aquela capacitação foi muito boa, porque eu tinha mais ou menos uma idéia de como seria o cooperativismo, mas a prática mesmo foi ali. Eu tive um aprimoramento, me deu muita experiência, o curso de educação ambiental foi muito bom, porque a gente trabalhava com um material, mas não sabia quanto tempo ele ia levar na terra para se destruir. Foi um aprendizado mesmo, como se fosse uma graduação, né?

Ubton: Para você, enquanto estudante, aprendiz, como é que foi aquela metodologia utilizada? Como é que foi para você a proposta daquele grupo de profissionais que trabalharam naquela época?

Lita: Para mim foi uma coisa diferente para melhor. Não foi como na sala de aula. Foi uma coisa solta. Na origem nossa, dos catadores que somos, semi-alfabetizados, aquela linguagem simples, solta foi bom para as pessoas assimilarem mais rápido.

Ubton: Pois é, mas a capacitação chegou ao final, e depois o que acontece?

Lita: O final da capacitação foi um momento difícil, turbulento. Foi iniciado um processo de cooperativismo, de se formar a cooperativa, já tinha decidido a diretoria. Para mim que tinha sido escolhida como presidente, foi um momento difícil, porque foi quando teve aquela separação, a gente não ia ter mais o galpão da LIMPURB, estava correndo atrás de espaço, as pessoas cobrando, quando iam começar a trabalhar, ganhar dinheiro. Então, o meu papel ali foi muito difícil porque eu estava sentindo também na pele a necessidade de trabalhar, mas não podia transmitir aquela ansiedade para o pessoal, foi um momento realmente difícil. Quando começou a estabilizar, conseguimos um espaço e começamos a trabalhar, dia sim, dia não, mas já tinha aquela esperança, aquela maré alta acalmou um pouquinho.

Aí foi quando veio aquela outra turbulência que foi a geração de renda, como conseguir essa renda. As pessoas estavam ansiosas, queriam ganhar um salário. A gente levou uns três meses e a primeira foi R\$ 64,00. Aquilo foi bastante difícil, todos preocupados, se ia dar certo ou não.

Ubton: O que aconteceu?

Lita: Foi quando teve aquela divergência entre o Pangea e a LIMPURB, né? Que a gente não iria mais para o galpão, o pessoal da LIMPURB chegou a me chamar para saber de que lado eu ia ficar, porque nós fomos capacitados para ficar na COOPCICLA e em momento

algum do nosso curso, nenhum dos instrutores citou para gente que estávamos sendo capacitados para trabalhar na COOPCICLA, porque se fosse esse o caso eu não ia querer estar. Então, eu tinha que acreditar no Pangea e investir para ver se ia dar certo ou não. Como deu, graças a Deus!

Ubton: Mesmo começando a dar certo, vocês ganhando os R\$ 64,00, ainda tiveram alguns tipos de dificuldades. Que dificuldades foram essas?

Lita: Acho que foram dificuldades internas, ansiedade das pessoas o medo do novo. Até então, a cooperativa era uma história nova para todo mundo, um novo projeto de vida. Foi uma mudança radical. Então acho que o medo é uma reação normal. Tudo isso fez parte do processo. Eu não tinha desconfiança porque, paralelo ao trabalho daqui, eu comecei a buscar, a pesquisar o que era cooperativa, eu via, comparava com outras experiências que via em outros lugares.

Ubton: Na sua opinião, que nova vida era essa?

Lita: Era saber dividir, repartir, ser solidário, porque até então a gente tinha uma história de tudo para gente, isso foi mudado radicalmente. A nova vida foi essa aprender a ser solidário, repartir e foi ao longo do processo que as pessoas foram se acostumando a pensar sempre no outro.

Ubton: Se você pudesse identificar um sentimento, qual era o sentimento desse novo?

Lita: Para mim foi de esperança, de tudo dar certo e temos sempre que pensar assim, em ter um futuro melhor, e nessa experiência aqui do CAEC, me orgulho de estar servindo de exemplo para outros segmentos, outras pessoas, a qualidade de vida das pessoas melhorou.

Ubton: O que melhorou?

Lita: Melhorou financeiramente. A pessoa já está com a cabeça mais fria de chegar o fim do mês e ter aquela renda. Não é uma renda ideal, mas é o suporte suficiente para ajudar bastante, você pode pagar suas contas, ter uma alimentação melhor, coisa que antes não dava. Melhorou a auto-estima, as pessoas não se sentem mais constrangidas em chegar e dizer: eu sou catadora. Eu mesma, hoje, vou à espaços como escritório de uma empresa falar com gerente, conversar com político. Isso é uma experiência nova e levanta a dignidade das pessoas, a gente fica mais confiante para encarar o futuro, principalmente a gente que é chefe de família e tem o que passar para os filhos, até a família da gente cria aquela força. Quer dizer, tem uma credibilidade, eu acho que melhorou a qualidade de vida como um todo.

Ubton: O que você gostaria de acrescentar a essa conversa nossa?

Lita: O que eu gostaria? É um sonho, digo a você que não penso numa remuneração maior. Claro isso é bom também. Mas o que eu quero é que o CAEC cresça, que essa

experiência minha e de muitos aqui se multiplique com muitos que estão lá fora, que CAEC tenha 400, 500 associados, esse é o meu ponto de vista porque aí a gente vai estar ajudando outras pessoas e mostrando para o mundo, para a sociedade que nós catadores, temos capacidade de superar os nossos limites.

Ubton: Que limites são esses, na sua opinião?

Lita: Porque na linha dos catadores tem limite, tem a falta de educação, tem as pessoas que não têm o poder aquisitivo maior. A maioria é negra. Estamos vencendo barreiras, superando limites, limites esses que a sociedade nos impõe para ficarmos à margem como não sujeitos. Hoje somos cidadãos e a minha meta hoje é contemplar outras pessoas e mostrar que tudo é possível.

Entrevista 4 – José Antônio em 20/10/2004⁷⁵

Ubton: Agora, vamos conversar com José Antônio.

José Antônio: Meu nome é José Antônio, sou 20 de outubro de 71, Antes, a minha vida não era facilitada. Tinha muito sacrifício, porque a gente não tinha de onde tirar dinheiro para sobreviver. O único meio que a gente viu pela frente foi o lixão. Minha família era muito grande, tinha 18 pessoas, o único meio de sustento era o lixão. Comecei a trabalhar no lixo com 6 anos de idade. Quando cheguei na faixa de uns 16 anos as coisas foram melhorando. Não tinha mais aquela poeirada toda, a gente trabalhando, engolindo aquelas coisas. Então, a gente começou a trabalhar e não era só a questão do dinheiro, era também a comida, porque a comida que a gente pegava era para comer também. Cada carro de lixo tem seus nomes também, o verde era do tempero, a gente botava os nomes. Eram os carros que traziam nossa alimentação. A gente gostava do lixo porque todos os dias tinha dinheiro. A gente se via duro, ia para o lixão. Não tinha hora de trabalhar. Era de dia, de noite. Eu não tive infância. Para o lado de curtição, não existiu infância para gente do lixão. Era um meio muito difícil, porque a gente vivia e crescia dentro do lixo. A partir dos 15,16 anos foi que começamos a conhecer um pouco a vida.

Ubton: Quando você fala que tem 18 irmãos, todos trabalhavam no lixão? Como é que começou isso?

⁷⁵ Dia que completou 33 anos.

José Antônio: Minha mãe começou a trabalhar no lixão, meu pai era aposentado da polícia, mas não dava para sustentar a gente. Então, minha mãe ia para o lixo e eu e meus irmãos pedimos para ajudar. Ela já me levava para tomar conta do material dela e começou todo mundo com aquela motivação de trabalhar para ajudar em casa, e a família toda acabou trabalhando no lixão, foi tipo ímã. O lixo tem uma coisa: quando você começa, não pára. Não tinha jeito de sair do lixão. O único jeito foi destruir o lixo mesmo. Também se não fosse o lixão, muita gente tinha morrido de fome mesmo, né? Porque o meio de vida era ruim, não é dizer que o lixo trouxe coisa ruim, a gente se misturava com todo tipo de gente, ladrão, maconheiro, mas não é por isso que você vai ficar igual a eles, não tem nada a ver. Eu tenho 18 irmãos nenhum fuma maconha nem rouba, o lixo não é coisa ruim, o lixo é a riqueza porque está fazendo muita gente viver até hoje.

Ubton: Dos seus 18 irmãos, quantos trabalham com catação e ainda estão ligados ao lixo?

José Antônio: Tenho 5

Ubton: Você tem família, é casado. Como é sua vida?

José Antônio: Eu sou “amigado” com uma mulher. Vivo com ela há 13 anos, tenho duas filhas, mais duas de criação, todas sustentadas com o dinheiro do lixo, todas estudam, nunca passou fome, antes eu sofria. Hoje, eles não passam nem a metade do que eu passei, estão no céu comparado com a situação de antes.

Ubton: Como era essa situação de antes? A gente sabe que houve um tempo em que a catação era livre, fale um pouco do que aconteceu nessa época.

José Antônio: Antes, quando a gente trabalhava no lixo livremente era uma época muito boa, mas depois veio a CENBA, que era um cercado de fora a fora. Começamos a trabalhar nesse cercado, os carros já vinha escolhido. Antes, quando a gente era livre, tinha direito a trabalhar em todos os carros, mas com a CENBA era escolhido de ponta de dedo. Ficou chato porque a gente era acostumado a fazer 50,60 cruzeiros na época e com a CENBA passamos a fazer 25,30 cruzeiros ou nada. Esse povo tirava a gente como mendigo, porque não botavam mais os carros para gente triar. Tiravam os carros que a gente reciclava material e a gente passou a reciclar só comida, aquilo ali era humilhação pra gente, era de dar dó, a gente passou uma situação de miséria.

Ubton: Quem são esses caras que você falou que pensam que vocês são mendigos?

José Antônio: Isso aí vem do governo por parte da política, tirar a gente do lixão prometendo dar trabalho. Como a gente não tinha experiência com trabalho, prometiam mundos e fundos e a gente acreditava. Eles empregaram a gente, mas com 1 ano e 2, 3 meses

de trabalho eles nos desempregaram. Aqueles que tinham estudo permaneciam. Os que não tinham sofriam. Como o nosso cadastro no lixão era riscado, porque quando a gente conseguia emprego, não podia mais voltar. Então, aquele emprego ali só era uma armadilha para a gente ser cortado do lixão.

Ubton: Aí vieram as outras experiências, depois da CENBA, da COOPCICLA até se aproximar da experiência do Pangea. Como é que foi esse trajeto?

José Antônio: Eu trabalhava na CENBA, aí fomos retirados para trabalhar na Vega⁷⁶, depois a COOPCICLA entrou e a gente já estava na Veja. Acho que eles fizeram um esquema até bem organizado, porque quem estava empregado não sabia o que se passava cá dentro. Quem sabe da COOPCICLA são as pessoas que já estavam lá, as pessoas que não tinham condição de trabalhar nas empresas, eles jogavam na COOPCICLA. Depois que saí da empresa, fiquei 4 anos e 6 meses desempregado. É uma coisa de dar dó, dor de cabeça mesmo. Eu fiquei esses tempos só catando lixo no meio da rua, porque não era mais o lixão. Era um aterro que trabalhava com entulho, esse cascalho que sobrava a gente pegava para ver se sustentava.

Mesmo na gente eles metiam bala, davam tiro mesmo. Era área proibida. A gente pulava barranco, mas era uma situação que tinha que enfrentar, se não tinha mais lixão, a gente tinha que enfrentar ali mesmo. Cheguei a ponto de me acidentar, quando eu trabalhava no lixão, cheguei a amputar dois dedos, mas a gente vivia como podia. Eu não ia deixar meus filhos com fome. Teve badameiro que caiu para dentro do lixão que eles algemaram, deram porrada. Tem gente aqui mesmo que já passou por isso, já foi espancado por pegar ferro para vender e dar comida a seus filhos. Então, já a gente procurar imaginar o que já se passou com a vida da gente tem pessoas que não agüenta e chora. É isso aí.

Ubton: Então, aparece o Pangea com essa proposta, como é que foi a chegada de Marília? Como vocês receberam com essa proposta e a idéia de construir um grupo?

José Antônio: Essa proposta chegou com um cadastramento. D. Marília chegou cadastrando uma base de 300, 400 pessoas, só em Canabrava. Eu estava no meio dessas pessoas, nessa época estava desempregado, pedindo já socorro porque não sabia o que era pegar em R\$ 10, 00. A gente ficava naquela esperança. A gente já vinha de uma situação dela ter me conhecido no lixão. Isso facilitou. Ela me cadastrou como as outras pessoas, mas tinha uma disputa muito grande. Depois que fui escolhido para tomar o curso, agradeci muito a Deus. Ia tomar o curso durante um ano. Fomos sempre procurando uma maneira de um ajudar

⁷⁶ VEGA: empresa privada de limpeza urbana, uma das responsáveis pela coleta do lixo em Salvador.

ao outro. Eu não ganhava nada no tempo do curso, mas se a gente quer alguma coisa tem que ir buscar. Eu dizia: se eu estou em casa passando dificuldade, venho para o curso porque tem uma possibilidade de eu prosperar. Ficar em casa parado, só pensar em fazer coisa ruim (referindo-se à malandragem). Via muitos amigos pensando em se matar, muitos se mataram, a gente procurava ver a situação de frente e enfrentar mesmo. No tempo que tomava o curso, ainda ia para o lixão. Prometi para mim mesmo que ia aproveitar cada momento e não desperdiçar meu tempo.

Ubton: Logo depois, veio a formação da cooperativa. Teve aquela fase da proposta de ensinar a vocês o que era cooperativa, aquele jeito de dar aula. Como era isso?

José Antônio: Foi uma experiência muito boa. A gente conhecia o material, mas não sabia o significado daquele material. Hoje, já conhecemos o que é um plástico, seu significado, os nomes também. Antes, a gente não sabia ensinar às pessoas que quisessem saber sobre o sistema do trabalho da gente, sobre a reciclagem. Hoje a gente sabe o valor de qualquer tipo de material, o que é um pró-labore. Já sabemos passar para outras pessoas o que aprendemos. Quem prestou atenção, aproveitou muito bem as aulas, o que a gente fazia no curso hoje é um fruto muito grande do nosso trabalho, hoje o trabalho que da gente é o que é, porque estudamos com as assistentes do Pangea e aproveitamos muito.

Ubton: Aí terminou a fase do curso, o que veio depois?

José Antônio: Veio àquela coisa que foi prometida para gente no curso. O prefeito foi prestigiar a gente, desejou felicidade para gente, foi abraço, promessa de mundos e fundos. A gente com o coração mole acreditou em tudo, e aceitava em qualquer coisa de braços abertos. Prometeram um galpão para gente e não deram. Até hoje a gente passa aperto. Nós acreditamos no nosso trabalho e ficamos quase dois anos sem ter o galpão, mas com a força que Deus e o Pangea deu para gente, hoje podemos botar a cabeça para cima e dizer que não temos nada dado pela prefeitura, política aqui não existe. Tudo foi conseguido com muita dificuldade, deixamos as coisas ruins para trás e coisa boa para frente.

Ubton: Essa imagem é interessante, coisas ruins para trás e coisa boa para frente. Aí tiveram essas dificuldades na cooperativa, como é que você viveu isso?

José Antônio: Como todos os outros apertos, a gente viu a necessidade que passava e se conseguimos ultrapassar as necessidades mais fortes, as mais fracas a gente conseguiu passar tranqüilo, se está no fogo é para se queimar. Vamos acreditar nos argumentos que a gente tem, porque são frutos do curso que a gente tomou. Tudo acontece aos poucos, é degrau por degrau.

Ubton: Você fala do ruim antes e o futuro depois, como é que você resumiria isso?

José Antônio: Eu resumiria assim: ruim é a miséria. No futuro e no presente, a coisa boa é procurar sempre ajudar ao próximo. Se a gente procura ajudar é porque já ganhou um pouco. Então é isso o futuro: é a gente tirar a miséria do meio da rua, é procurar ajudar ao próximo, se não a gente não está procurando o futuro, está procurando ficar na mesma coisa. Porque eu posso melhorar minha vida, mas será que se você, meu companheiro, continua no lixão trabalhando eu vou me sentir bem? Eu não tenho coração de pedra, temos sempre que procurar ajudar os outros. Temos agora o projeto de botar mais 150 a 200 pessoas, eu estou em cima deles para tirar os documentos, pra entrarem na cooperativa junto com a gente, com todas as melhorias que a gente tem. Se no dia de tirar o documento eles não tiverem o dinheiro, eu tiro do meu bolso. Já falei para dois lá, que se precisar eu dou uma força, quero ver eles lá e não naquela miséria.

Ubton: Onde é que você acha que isso melhorou sua vida? O que aconteceu?

José Antônio: Melhorou na educação. Antes eu tinha vergonha de conversar. Hoje, eu sei me expressar. Já conheci cidades. Hoje eu sou uma pessoa educada, meu trabalho é tudo. O respeito está em primeiro lugar porque se a gente não tem respeito pelas pessoas, não se acha um cidadão. Assim como gosto de respeitar gosto de ser respeitado. Agora eu tenho essa nova profissão que é de catador, mas é muito boa hoje eu não baixo a cabeça para ninguém. Antes, eu tinha vergonha, as pessoas me viam todo sujo na rua. Hoje olho pra frente e digo: eu sou um catador, e isso é uma vitória muito grande. Antes andava sujo, fedendo a lixo. As pessoas me chamam para saber como é o nosso trabalho, isso é um valor muito grande, é uma coisa forte, porque está valorizando nosso trabalho e cria mais vontade de trabalhar também. Hoje podemos dizer que somos cidadãos pelo fato de ser respeitado.

Entrevista 5 - Lomanto em 25/10/2004.

Ubton: Agora nós vamos conversar Lomanto.

- **Lomanto:** Meu nome é Ubiratan Santa Bárbara. Tenho 41 anos, nasci na Vasco da Gama, na Rua Sérgio de Carvalho, filho de família humilde, fraca, daquelas bem fraca mesmo. Minha vida de catação começou aos 8 anos de idade, comecei a catar na rua, ferro, alumínio e osso, naquele tempo só catava isso, tinha parceiros que catavam comigo. Eles tinham em média uns 8 a 9 anos e era com esse dinheiro que a gente sustentava a casa, não tinha energia elétrica, som, fogão, geladeira, não tinha nada, era uma área de enchente na

Vasco da Gama. Depois, a gente se mudou para o Ogunjá. Então, com o decorrer do tempo vieram várias chuvas, a de 70, 71,72 e 73 aí parou. Quando foi na de 76 para 77 nós fomos desabrigados, a chuva levou tudo da gente. Ficamos mais miseráveis ainda. A pessoa humilde catadora de rua, ainda enfrentando enchente, então o que aconteceu? Minha mãe ficou presa com as águas dentro de casa, eu tinha um irmão menor chamado Ubiraci, hoje ele é tratorista e está com 30 anos. A água dando no pescoço, minha mãe chorando como que, eu falei a minha mãe: “vou ter que botar meu irmão na corcunda”. Minha mãe era deficiente, começou a chorar, e eu disse que ia passar. Era pequeno, mas conhecia a ponte, sabia onde estava o perigo.

Aí, eu passei com meu irmão, atravessei o rio, na época o colégio Antônio Carlos Magalhães estava acabando de construir. Nós ficamos abrigados ali duas vezes em Canabrava. Nós dávamos apoio na construção, éramos voluntários na construção da nossa própria casa. Então, nos mudamos para Canabrava em 1977. No começo, era tudo mato. Não tinha nada, era selva e lixo. Eu, como já tinha a “manha” de catar nas ruas.

O lixão não podia catar. Quem tomava conta nessa época era a segurança da LIMPURB. Então, a gente começou a lutar, apanhar dos seguranças, mesmo assim a gente enfrentava até que foi liberado e começamos a catação dentro do lixo. Em 80, nós fizemos a 1ª reunião. Aí, passou 81,82,83. Em 84, o lixo pegou fogo, foi o maior “rebu”. A LIMPURB não quis apagar o lixo, Canabrava e áreas vizinhas ficaram tomadas de fumaça. Reunimos a população e fomos tomar providência para que apagassem o lixo. Foi um quebra pau, polícia, a gente apanhou, mas batemos também, aí o bombeiro veio apagou e continuamos a trabalhar dentro do lixo.

Ubton: Essa reunião em 80 era para que mesmo?

Lomanto: Essa reunião era para não tirar o lixo, porque já existia o trabalho para tirar a gente do lixo. Então, quer dizer, eu já era mais consciente sobre isso e vivia dizendo: “gente, gente, não vamos ficar aqui que agora é da prefeitura, a base aérea tá querendo tirar, o Vitória quer tirar, a comunidade em peso querendo tirar, mas só tira se o poder público quiser”. Como aconteceu. Então, a maioria do povo não tinha isso na mente, né? Quando foi em 96 foi feito um trabalho mesmo com assistente social. Foram várias: Sara, Marília que foi a última. Sara veio, mas não conseguiu implantar o projeto, porque o projeto dela era fazer uma “cenbazinha” para botar 50 carros. Mas só que a área era pequena para catador, para os carros e para guardar material. Tinha dia que botava 30 carros, dia que botava 20 e 10. Tinha dia que não botava nada, a gente ficava ali sofrendo. Então, em 96 para acabar com isso, me uni com o pessoal do Sindicato da LIMPURB e com Paulo Anunciação, a gente foi

conscientizando a população e catadores que aquilo não estava certo. Começamos a divulgar com carro de som o trabalho, o que a gente queria. Do nada surgiram umas viaturas do 5º batalhão, na época era opala, aqueles opalão (risos!). Enquanto estava estavam chegando as paratis, estava organizando, tava tudo bom, mas quando começou a chegar os opalão, começou a meter o pau, bater em idosos, nós fomos presos, fomos para 10ª delegacia. Quando chegou lá, junto com o tenente, por incrível que pareça, quem estava esperando a gente lá foi o nosso deputado federal Nelson Pellegrino, a quem agradeço muito pelas lutas, pelas vitórias, conquistas e o apoio que ele sempre deu aos catadores, as pessoas carentes, humildes, de favelas, de becós e guetos de nossa cidade. Paulo Anunciação e mais dois fomos liberados. Tudo bem, aí parou o trabalho, fomos para o lixão mesmo e começamos a trabalhar. Teve outra conscientização junto com Marília, que aquilo não podia acontecer. Aí fez a 2ª CENBA. Nessa, eu não tive como me cadastrar, porque minha mãe era deficiente, começou a dar nos nervos, ela não tinha capital de giro, então, nosso trabalho era para aposentar ela, foi o maior trabalho aposentar ela através do benefício saúde dado pelo Governo Federal. A gente lutou, levou ela para perícia, aí minha mãe começou a enfraquecer das pernas. Me separei da minha 1ª mulher porque a situação difícil fez com que a gente separasse.

Então, vamos voltar para minha mãe, ela começou a fraquejar e eu não pude me cadastrar na CENBA. O processo dessa CENBA também foi meio escravagista, era o sistema do diabo como se dizia na época, ele cobravam R\$ 5,00 dos catadores e quando foi passado o dinheiro não teve correção nenhuma de juro, né? Então se o catador tinha R\$ 50,00 em um ano aquele dinheiro vinha sem nenhuma correção. Então, isso terminou e aí foi implantado o trabalho. Algumas pessoas foram para a VEGA, outras foram para casa de família aqui mesmo na região, ganhando R\$ 70, 80, até 40,00 na época. Eu fiquei dentro de casa consegui, aposentar minha mãe na época era R\$ 240,00. Eu gastava R\$ 60,00 de fralda descartável, mais R\$ 37,00 de energia, fora alimentação. Meu irmão me ajudava, só que a ajuda era pouca na época, ele também tinha família, era uma ajuda de R\$ 100,00. A minha 2ª esposa, com quem hoje eu tenho dois filhos, Denise, também era fraca, tinha pouco estudo, batalhava em casa de família como diarista. Então, era com esse dinheiro que a gente vinha conseguindo se manter.

Com pouco tempo minha mãe veio a falecer e aí a gente ficou mais ao “leu” ainda. Esses R\$ 240,00 que ajudavam foi a pique, então fiquei a mercê, né? Via os companheiros sempre tomando porrada. Nessa época, não tinha mais material para gente catar, porque o lixo foi fechado, a gente juntava madeira para vender nas padarias, tinha uma área lá na sede junto

de onde eu morava, mas fomos empombados também de botar esse material, para você ver a justiça que acontece no mundo: fomos empombados porque achavam que tava criando rato.

Na época do lixo a gente tinha criação de porco, de galinha, chegava Natal, São João a gente matava porco, tudo isso no tempo do lixo. Eu fiquei 7 anos sem cooperativa, catando na rua dando uma força aos amigos. Até que no começo de 2004 me bati com Joselita Cardoso, uma pessoa muito boa, presidente da CAEC, faz parte também do movimento estadual e nacional, mandou convidar a gente de Canabrava. As pessoas estavam desgarradas, catando na rua, sem oportunidade nenhuma. Aí, fui convidado para juntar ao grupo. Juntei um grupo de 150 pessoas e tivemos várias reuniões lá na CAEC, que é uma Cooperativa de Catador Agente Ecológico de Canabrava. Daí, fomos levados para o espaço Dom Bosco, para um trabalho de capacitação dos catadores. Lá, Joselita saiu como presidente do movimento e eu saí suplente, né?

Foram 150 catadores. Daí em diante, começa nossa batalha. Trabalhei durante um ano com a conscientização dos catadores de rua, os do interior da Bahia, também. Fomos formando cooperativas e agora estou dentro da CAEC. Estamos com uma área de 11.000 m, doados por uma parceria muito forte e eu agradeço a essa parceria, porque sem ela não seríamos nada. A visão social dessa parceria para gente foi uma forma mais benéfica, tanto em materiais quanto em espaço cedido para gente pela Petrobrás, temos muito que agradecer. Estamos ajeitando esse espaço para que ele possa abranger 200 cooperativados.

Ubton: Você não participou do treinamento, da capacitação que foi dada a CAEC?

Lomanto: Não porque nessa época eu passei 7 anos tomando conta da minha mãe. Falei com Marília, a assistente social, que não ia participar porque não tinha ninguém para tomar conta de minha mãe. Preferi nessa época cuidar dela.

Ubton: Você hoje trabalhando aqui sem ter participado daquela capacitação sente falta de ter tido aquele espaço? Como é isso para você, porque teve uma capacitação onde eles conheceram sobre muita coisa, experimentaram conhecer sobre polietileno, polipropileno, papel branco, filme, pet, é um conhecimento mais técnico, você com a sua experiência de lixão. Qual é a diferença?

Lomanto: Para mim não tem diferença nenhuma, porque eu já trabalhei com esse material e também passei por um trabalho que foi feito na LIMPURB. Antigamente, era recursos humanos, quer dizer, tirava as pessoas do lixão e mandava para uma firma que trabalhasse com plástico. Então, através da INESA, no CIA, eu tive capacidade de conhecer esses materiais por nome científico, né? (risos!). E para mim não foi tão difícil.

Ubton: Você estudou Lomanto?

Lomanto: Estudei até a 5ª série no Colégio de Canabrava. Tentei fazer supletivo acelerado pela UFBA. Tentei fazer um curso de repositor, não consegui, porque só tinha 18 anos e a idade era 22.

Ubton: Depois que você entrou na cooperativa, o que mudou em sua vida? Quais as perspectivas, o que tem acontecido?

Lomanto: O que tem acontecido é maravilhoso, porque estou com 41 anos e você sabe que nesse país, com essa idade, tem muita dificuldade para se empregar, ainda mais se não tiver uma profissão para estar no mercado, porque a maioria das pessoas que catam hoje é porque a profissão delas não está dando. Mas, para mim a cooperativa foi muito boa, ela me deu a cidadania e a esperança de que no fim do mês eu tenho o dinheiro para pagar minha luz. Porque todo catador também tem uma casa, um botijão de gás, um contador de água e luz na porta, tem seu lazer, ir à praia tomar uma cerveja, só uma, porque é o que o dinheiro dá, e agora nós pretendemos ter um INSS para que mais tarde meu filho não venha sofrer. Para mim, o convívio com as pessoas aqui dentro está sendo maravilhoso, porque são pessoas que eu já conheço há 20 anos ou mais.

Ubton: Para concluir, o que você gostaria de falar?

Lomanto: Gostaria de falar que a sociedade tenha consciência de que a natureza necessita muito da gente e que nós também somos parte da natureza, a preservação do meio ambiente, das matas, dos rios, com a consciência com os catadores, que são pessoas que estão ali fazendo o seu papel contribuindo para o meio ambiente, que não vejam eles como mendigo, ladrão, vejam eles como pessoas, seres humanos, cidadãos que não querem pedir nada a ninguém. Gostaria também que as pessoas fizessem a coleta do material reciclável e ajudasse os catadores qualquer que seja, de lixão, de cooperativa, organizado ou não.

APÊNDICE B - Entrevista Realizada com a Assistente Social

Entrevista com Marília em 08/11/2004.

Ubton: Hoje são 08/11/04 às 18:00 hs e estou conversando com Marília.

Marília: Sou Marília, assistente social e tenho na minha vida profissional somando estágio com atuação profissional uns 10 anos de contato com a comunidade dos catadores aqui de Salvador. Iniciei em Canabrava o contato com o grupo em 1992 e entrei como estagiária da LIMPURB, que desenvolvia um trabalho social junto aos funcionários. Devido ao surgimento dentro da prefeitura da idéia de rever o aterro de Canabrava para enquadrá-lo às novas regras de meio ambiente de um aterro sustentável, que pudesse ser renovável sem estar devastando outras áreas dentro dessa perspectiva de recuperação, que nasceu na LIMPURB nesse período, porque antes era um aterro sanitário sem nenhum controle. Daí nasceu essa idéia até por força da pressão dos órgãos de fiscalização, através do CRA nasceu essa questão de remediar aquele aterro de Canabrava.

Então, daí começou um trabalho social ali dentro, não iniciou com essa idéia de trabalho social, mas se percebeu a necessidade de pessoas ligadas à área de humanas estar em contato com esse pessoal, porque os engenheiros, o pessoal técnico não sabia chegar então começou como? Sendo feita uma solicitação desse serviço social da empresa voltada para o funcionário para estar com a população ter o primeiro contato e estabelecer uma relação para que a empresa pudesse chegar. Nesse momento, eu tinha a opção de ficar lá com os funcionários ou ir para o projeto em Canabrava. Como houve muita resistência, os técnicos não queriam ir porque tinham medo do odor e do ambiente. Eu não precisei disputar com ninguém. Quis ir e fui. Comecei então o estágio.

A idéia inicial era fazer um levantamento sócio-econômico daquela população, existia supervisão de uma colega assistente social e em determinado momento veio outra estagiária que trabalhou comigo durante um tempo e aí eu comecei a estabelecer o meu vínculo com aquela população. No primeiro contato, você se assombra. Eu fiquei abalada emocionalmente, tive que subir para a sede porque estava chorando. Tem também o meio, o receio de estar num ambiente insalubre. Tinha que usar luva, botar máscara, mas logo eu percebi que se usasse máscara não tinha como estabelecer um contato. Então, eu não usei máscara e aí vem à questão de não saber direito até que ponto você pode ter um problema de saúde. No início, foi

meio barra pesada, até porque não existia prefeitura a gente tinha que descer andando até o aterro para ter contato com as pessoas.

Ubton: Logo quando você chegou, o que lhe chocou no seu primeiro contato com eles?

Marília: O que me chocou em primeiro lugar foi à questão deles estarem em cima do lixo mesmo. No primeiro dia eu vi crianças pegando frutas, abrindo iogurte e bebendo. Observei em alguns momentos que eles não disputavam com urubu como o jornal sempre diz. Isso não existe, mas disputavam entre eles. Isso criava uma imagem assim do inferno: um calor insuportável, poeira para não acabar mais, o barulho do compactador e essas pessoas vivendo daquele jeito, crianças inclusive. Então, para uma pessoa de dezesseis anos chegar e ver uma realidade dessa é complicado, ainda mais quando você está entrando para uma área social de humanas. Mas logo no segundo dia, agente começa a relativizar essa situação algumas vezes dizem que é acomodação que você está se acomodando. Isso ai é para você se assustar e ficar indignada o tempo inteiro. A indignação continuou. Na hora que você observa e conversa com as pessoas, começa a perceber que para eles tudo que acontece ali tem um sentido, elas comem do lixo, mas sabendo porque estão comendo do lixo. Quando elas levam uma verdura para casa, uma comida, eles não comem como a gente pensa, elas têm o cuidado de lavar, catar, cozinhar. Eles são casados, têm filhos que estão na escola. Então, quando você começa a fazer comparação com outras realidades como a de menino de rua, você ver que ali existem relações, sentimentos, não é tão terrível como a gente pensa. A forma como eles se defendiam ali fazia com que você suportasse aquela realidade, porque ali tinha vida, festa. Eles namoravam ali dentro, riam o tempo inteiro, brincavam, tinham situações hilárias. Eu fui entrevistar um senhor e aí perguntei qual o seu nome? E ele me disse com todas as letras, o meu nome é Bucetinha (risos!) e o pessoal chamava assim mesmo, respeitando ele, mais chamavam de Sr. Bucetinha. Essas coisas faziam com que relativizasse a situação. Algumas casas que visitava, percebia a extrema pobreza, mas tinha panela areada, jarro na mesa, portanto você via uma casa, uma família e quando se chega no lixo a primeira vez se imagina que ali não é nem gente direito, não é isso que passam para a gente?

Ubton: É, realmente alguns deles se sentem um pouco assim. Quando as pessoas passam no ônibus e olham eles não se viam como gente.

Marília: Eles odiavam as matérias de jornal. Tanto, que quando saía alguma matéria já da LIMPURB divulgando o trabalho social, eu tinha o maior problema. Eles me perguntavam se eu tinha dito que eles comem urubus, ficavam bastante chateados com aquilo. Então, o meu estágio aconteceu nesse momento quando eles estavam ainda no lixão. Em

1994, eu me formei e fui contratada pelo governo de Lídice da Mata. Ao contrário do que Imbassay falou, esse projeto não veio dele. No governo de Lídice se pensou em fazer bioremediação do aterro sanitário. Teve o projeto, a consultoria, e a idéia era remediar o aterro, não podiam existir as células de lixo com o catador em cima, porque a tese é que o lixo é jogado e diariamente o lixo é coberto, compactado e vai se jogando areia por cima e a área fica um tempo fechado até que você reabra essa célula e joga mais lixo o tempo necessário para haver a decomposição de pelo menos uma parte. Então, isso exigiria várias máquinas, jogar barro, arenoso o tempo inteiro e não tinha como ter catador ali em cima. Portanto, o cientista não ia dizer que era para tirar o pessoal e acabar com aquilo. Com isso veio a idéia da CENBA, que era a central dos badameiros, a idéia era basicamente de tirar o catador do lixão e jogar ele numa área cercada para onde uma parte do lixo era direcionada, porque se fosse jogar o lixo da cidade ali, estaria fazendo outro aterro descontrolado, era cerca de 30% do lixo total da cidade. Então, o trabalho social começa ali com perspectiva de dar um jeito na população e como era um governo que se dizia democrático não ia poder botar a polícia para tirar as pessoa dali e a gente nem sabe também se teriam sucesso, porque uma população grande como aquela podia se revoltar. Então, no início, tentamos dar um aspecto humano a CENBA, colocando sanitários e iluminação para o trabalho a noite, porque eles trabalhavam com tochas que chamavam de carouchas e acendiam com gás que saía do lixo, o metano e isso é muito perigoso. Havia o risco de explosão e muitos casos de queimaduras, cortes profundos, registramos dois casos de tétano, então nesse processo colocamos segurança 24 horas e a gente fazia também um trabalho com o pessoal da noite que era outro. Essa central começou com bastante dificuldade.

Antes no lixão eles tinham acesso a todo o lixo da cidade e na CENBA só era 30%, portanto eles sentiam a diferença na qualidade do material que eles tiravam, apesar de que no lixão eles não conseguiam ter acesso a tudo, porque imagine lixo sendo jogado diariamente o que está em baixo ninguém pega, mas eles tinham a idéia de que na CENBA eles catavam menos. Então, nós estamos para dar a contrapartida, que era a questão do reconhecimento do trabalho deles, direcionar recursos comunitários quando tinha, estabelecemos convênios na área de saúde, eles tinham acesso ao São Rafael, inclusive alguns catadores se trataram lá. Teve o caso de uma que morreu na UTI de lá, portanto teve alguns ganhos nesse sentido, mas nada a ponto de mudar a realidade.

Aí, o que aconteceu? Se tentou colocar farda algumas vezes, mas por causa da própria atividade no dia seguinte não tinha mais farda. Eles também não se adequaram às botas. Diziam que esquentava e aí substituíram pelos tênis. Os banheiros foram totalmente

depredados, e aí tínhamos que conviver com isso. Eles diziam: aí a gente faz e eles esculhambam. Sofremos com isso um tempão porque tínhamos que fazer com que o processo de educação fosse aceito, mas ao mesmo tempo, não os contemplava no que consideravam mais importante, que era a melhoria da renda.

Então, ficaram nessa CENBA durante um tempo, mas a prefeitura começou a ter dificuldade de recursos, e eles começaram a se revoltar, invadir o aterro sanitário, e a prefeitura não colocou uma segurança lá dentro. No final do governo não tinha mais recurso para nada. Então, a CENBA acabou, nisso tudo eu continuei a minha relação e o trabalho com eles, chegamos a fundar uma comissão de mães em Canabrava: fizeram o estatuto, tinha reunião toda semana. A presidente era deles e a idéia era que essa comissão pudesse ajudar seus filhos e ser uma entidade que realmente os representasse, mas não no formato de cooperativa, e sim uma associação. Esse processo de construção foi bem rico, chegaram a ter iniciativas fora do lixo eles me ajudaram muito.

Teve um menino chamado Gabriel Rossi que ajudou muito também. Chegaram a fazer uma fábrica de sabão, mas não foi para canto nenhum. O lixo era que dava dinheiro mesmo. Aí voltou todo mundo para o lixão. Entrou, a prefeitura com o Jalon, ficamos naquela fase de transição, continuei lá no aterro, nesse ínterim o gerente do destino final João Fortuna estava também imbuído da questão do catador. Hoje ele é meu amigo, apesar da minha resistência no início. Hoje ele faz muitos elogios ao trabalho social, ele se jogou e conseguiu mudar muito convivendo com aquelas pessoas. A gente fazia algumas coisas assistenciais, festa de natal. Conseguia brinquedos, cesta básica, e ele se envolvia nisso também, apesar de ser uma coisa assistencial, para gente trazia à tona a realidade, chamava a atenção. Então, foi se criando aproximação com aquela compilação, e aí fiquei lá nessa transição até que veio Imbassay com a decisão de que todo mundo que foi contratado depois de 1988 seria demitido, porque só poderia estar na prefeitura quem tinha feito concurso e os contratos eram feitos sem concurso sem seguir a constituição. Alguns casos como o meu não tinham sido questão de política, porque eu era estagiaria e continuei o trabalho. Realmente, ele fez uma sacanagem porque ele considerou os contratos nulos e penalizou o trabalhador. Eu, quando entrei, assinava carteira, batia ponto pela manhã e pela tarde como trabalhador normal tinha férias, 13°. Então, ele desconsiderou essa história nossa de trabalhador. Não pagou FGTS, não pagou nada. Saímos no zero. Teve gente que queria se matar. Eu acho que tinha que penalizar a prefeitura e não a gente. Foram demitidos 5.400 pessoas em 1996 e pronto. Em 1997, João Fortuna não foi demitido e continuou o trabalho dele. Jalon Oliveira me convidou a voltar para o cargo, e voltei ao trabalho com o pessoal. E se pensou em dar continuidade ao trabalho de remediação,

só que para mim ficou muito claro logo de início a relação que o Jalon queria estabelecer com o pessoal, queria continuar com a remediação, mas não queria a figura do catador, ele fez uma reunião com os técnicos e disse que queria tirar os catadores de Canabrava e queria saber de como cada um ali poderia contribuir, ele não tinha jeito a dar tinha de fazer a bioremediação. Eu disse que como assistente social não tinha como contribuir com ele, que não aprendi a tirar as pessoas de suas atividades. Saí da sala e achei que estaria fora. Ele conversou com João, achou que tinha jeito e voltou atrás, solicitou que fizéssemos um projeto e desenvolvesse ali. Então, fiz um novo levantamento em 1992 e levantei 1.150 pessoas no lixão. Em 1997, fiz outro levantamento de 513 catadores e 352 crianças e adolescentes, ele reconstruiu a CENBA, com mais recursos, mais também teve resistência a vinda deles para cá, foi processo longo de convencimento, porque a remediação do aterro tinha mesmo que acontecer, eu temia uma reação, falo sempre seu porque não tinha mais técnicos na área social. As pessoas não se envolviam diretamente nessa relação com eles. Então teve resistência. Vivi situações críticas, drásticas de saber que a prefeitura tinha colocado polícia para os residentes na central de catadores. Foram momentos difícilíssimos, e eu fiquei sempre na mediação da passagem deles. Trabalhei na construção da confiança e aí foi ao mesmo tempo batalhando recursos para desenvolver problemas efetivos. Uma questão muito recorrente era a quantidade das crianças e adolescentes e eles pediam para tirar pelo menos a metade dali. Então, em 1997 pensamos no projeto *Criança Canabrava*. Nessa hora eu tive a contribuição de técnicos da LIMPURB. A gente tinha que estabelecer contato com outros órgãos da prefeitura, da comunidade em si. Esse projeto tinha como objetivo tirar as crianças do aterro, mas não simplesmente retirar. Era dar a condição de ficar fora, nem que fosse uma condição mínima. Eles ficariam um turno nesse projeto em atividades de construção da cidadania, arte, capoeira, reforço escolar e no outro turno tinham que estar na escola. Receberiam uma bolsa porque se não eles iriam voltar, tinha um diferencial no valor: os adolescentes recebiam R\$ 90,00 e meninos R\$ 30,00 ou R\$ 40,00. Fizemos o levantamento e retiramos todos os meninos lá de dentro. Teve muita crítica da comunidade que se sentia toda ela no direito de participar. Eu tinha de ser muito rígida, no sentido de só colocar o menino que trabalhavam no lixo.

Pode ter tido falhas, mas no geral os que ficaram realmente foram os meninos que saíram do lixo. Começamos com 350 meninos e o projeto foi um sucesso por muito tempo. Os meninos foram crescendo muito rápido e a gente percebia a diferença deles para os que estavam no lixo. O caso de um menino de 8 a 9 anos, não lembro o nome dele e tinha uma história triste, com essa idade ele já bebia, procurava problema, e ele foi crescendo com a bebida, por mais que se tentasse tirar, dar um encaminhamento, ele não parou. Não ficou no

projeto porque bebia lá dentro, a gente tentou várias vezes, revia o caso e ele voltava, mas não se adequava mesmo. Ele continuou no álcool com 20, 21 anos ele era alcoólatra mesmo, ainda fizemos a tentativa de internar ele em Irmã Dulce. Ele foi internado. Quando eu saí de lá, ele não estava mais no projeto e em nada. Depois de um tempo, recebi a notícia de que ele tinha morrido com 22 ou 23 anos. A vida dele foi dentro do lixo. Eu não sei se o lixo contribuiu para isso, porque quando o lixo acabou ele não tinha condição de se enquadrar em nada. Ele não podia ficar no projeto porque não parava de beber. Então, ele perdeu a identidade e o alcoolismo leva o sujeito a ficar sem referência nenhuma e se você ainda perde aquela que lhe prende. Essa é uma dor muito grande que eu tenho. Eu não sei se ele é o resultado dele mesmo ou dessas mudanças que aconteceram lá. Também tiveram casos muito engraçados ali dentro.

Ubton: Essa CENBA perdurou por mais tempo nessa formatação?

Marília: Essa CENBA teve momentos difíceis. Teve de sair de um lugar para outro, porque à medida que o aterro ia sendo construído, ia mudando de lugar. Nessa transição de um para outro, eles voltaram para o lixão e foi quando se formou essa nova CENBA, que só foi fechada definitivamente em 2002. Eu não estava mais lá e eu digo graças a Deus, porque nesse período, o que teve de concreto depois do projeto criança Canabrava foi muita gente empregada na Vega que está lá até hoje. São poucas, umas 25 de um total de 300 pessoas. Entendo que foi uma coisa maquinada, porque não é possível que 275 pessoas não tenham se enquadrado. A gente brigava muito, mas tinha que conviver com essa injustiça, até que fui chegando ao meu limite, e tinha também a questão pessoal. Fui vendo técnicos que nunca colocaram o pé no lixo, e por conta da visibilidade, indo apresentar meu projeto em outros lugares. Acho que foi uma puta sacanagem. Então, por conta das injustiças e do fator pessoal eu pedi para sair e fui ganhar a metade do que eu ganhava no Hospital São Jorge. Outra coisa que fortaleceu muito a minha relação com eles foi a minha gravidez que foi toda lá dentro e eles participaram mesmo e perguntam até hoje pelo meu filho.

Ubton: A partir de 2000, você foi para onde?

Marília: Eu fui para o Hospital trabalhar só um turno e era o que eu queria para dar mais atenção ao meu filho, e aí o Pangea pensou em fazer o trabalho, que já tinha acontecido no comércio com os catadores e não tinha dado certo, então me chamaram para ajudar de lá. Comecei a fazer o trabalho com os catadores do Comércio, e aí chegou um tempo que o recurso acabou, foi tudo por água abaixo. Não tinha mais apoio, fiquei um tempo sem dinheiro. O Pangea não me dava nenhum retorno, e aí me desvinculei por mim mesmo. Demorou mais um tempo eles voltaram com a idéia de Canabrava em 2000, e aí começamos

toda a história do CAEC, que é ao meu ver uma grande coisa porque não contemplou todo mundo, mas as pessoas que estão ali não são alvo de um só benefício. Elas se reconhecem no que estão fazendo, trouxeram para a cidade o orgulho do catador, a legitimidade da profissão, a importância para o meio ambiente do que eles fazem, porque até então as práticas da LIMPURB como a COPECICLA, que não teve nenhuma participação dos catadores na construção, não envolveu os catadores de Canabrava, só os de rua e nunca teve estrutura de cooperativa. Então, esse não foi o momento deles, já a CAEC foi.

Hoje, eles têm poder decisório, crítico, tem a iniciativa de propor coisas e de tirar um pouco o centro das pessoas que conduzem e o centro passa a ser eles. Ontem, a presidente da CAEC me informou que a cooperativa ganhou um prêmio no eixo norte-nordeste e que está indo à São Paulo receber, e já tem mais três viagens marcadas para lá, estão também correndo o interior todo construindo cooperativas, fazendo capacitações, então essa é a prova.

APÊNDICE C - Entrevista Realizada com o Diretor da ONG Pangea

Entrevista com Antônio Bunchaft em 03/11/2004

Ubton: Hoje são 03/11/04, e estou aqui com o diretor do Pangea. Primeiro me diga, quem é você? Qual a sua história profissional?

Antônio: Eu sou economista, com especialização em educação ambiental, depois fiz mestrado em oceanismo. Tenho uma trajetória profissional quase que completamente vinculada a ONG'S, e em projetos sociais, desde estagiário em outras instituições, até que em determinado momento, eu e outros colegas resolvemos organizar essa entidade chamada Pangea, com o objetivo de apoiar o processo de construção de uma sociedade justa do ponto de vista social e ambiental sustentável. Juntar essas duas esferas e trabalhar nelas que são: a esfera social e ambiental, que foram historicamente dissociadas. Sempre se entendeu que as questões ambientais não tinham necessariamente nexos com a questão social, e na verdade as principais questões de degradação ambiental estão sempre envolvidas com os modelos de desenvolvimento econômico e com contextos sociais injustos. Então, o Pangea busca construir um pouco essa ação nessas diferentes esferas.

Ubton: Vocês já tinham feito outros projetos antes na direção de cooperativa? Mais especificamente da CAEC, como surgiu a idéia de construir uma cooperativa com ex-catadores de lixo, ex-badameiros?

Antônio: O Pangea se organizou em programas e um deles é a geração de trabalho e renda e cooperativismo. O entendimento é que a gente está num contexto macroeconômico a nível global, que cada vez emprega menos e utiliza mais tecnologia e capital. Esse modelo, quando se reproduz em países como o Brasil é mais perverso ainda, porque encontra já na sociedade um fosso muito estruturado de desigualdade social e faz com que objetivamente algumas pessoas, de determinada faixa da população nunca tenham um emprego fixo. São pessoas que estão à margem da empregabilidade. Então, o projeto veio um pouco com esse olhar em primeiro lugar, ou seja, a necessidade de dar uma resposta a essa faixa da população baiana que está estruturalmente excluída do mercado de trabalho e nesse contexto os catadores de material reciclável são um dos nichos na economia urbana aonde se pode gerar mais postos de trabalho. A matéria-prima está aí, é mais uma questão de envolvimento da sociedade na coleta seletiva, é um trabalho rudimentar, simples. Tudo isso facilita a inclusão

de pessoas. Então, é um pouco nesse contexto, além de que os catadores de material reciclável estavam no contexto da cidade de Salvador, talvez como um dos setores mais marginalizados, talvez o mais, ou seja, naquele lixão de Canabrava que, quando fechado, deixa as pessoas sem referência. Portanto, quer dizer se resolveu o problema ambiental, mas se aprofundou um problema social já que eles não tinham perspectiva de empregabilidade. Então, veio um pouco a responder essas questões mais macro do desemprego estrutural, etc, mas micro no que se refere às populações que estavam realmente excluídas na sociedade. Ainda é um projeto que tem caráter piloto no nosso entendimento, mas agora com essas bases estruturadas é o momento da expansão, quer dizer o envolvimento dos catadores da cidade.

Ubton: De que bases você fala?

Antônio: Bases fixas, porque você precisava na verdade sair daquela idéia do galpão alugado para um definitivo e isso está feito, O galpão fica na Brasilgás⁷⁷. Você precisava ter caminhão, maquinário, uma estruturação física para agora poder absorver mais pessoas, quer dizer a idéia é absorver mais catadores.

Ubton: Para conceber um projeto desses é preciso ter um certo investimento inicial para poder desenvolver e implantar o projeto. Se você puder falar um pouquinho dessa composição de onde vieram os apoios, como isso aconteceu?

Antônio: Um projeto como esse, de fato precisa construir parcerias nas esferas pública, privada e na sociedade civil organizada. Então, a composição de parceiros se iniciou com o projeto da União Européia que termina em maio de 2005, e foi o projeto que possibilitou dar a arrancada ao processo, ou seja, apoiar instrumentos de trabalho, capacitação, incubação, assessoramento técnico, etc. Esse foi um pouco o papel da União Européia.

Ubton: Como é que a União Européia se disponibiliza? Como ela viabiliza um projeto dessa natureza?

Antônio: É o seguinte: tem uma linha de projetos que são de combate à pobreza para o mundo inteiro. Então, há um processo de edital e seleção, instituições que precisam ser européias, não podem ser brasileiras, apresentam o projeto, a gente fez parceria com a *Vospita*, uma instituição italiana que elaborou o projeto junto com a gente, participou desse concurso. Desses projetos, para se ter uma idéia do funil, cerca de 3000 foram apresentados. No Brasil, só cinco foram aprovados. Desses, um foi o da CAEC. Então, isso é um processo cada vez mais restrito e a União Européia hoje está se vinculando mais a projetos de interesse

⁷⁷ Brasilgás: empresa de distribuição de gás liquefeito de petróleo (GLP), que localiza-se na BR 324, Salvador, Bahia.

geopolítico, tipo Oriente médio. Cada vez menos os recursos vêm para projetos dessa natureza. Depois, se somaram o governo do Estado, a Secretaria de combate à pobreza que apoiou também o maquinário e o aluguel do galpão. Depois, algumas empresas privadas como a Bahiapet que apoiaram, no início, com a compra de comida, lanche. Mas, fundamentalmente, o apoio da Bahiapet foi o que se chama de investimento institucional, quer dizer de abertura de outros parceiros, outras portas que possibilitaram criar um ambiente propício ao projeto, contatos, relacionamento, e também a parceria na comprar o PET (Polietileno tereftálico) ao melhor preço nacional, que hoje está em torno de R\$ 1,00 ou 1,00 e pouco o quilo. É um preço competitivo nacionalmente, não tem mudança. Infelizmente, não tivemos a parceria da prefeitura, da LIMPURB, que pelo contrário, teve um papel negativo nesse processo.

Ubton: Dá para você falar um pouco disso? O estado na esfera municipal não viabilizar um projeto dessa magnitude, ou pelo menos não apóia, incentiva?

Antônio: O problema em nível municipal é que o Pangea entende que é fundamental propiciar a auto-gestão dos catadores, a autonomia deles em cooperativa para que caminhem com as próprias pernas, o que nós fazemos é assessoria, mas a decisão é deles, tem que ser. E essa visão chocou frontalmente com a visão institucional da LIMPURB que percebia sempre os catadores como objeto e não como sujeitos políticos. Isso está muito vinculado a conexões clientelistas, político-eleitoreiro, uma visão, no nosso entendimento, bastante atrasada e retrógrada de se relacionar e desenvolver projetos sociais. Enfim, entendemos que temos de propiciar emancipação. Não é a toa que a CAEC, dessa forma, acabou puxando o encontro estadual. Depois, veio o movimento nacional aqui e isso gerou o encontro estadual na Bahia. Hoje, existe uma disseminação de catadores no Estado todo. Isso por conta da experiência da CAEC. Se nós tivéssemos uma política de limitar, administrar a auto-gestão deles isso não seria impossível. Ao contrário, o que a gente buscou foi exatamente estimular, não prescindir do nosso papel enquanto assessor técnico e da contribuição que podemos dar. Mas é uma relação de dupla aprendizagem. Então, faltou isso da prefeitura, que teve uma visão extremamente limitada e acredito que seja focalizada, específica da LIMPURB e não global ao nível de prefeito, etc.

Ubton: No momento da concepção do projeto, do qual participei, passamos a desenvolver uma proposta pedagógica para esse projeto. Como você ver essas pessoas e como foi pensada a proposta pedagógica no sentido de gerar autonomia, emancipação, já que esse público tem uma história de estar fora de um contrato de trabalho e o processo de exploração.

Antônio: A história dessas pessoas está voltada para esse processo de exclusão, onde a auto-estima praticamente não existia. Na verdade, é uma história de muitas derrotas, ainda que permanecessem vivos e conseguissem, de alguma forma, sobreviver e dar condições de sobrevivência a família, mesmo nas condições mais miseráveis. Isso mostrava que não existia só histórico de derrotas, mas existia também um histórico de persistência, luta e continuidade. Então, a proposta pedagógica era no sentido de tentar reconstruir a auto-estima, o orgulho de ser catador de materiais recicláveis, tentar recuperar a história deles e não excluir para colocar algo absolutamente novo e diferente, mas tentar reconstruir as condições de luta, orgulho, auto-estima para depois fundamentar outras questões que eram de habilidades específicas, de gestão de cooperativas. Na base pedagógica entraram Paulo Freire, vários inspiradores. Era necessário reconstruir o lugar de onde eles vieram e colocá-los na história novamente. Fortalecer o processo de auto-estima, espírito coletivo, que eram as bases, para depois fundar a cooperativa, porque se não tiver uma identidade e espírito coletivos não tem cooperativa.

Ubton: No primeiro momento, foi feita uma seleção, acho que de duzentas pessoas. Qual o critério utilizado para escolha inicial do grupo?

Antônio: A gente tinha pela limitação do tamanho físico, do tamanho do recurso e pela expectativa de renda dessa etapa, a necessidade de ter um grupo inicial. Não podíamos envolver todos, porque precisávamos de um espaço físico muito maior do que o que tínhamos recursos para alugar e também tinha que ter uma expectativa de volume de resíduo, que em curto prazo, não teríamos condições, visto que a renda está diretamente ligada à quantidade de recicláveis que chega lá dentro. Ter um número desproporcional jogaria a renda a níveis baixíssimos e seria contraproducente. Era preciso começar com um grupo menor, dar consistência a essa iniciativa piloto, dar visibilidade na sociedade para daí incluir mais gente e maior quantidade de resíduo. A estratégia foi feita um pouco por aí. Então, diante disso foi feita a seleção baseada em algumas características como: etnia, gênero, a questão do jovem e também a do idoso. Nesse caso, algumas pessoas que tivessem condições físicas de trabalhar, um pouco mesclando a visão de cooperativa que a pessoa tinha ou o desejo de alguma manifestação um pouco mais empreendedora, quer dizer o entendimento de que ele não estava lá para ser assalariado e teria que buscar a própria renda. Portanto, essa visão foi importante. Aquelas pessoas que já na entrevista manifestavam a visão de esperar sempre o patrão, esperando sempre o regular, o certo. Sentíamos que não tinham condição de iniciar nessa primeira etapa, onde precisávamos, muito pelo contrário, dos empreendedores mesmo. Então, foi um pouco em função disso, algumas características de certa forma compunham esse perfil médio.

Ubton: Então, veio a montagem da cooperativa propriamente dita, as dificuldades iniciais. Você poderia falar um pouco dessa etapa pedagógica elaborada com inspiração em alguns teóricos como Paulo Freire?

Antônio: Acho que essa capacitação ficou em função disso. Tinha uma característica diferente que inclusive já discutíamos no nosso seminário interno com os instrutores, já dizíamos: essa é uma capacitação que não se encerra nela mesmo. Ali o projeto era geração de emprego e renda. Então, a capacitação tinha que ter uma orientação para o futuro, no sentido de potencializar o empreendedorismo, a capacidade de iniciativa, a auto-estima, autonomia, a auto-gestão justamente porque na etapa subsequente iriam se iniciar os aspectos produtivos e era muito mais importante na capacitação dar condições de autonomia, de estímulo ao empreendedorismo do que, por exemplo, aprender como operar uma prensa, ou a contabilidade de cooperativa. Isso é uma coisa que no curso você vai aprendendo. O fundamental ali era dar o sentido coletivo, começar a criar esse espírito porque isso faz com que na etapa subsequente, quando a LIMPURB sai do processo, quer dizer rompe, porque ela ia dar o galpão, etc, a gente teve condição do grupo dizer: não vamos enfrentar esse processo, porque já tinha uma certa unidade, visão crítica. Então, isso deu as condições na etapa seguinte de enfrentar o remanejamento dos recursos, o momento mais difícil onde não tínhamos estrutura física, onde uma oferta de matéria-prima que estava certa foi retirada, que eram os postos de entrega voluntária da cidade, e a gente teve de sair do zero, ainda com a LIMPURB tendo uma posição quase de sabotagem, os condomínios onde os catadores iam eles invadiam, enfim.

Ubton: Como é que vocês do Pangea se sentiram diante dessas atitudes?

Antônio: Foi um momento de extrema tensão interna, uma sensação de uma certa traição, porque houve um compromisso, inclusive na frente de um representante da União Européia, porque do ponto de vista burocrático mais fácil teria sido concordar com a LIMPURB, dizer faça mesmo a cooperativa que vocês querem, a COPPCICLA não tem mais CAEC, vocês determinam e a gente faz. Para a União Européia que está longe do ponto de vista burocrático, o importante para ela é se tem galpão, se os catadores de papel estão na cooperativa, se a prefeitura ajuda, se essa cooperativa é auto-gestionária, ou não. Isso não entra, ela não entra nesse tipo de avaliação. Então, para nós teria sido mais confortável essa solução, mas aí vão a frente evidentemente as questões de princípio. Primeiro, a possibilidade de trair o núcleo porque a capacitação foi no sentido de eles se organizarem em cooperativa. Portanto como íamos dizer a eles que não tinha mais nada disso, não dava por uma questão de princípio, de respeito. Daí, nós enfrentamos esse processo pagando com um preço político

forte, muito elevado, porque nos acusaram de uma série de coisas, com um certo simplismo. Se você tenta fazer um projeto político de emancipação é acusado de comunista. Houve desconfiança do governo, mas acho que a gente conseguiu convencer a Secretaria de combate à pobreza, do mesmo arco político da LIMPURB percebeu o equívoco da prefeitura. Ainda que com todas as pressões contra, no fim o que conseguimos foi importante, aquela coisa você cresce na diversidade, o CAEC também cresceu na diversidade que fez com o grupo se juntasse ainda mais, tomasse mais fibra e no final desse processo a LIMPURB acabou desmoralizada. Os últimos jornais dizendo que o lixo nas ruas da cidade revela a total falta de visão sobre o problema da coleta seletiva.

Ubton: Você diz que, nos seminários, os orientadores utilizaram recursos técnicos, trabalhando na constituição de um processo coletivo. Como foi feita a seleção desses professores que iriam trabalhar com um grupo bastante específico?

Antônio: A primeira coisa era que eles tivessem um perfil de trabalhar com uma capacitação num sentido não-ortodoxo, que tivessem a percepção das dinâmicas das formas de levar aquele conhecimento de uma maneira não tradicional, mas que pudessem experimentar uma forma onde os alunos participam do processo, construindo junto. Isso está mais voltado à experiência de projetos sociais, onde os instrumentos tinham essa vivência de trabalhar com populações excluídas que fazem o processo diferir bastante da sala de aula convencional. Tem todo um jogo de dinâmicas, jogos corporativos que fazem com que o sujeito participe, consiga compreender e coloque a contribuição dele naquele processo. Mas para isso é preciso fazer algo heterodoxo, porque o sujeito já tem uma vida absolutamente difícil, um dia-a-dia complicado. Então, chegar lá à noite, e ficar numa postura passiva não tem sentido. É uma mentira. Você acaba passando o conhecimento e eles não vão absorver. Então, a preocupação era desenvolver o trabalho de uma forma interativa.